

EDIÇÃO Nº 132 | JUNHO DE 2026

REVISTA

CONEXÃO LITERATURA®

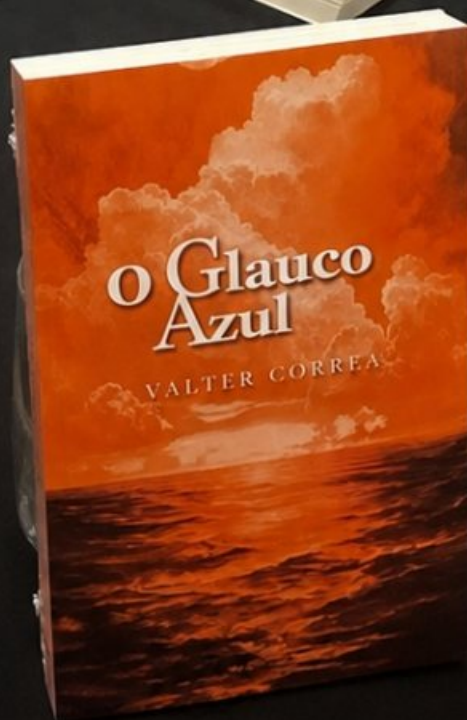
PORQUE AMAMOS LIVROS

ENTREVISTA EXCLUSIVA

Conheça a trajetória,
as inspirações e os
bastidores da escrita
de **Valter Correa**.

Valter Correa

AUTOR DOS LIVROS
O GLAUCO AZUL E
TEREZA ACABOU NO PARAÍSO



LITERATURA
QUE TOCA
E TRANSFORMA

“ Livros que emocionam, histórias que ficam. ”

www.revistaconexaoaliteratura.com.br

ISSN 2418-1068

Distribuição Gratuita

SOBRE A REVISTA

CONEXÃO LITERATURA

Com frequência mensal e com mais de 1 milhão de seguidores somados em suas redes sociais Facebook e Instagram, a Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.



SAIBA+

Para baixar nossas edições anteriores: [clique aqui](#)

Layout da capa, organização e arte interna: Ademir Pascale

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura: [clique aqui](#)

VALTER CORREA

Valter Correa, por sua vez, é um autor brasileiro que transita entre diferentes linguagens criativas. Com formação em arquitetura, urbanismo e design [...]

CONFIRA + NA PÁG. 06

06

EXPEDIENTE



Ademir Pascale
Editor-Chefe
ademir@revistaconexaoliteratura.com.br



Elenir Alves
Assessora de Imprensa
elenir@cranik.com



ISSN: 2448-1068

CONTATO E REDES SOCIAIS



Facebook: [@conexaoliteratura](#)



Instagram: [@revistaconexaoliteratura](#)



Youtube: [@conexaonerd](#)



E-mail: ademir@revistaconexaoliteratura.com.br



Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br

“

*Livros
que
emocionam,
histórias
que
ficam.*





ÍNDICE

	Expediente	02
	Editorial	04
	Patrocinadores da Revista Conexão Literatura	05
	Especial: Valter Correa, autor dos livros <i>O Glauco Azul</i> e <i>Tereza Acabou no Paraíso</i>	06
	As exéquias de Victor Hugo, por Gilmar Duarte Rocha	15
	Poema: <i>Lua Pirracenta</i> , por Mirian Menezes de Oliveira	18
	Homens: quem precisa falar sobre o machismo somos nós, por Pipo R. Ananias	20
	Cordel: <i>Padre Spadoni e A Mulher de Branco</i> , por Ademir Pascale	24
	Poema: <i>Silêncio</i> , por Ivana T. Souza	26
	Série <i>Garças Brancas e Eu</i> , por Sellma Luanny	28
	Dica para leitura	32
	Poema: <i>Deságua</i> , por Jaff Silva	34
	Resenha: <i>Teoria e ficcionalização da identidade Brasileira</i> , por Max Moreira	37
	<i>Um dia no supermercado - Um fio de esperança</i> , por João Francisco de Paula Gomes	40
	Poema: <i>O lar das memórias mais queridas</i> , por Clarissa Machado	45
	Educação: <i>arte bonita de viver</i> , por Adriano Rosa da Silva	51
	Poema: <i>Quão belo o "viver"!</i> , por Joaquim Cândido de Gouvêa	54
	<i>Minha Dor</i> , por Emerson Pagnussat	57
	Poema do <i>Mar</i> , por Flavio Joppert	63
	Entrevista com Raquel Fiori	64
	Entrevista com Débora Campos de Moraes	68
	Citações de grandes autores	71
	Conto: <i>Antonio Spadoni - Caçador de Demônios</i> , por Ademir Pascale	74
	Conto: <i>Deságua</i> , por Jaff Silva	85
	Conto: <i>Condomínio</i> , por Idicampos	89
	Conto: <i>O caso dos gladiolos brancos</i> , por Iraci J. Marin	95
	Conto: <i>O que veio do gelo</i> , por Ney Alencar	99
	Conto: <i>A rede de nuvens</i> , por Raul Schaefer Filho	106
	Conto: <i>Sem asas para voar - Parte I</i> , por Roberto Schima	111
	Conto: <i>O despertar da loba - Ou a maldição de Anhangá - Primeira Parte</i> , por Sellma Luanny	126
	Conto: <i>Olha, Isabella</i> , por Luciana Simon de Paula Leite	130
	Passatempo - Labirinto "As Viagens de Gulliver"	135
	Baixe as edições da revista	137
	Mídia Kit	138
	Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição	139



*Literatura é a
ponte entre o que
somos e o que
podemos ser.*

REVISTA

CONEXÃO

L I T E R A T U R A

EDIÇÃO
JUNHO
/2026



CONECTANDO AUTORES, INSPIRANDO LEITORES.

Editorial

Chegamos à edição de junho da Revista Conexão Literatura com muita alegria e a certeza de que seguimos fortalecendo esse espaço dedicado aos amantes da literatura.

Nesta edição, temos a honra de destacar na capa o escritor **Valter Correa**, autor dos livros *Tereza Acabou no Paraíso* e *O Glauco Azul*, em uma entrevista exclusiva na qual ele compartilha detalhes sobre sua trajetória, influências e processos criativos.

Aproveitamos também para apresentar um visual renovado da revista, com um design mais moderno e agradável, pensado para valorizar ainda mais os conteúdos e os autores que passam por nossas páginas.

A Conexão Literatura continua de portas abertas para escritores independentes ou publicados por editoras, sem distinção de gênero literário, sempre acreditando na força da pluralidade e da liberdade criativa.

Publicamos entrevistas, contos, poemas, crônicas, ensaios, dicas de leitura e muitos trabalhos que ajudam a enriquecer a literatura nacional.

Mais do que uma revista, buscamos ser um ponto de encontro entre autores, leitores e novas descobertas literárias.

Boa leitura a todos.



Ademir Pascale
Editor-Chefe

“

*Literatura é ponte.
É encontro. É liberdade.
E é por acreditar nisso que
seguimos juntos, a cada edição,
conectando histórias e
transformando palavras
em experiências.*

”



PARA SABER COMO PARTICIPAR DA REVISTA
OU DIVULGAR O SEU LIVRO CONOSCO,
ACESSE AS ÚLTIMAS PÁGINAS DESTA EDIÇÃO.



Ademir Pascale
Escritor e Editor-Chefe



E-mail:
ademir@revistaconexaoliteratura.com.br



Site:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SIGA-NOS



NOSSOS SINCEROS AGRADECIMENTOS AOS
PATROCINADORES DA

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Graças ao apoio desses parceiros, seguimos conectando autores,
histórias e leitores. Conheça quem acredita e investe na literatura!



**Joaquim Cândido
de Gouvêa**

Instagram:

[@joaquimgouvea_](https://www.instagram.com/joaquimgouvea_)



**Casa Brasileira
de Livros**

www.casabrasileiradelivros.com



Roberto Schima

Leia seus textos no site da
Revista Conexão Literatura:

<https://encurtador.com.br/ax5Gt>



**Luciana Simon de
Paula Leite**

Instagram:

[@lucianasimonleite](https://www.instagram.com/lucianasimonleite)



Mirian Menezes

Escritora Independente

Seus livros podem ser adquiridos

pelo link: encurtador.com.br/jgdpm



Gilmar Duarte Rocha

www.gilmarduarterocha.com.br

Instagram: [@gilmarduarterocha](https://www.instagram.com/gilmarduarterocha)



**Clarissa Xavier
Machado**

Instagram: [@clarissaxmachado](https://www.instagram.com/clarissaxmachado)



Jaff Silva

Youtube: [@Jaffkamphorst](https://www.youtube.com/@Jaffkamphorst)

Instagram: [@jaffkamphorst](https://www.instagram.com/jaffkamphorst)



Programa Exame Minucioso - Uma Questão

Ouçã: <https://ditto.fm/luz-e-forca-festa-doce>

WhatsApp: (21) 98503.3000

<https://www.examinucioso.com.br>

www.instagram.com/henriquemedeirossergio



APOIE A NOSSA CAUSA DE INCENTIVO À LEITURA
E FAÇA PARTE DESSE TIME.

SAIBA COMO:

CLIQUE AQUI



Valter Correa:

*entre o real, o suspense
e as profundezas humanas*

LITERATURA, DESCONFORTO E TRAVESSIAS NARRATIVAS

Por Ademir Pascale

Em *Tereza acabou no paraíso*, Valter Correa constrói uma narrativa que ultrapassa os limites da ficção tradicional e se aproxima de um retrato incômodo da realidade brasileira. A personagem Tereza surge como eixo central de uma história que atravessa diferentes camadas sociais, emocionais e culturais, revelando um país marcado por desigualdades persistentes, especialmente no que diz respeito à violência contra a mulher.

A protagonista, embora reúna atributos como inteligência, sensibilidade e estabilidade social, não escapa das estruturas de violência e opressão que atravessam o cotidiano feminino. Essa escolha narrativa reforça a percepção de que a violência de gênero não é um fenômeno isolado, mas sistêmico, atingindo mulheres de diferentes classes, origens e formações. Ao evitar discursos panfletários ou moralizantes, o autor opta por uma escrita direta, áspera e muitas vezes desconfortável, aproximando sua literatura de uma espécie de “fotografia” social da contemporaneidade.

A obra também dialoga com heranças históricas profundas, como a escravidão e suas consequências ainda perceptíveis nas estruturas sociais brasileiras. Questões relacionadas à exclusão, desigualdade e invisibilidade aparecem não apenas nos conflitos da trama, mas também nos detalhes do cotidiano, dos espaços urbanos e das relações humanas descritas pelo autor.

Valter Correa é um escritor brasileiro que transita com naturalidade entre diferentes linguagens criativas. Formado em arquitetura, urbanismo e design, leva para sua literatura um olhar atento à composição estrutural das narrativas, à construção dos ambientes e às dinâmicas sociais que cercam seus personagens. Essa influência pode ser percebida na forma como organiza suas histórias, quase como projetos arquitetônicos em que tensão, atmosfera e movimento são cuidadosamente planejados.



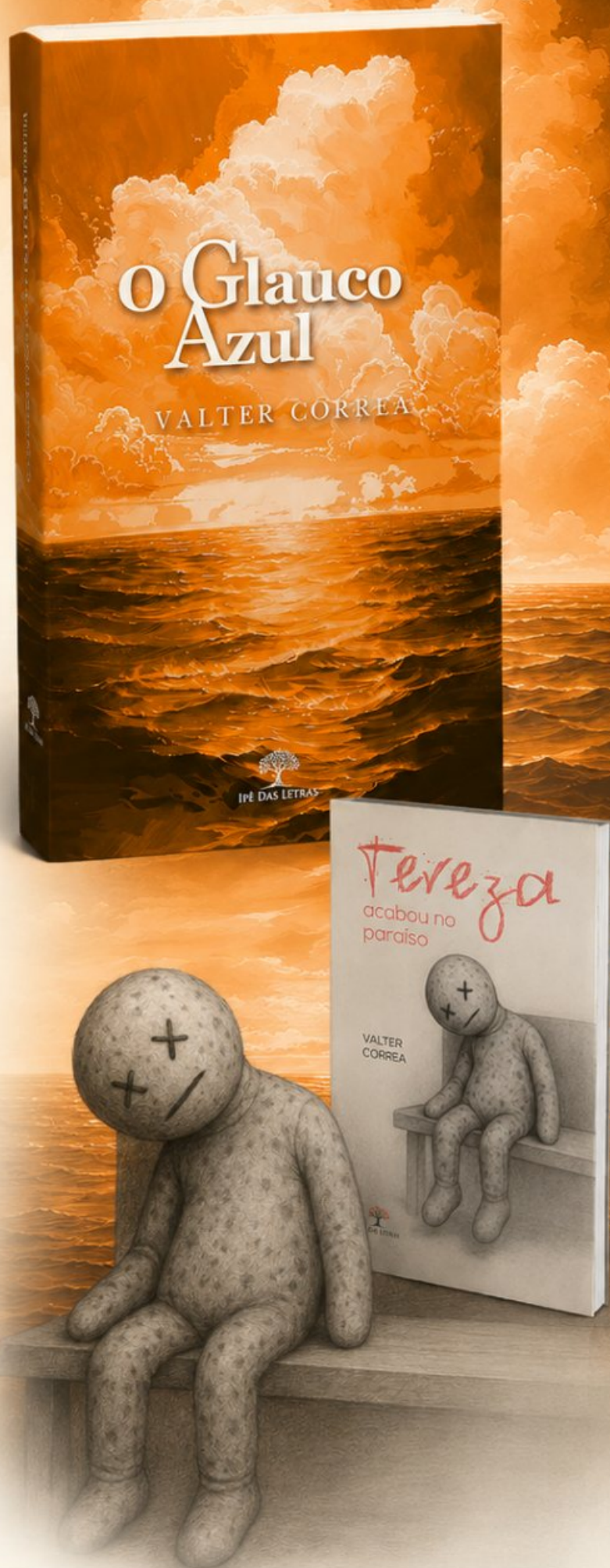
Além da literatura, também atuou à frente do site *Nauticupom*, voltado ao universo marítimo e às curiosidades náuticas — experiência que amplia significativamente o repertório técnico e imaginativo presente em sua obra. Esse fascínio pelo mar, pela navegação e pelos cenários oceânicos ganha força em *O Glauco Azul*, romance que mistura espionagem, suspense, tecnologia militar, aventura e conflitos humanos em uma narrativa de forte intensidade dramática.

Em *O Glauco Azul*, tudo começa com a descoberta de um cadáver misterioso em uma praia isolada do sul do Brasil. A partir desse acontecimento, o autor desenvolve uma trama complexa e cinematográfica que envolve organizações secretas, experiências militares clandestinas, jogos geopolíticos internacionais e uma embarcação transformada em laboratório de testes para uma arma letal. O oceano deixa de ser apenas cenário e se transforma em elemento narrativo fundamental, carregado de tensão, perigo e imprevisibilidade.

A obra também chama atenção por romper convenções tradicionais do gênero de espionagem. Em vez de apostar apenas na ação ou no heroísmo clássico, Valter Correa incorpora personagens marcados por ambiguidades morais, conflitos emocionais e relações humanas intensas, incluindo cenas de amor homoafetivo e momentos de extrema violência psicológica e física. Essa combinação de elementos amplia o impacto da narrativa e reforça a proposta do autor de subverter padrões e provocar estranhamento no leitor.

Outro aspecto marcante de sua escrita é a constante aproximação entre ficção e realidade. Embora muitos personagens sejam fictícios, diversos cenários, equipamentos, referências náuticas e contextos geopolíticos apresentados em *O Glauco Azul* dialogam com acontecimentos, tecnologias e tensões do mundo contemporâneo, criando uma atmosfera de verossimilhança que intensifica o suspense.

Em conjunto, obras como *Tereza acabou no paraíso* e *O Glauco Azul* revelam um autor que se recusa a permanecer preso a um único território narrativo. Valter Correa transita entre o social, o político, o psicológico e o aventureiro, explorando tanto os abismos da condição humana quanto os perigos ocultos das estruturas de poder. Sua literatura provoca, inquieta e desafia o leitor, sempre buscando deslocar certezas e ampliar perspectivas sobre a realidade e suas contradições.



ENTREVISTA

Valter Correa: *entre o real, o suspense e as profundezas humanas*

LITERATURA, DESCONFORTO
E TRAVESSIAS NARRATIVAS

Revista Conexão Literatura: *O que o motivou a escrever Tereza Acabou no Paraíso e transformar Tereza em uma personagem que representa tantas mulheres brasileiras?*

Valter Correa: Sempre achei curiosa a figura feminina.

Revista Conexão Literatura: *Como você constrói a ideia de Tereza como um “mosaico de experiências femininas” dentro da narrativa?*

Valter Correa: Comecei por acalantar a ideia de escrever sobre as mulheres, mas não sabia como fazê-lo. Pensei em muitas possibilidades, até que me ocorreu a ideia de uma única personagem, através da qual pudesse contar as histórias de muitas.

Revista Conexão Literatura: *Por que optar por uma abordagem tão direta e, por vezes, dura ao retratar a violência contra a mulher?*

Valter Correa: A abordagem explícita e sem concessões que adoto em meus textos é uma tentativa “fotográfica” de retratar a vida. São constatações, apenas isso.

Revista Conexão Literatura: *De que forma a herança da escravidão e suas consequências sociais aparecem de maneira simbólica ou estrutural na história?*

Valter Correa: Nas discriminações latentes da nossa sociedade, na exclusão e na falta de empatia com os mais fragilizados. É essa chaga histórica é tão presente que até a nossa arquitetura exclui.



Revista Conexão Literatura: *Como você enxerga o papel da literatura na denúncia e na reflexão sobre temas como misoginia e violência doméstica?*

Valter Correa: A literatura, como todas as artes, tem esse papel de “lupa” sobre o cotidiano das sociedades. Esse caráter frequentemente desemboca em denúncias, reflexões e contradições da nossa existência.

Revista Conexão Literatura: *O título Tereza Acabou no Paraíso é carregado de ambiguidade. O que significa esse “paraíso” dentro da obra?*

Valter Correa: Na realidade, é uma ironia, pois, como escreveu o Conselho Editorial na orelha do livro: “...o ‘Paraíso’ para onde Tereza vai não é um lugar de paz ou realização, mas o cemitério...”

Você conhece
este livro

extraordinário



Uma narrativa intensa, emocionante e necessária, que revela a força, as dores e as resistências femininas em histórias que poderiam ser de qualquer uma de nós.



Revista Conexão Literatura: *Em que medida sua formação em arquitetura, urbanismo e design influencia a forma como você estrutura suas narrativas?*

Valter Correa: Sem qualquer dúvida, ao elaborar um conto, “desenho” a estrutura. É como o arquiteto Oscar Niemeyer dizia: “Ao levantar a estrutura, a arquitetura nasce.” Depois, faço o “design do mobiliário”.



Revista Conexão Literatura: *Sua atuação com o site Nauticupom e o universo marítimo influenciam sua imaginação literária ou a construção de atmosferas nas suas obras?*

Valter Correa: Sempre apreciei o mar, a navegação e as histórias desse universo.

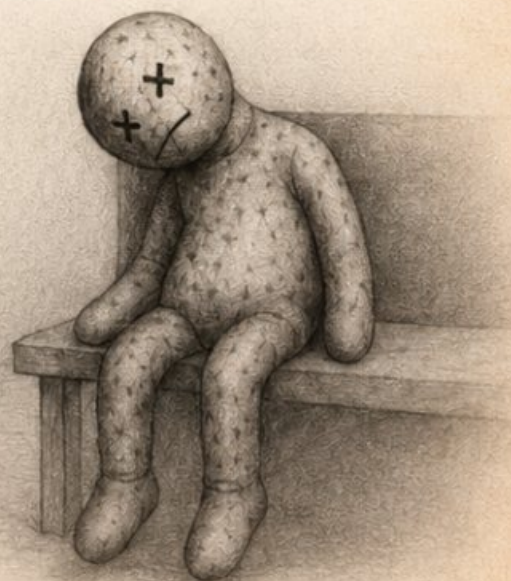


Revista Conexão Literatura: *Em O Glauco Azul, você rompe com estereótipos do gênero de espionagem. O que o levou a subverter esse tipo de narrativa?*

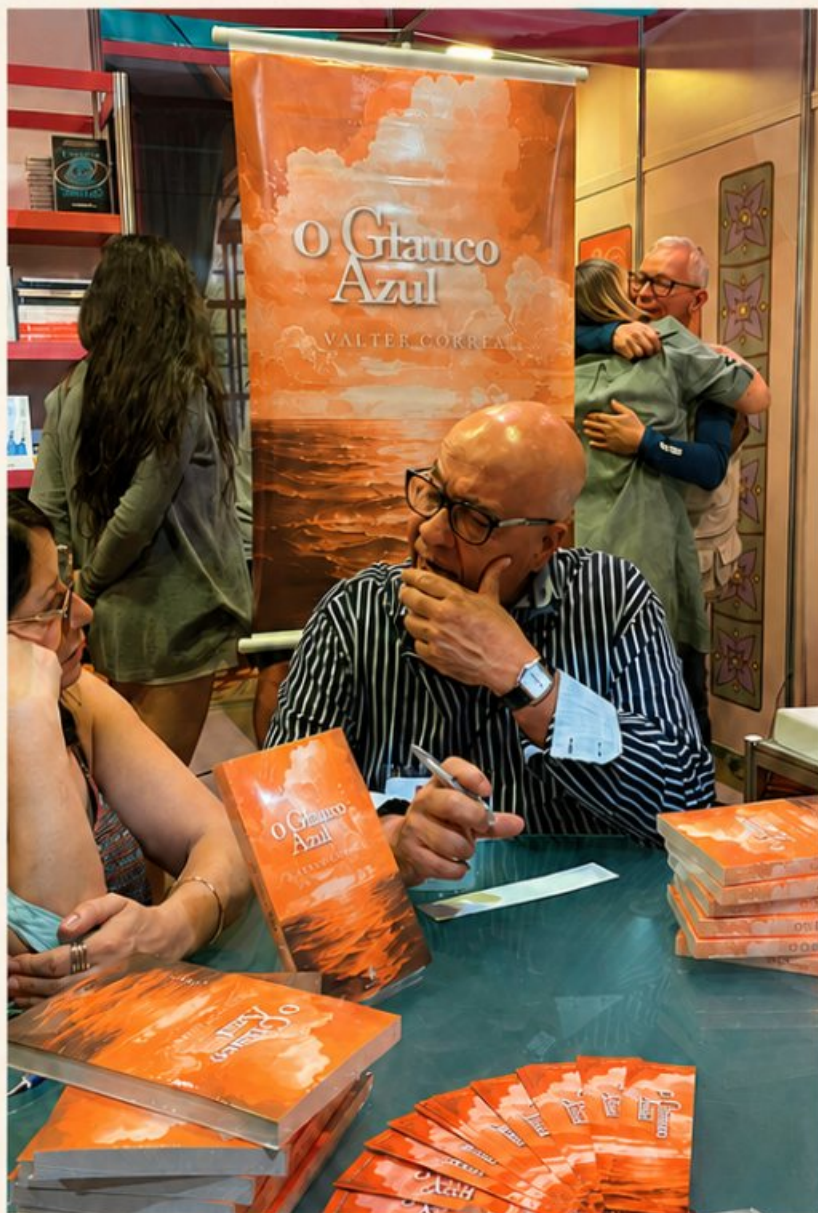
Valter Correa: A subversão ao “status quo” me seduz, e essa preferência deixo registrada nos meus textos. No caso da obra O Glauco Azul, essa opção ficou patente e muito interessante, sendo notada e comentada por muitos leitores.

Revista Conexão Literatura: *Como você equilibra, em sua produção, temas tão distintos como suspense, aventura e crítica social?*

Valter Correa: Aprecio escrever textos que gostaria de ler. Por outro lado, assim como uma pintura, um livro deve ser único. É como nós: únicos em nossa existência. Isso, a meu ver, torna a vida fascinante, sem continuidade ou repetições.



IPÊ DAS LETRAS



Revista Conexão Literatura: O livro mistura espionagem, tecnologia militar, suspense e relações humanas intensas. Como foi equilibrar tantos elementos diferentes dentro da narrativa?

Valter Correa: Toda e qualquer atividade humana requer relações. Entretanto, em *O Glauco Azul*, elas foram mais intensas em razão das relações atípicas, em momentos e ambientes adversos.

Revista Conexão Literatura: A jovem jornalista que investiga o cadáver encontrado na praia acaba conduzindo boa parte da descoberta dos fatos. O que essa personagem representa dentro da obra?

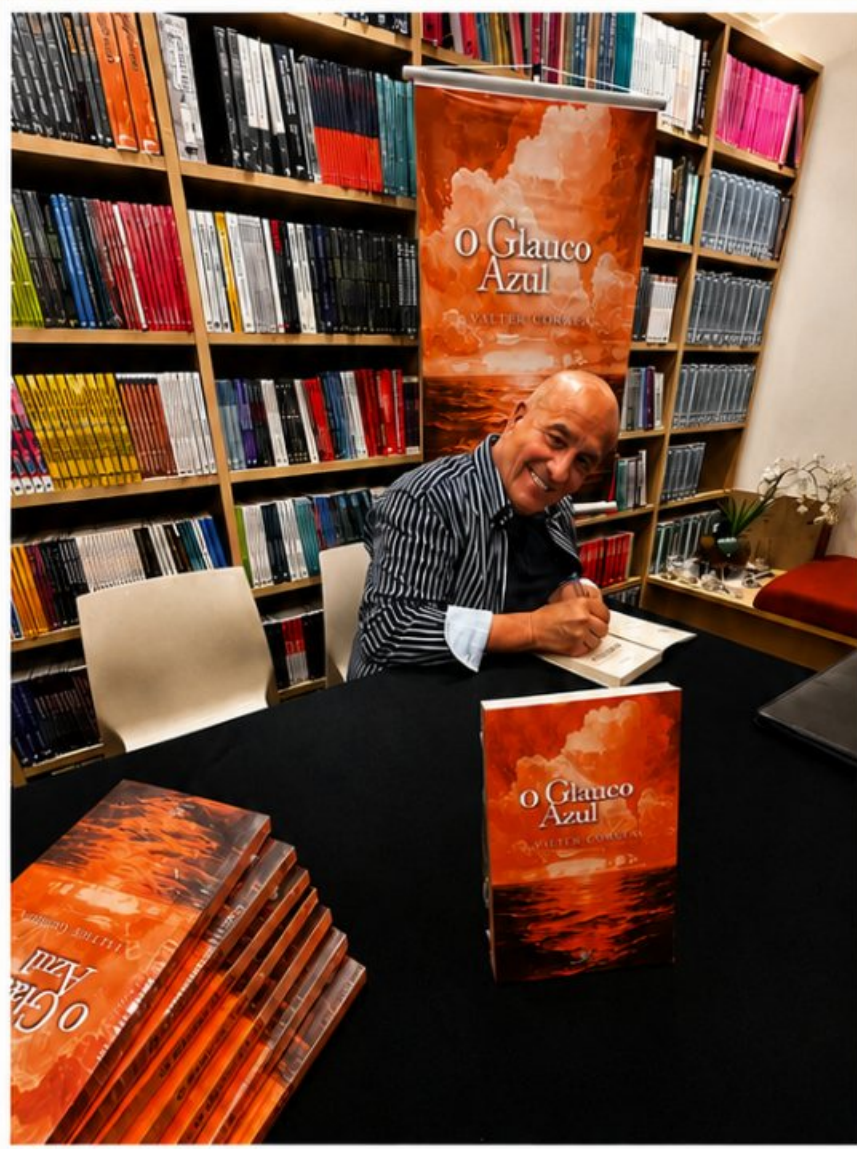
Valter Correa: A personagem Bernadete é o elo da trama. A curiosidade juvenil da personagem vai “cimentando” os acontecimentos de tal sorte que fecha a história de modo inesperado.

Revista Conexão Literatura: Você percebe algum ponto em comum entre a Tereza, de um universo social mais realista, e os personagens de *O Glauco Azul*, que transitam pelo suspense e pela espionagem?

Valter Correa: O ponto comum entre meus textos é a ancoragem em algum ponto da realidade. Em *O Glauco Azul*, os personagens principais são fictícios, porém alguns coadjuvantes existem, assim como os cenários e as máquinas. Já em *Tereza Acabou no Paraíso*, todos os personagens são fictícios, mas lugares e alguns fatos do “pano de fundo” não.

Revista Conexão Literatura: Em *O Glauco Azul*, o mar e os oceanos parecem funcionar quase como personagens da trama. Como você trabalhou essa ambientação para criar tensão e mistério?

Valter Correa: Os mares e, principalmente, a imensidão dos oceanos nos trazem, por si só, a sensação de tensão e mistério. Mesmo um navio, com centenas de metros e milhares de toneladas, não é nada diante da sua magnificência. No livro, tento mostrar esse isolamento absoluto que os oceanos proporcionam, bem como a fragilidade humana e de suas máquinas.



Revista Conexão Literatura: Em diversos momentos, os personagens vivem conflitos emocionais e afetivos em meio ao caos e ao perigo. Por que era importante inserir essas relações humanas em uma narrativa de espionagem?

Valter Correa: As emoções humanas, em qualquer cenário da vida, dão o tom da narrativa.

Revista Conexão Literatura: Sua escrita transita entre diferentes gêneros literários e temas complexos. Como você definiria sua identidade como escritor dentro da literatura brasileira contemporânea?

Valter Correa: Sou um contador de histórias. Porém, aprecio a ficção com um “pé” na realidade. Por outro lado, ao escrever um conto, vou refletindo sobre os acontecimentos que descrevo, e esse expediente me parece interessante, pois o leitor passa também a refletir sobre o assunto. Aliás, esses têm sido os comentários mais recorrentes.

Revista Conexão Literatura: As cenas de tortura e violência em *O Glauco Azul* são bastante impactantes. Qual a importância dessas passagens para a construção da atmosfera do livro?

Valter Correa: Quando pensei nessa possibilidade, pesquisei não só os inúmeros métodos, como também os instrumentos. É uma atividade corriqueira nos serviços de inteligência — uns mais, outros menos —, mas geralmente é a maneira de se obter informações. No caso, a importância se dá ao conferir à história um cunho de realidade, trágico, mas real.

Revista Conexão Literatura: O livro apresenta organizações secretas, dissidências políticas e interesses internacionais ocultos. Quanto da trama foi inspirada em acontecimentos reais ou teorias geopolíticas contemporâneas?

Valter Correa: Na realidade, o mundo sempre foi mais ou menos conturbado, e hoje não foge à regra. O fato geopolítico no livro, que serve de mote para a história, foi o episódio, em 2023, dos “balões espíões chineses” sobre o território norte-americano. A partir de então, fui alinhavando outros fatos, sem conexões entre si, mas que se combinavam, servindo à perfeição para a história que buscava.

Revista Conexão Literatura: Para os leitores que desejarem conhecer mais sobre seu trabalho, livros e projetos futuros, quais são os melhores canais para acompanhar você?

Valter Correa:
E-mail: correavalter22@gmail.com

Revista Conexão Literatura: Que mensagem ou reflexão você espera que o leitor leve ao terminar *Tereza Acabou no Paraíso* e também ao conhecer suas outras obras?

Valter Correa: Se posso deixar uma mensagem, é que sempre há esperança, mesmo quando a vida nos diz o contrário!

Mistério, poder e paixão nos mares da conspiração.

A partir do encontro de um asiático morto, com ferimentos que se pressupõe oriundos dos peixes, numa praia deserta de uma pequenina cidade no sul do Brasil, se desenvolve uma trama que ancorada em fatos reais da atualidade e sem conexões aparentes entre si, vai escalando surpreendentemente para outros fatos inesperados e carregados de perigos e aventuras.

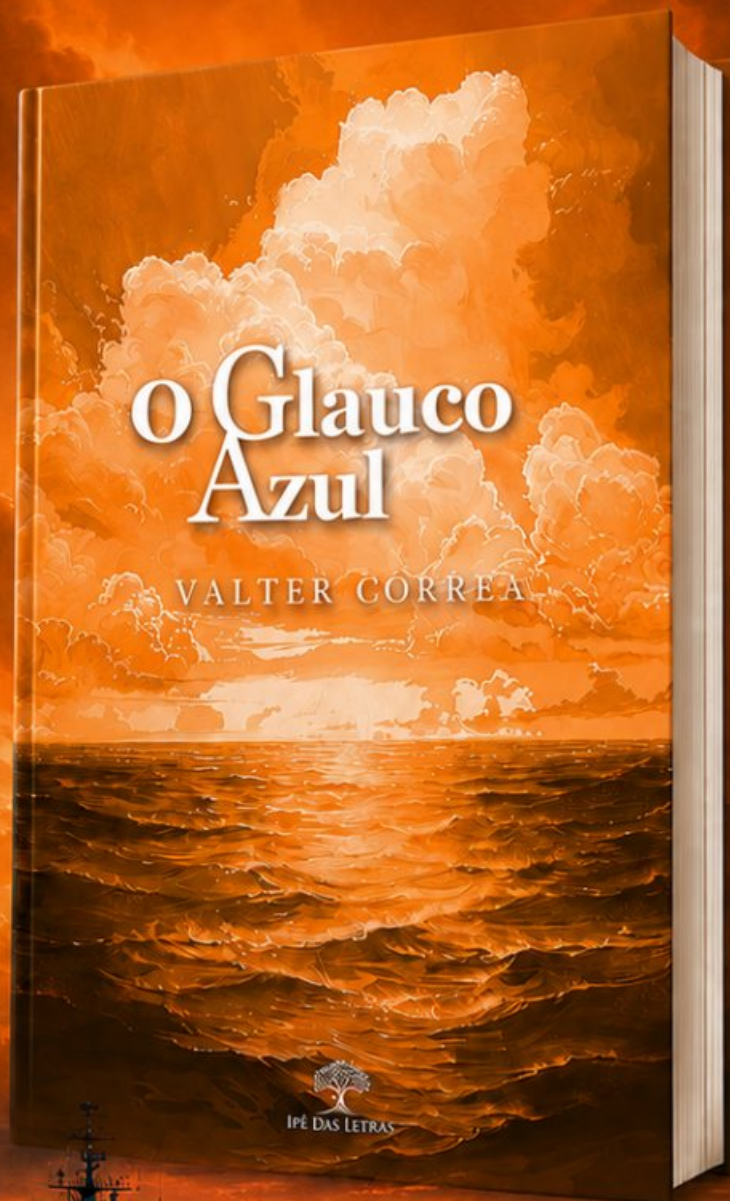
Todo o enredo se dá a bordo de um cargueiro transformado em navio de pesquisas, mas que na verdade, é um sinistro vetor onde se pretende testar, aliados, equipamentos e uma letal arma de guerra.

Entretanto, um dos países patrocinadores de tais experimentos conta com dissidentes e alguns destes, criam uma poderosa e letal organização secreta, que infiltrando um agente nesta embarcação, busca informar os países adversários, para os quais a organização trabalha, dos acontecimentos ali ocorrem.

O cenário de todo esse imbróglio são os Oceanos Pacífico e Atlântico.

Com vários personagens, onde a vida pessoal parece não se coadunar no panorama de perigo e tensão a que estão expostos, propiciando inclusive, improváveis e tórridas cenas de amor homossexual, inclusive com tenebrosas e excruciantes sessões de tortura.

Porém, graças a curiosidade de uma jovem e linda jornalista, recém formada de São Paulo, toma contato com a história do cadáver e instiga o desanimado delegado local a ajudá-la a descobrir a identidade do morto, fazendo emergir a ficção que resulta no presente livro.



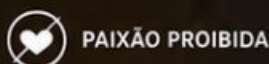
*“O mar guarda segredos.
Alguns devem permanecer escondidos.”*

Para saber mais ou adquirir:

CLIQUE AQUI




IPÊ DAS LETRAS



Tereza

acabou no paraíso

**A história de tantas mulheres.
A realidade que ninguém pode ignorar.**

- ❁ Tereza é um mosaico de muitas histórias femininas, mas também é uma faceta amarga do Brasil. Através da personagem que permite todo o livro, se descortina as vicissitudes, dificuldades e desafios das mulheres num sistema social que pode ser cruel, misógino, discriminatório, onde se agredem e ou malram mulheres, por serem o que são, mulheres.
- ❁ Essa realidade não exclui classe social ou nível intelectual, todas estarão sujeitas e submetidas às agressões psicológicas e físicas do sexo oposto. Todo o verdadeiro que o brutal oculta com uma lei exclusiva, para a salvaguarda das mulheres e seus colegas de companheiros violentos.
- ❁ A personagem não foge a esse triste status quo, mesmo tendo recebido, inteligência, talentos e ternura. Ela escreve contra a sua história em busca lembranças e abraça o seu respeito no enredo sororidade de uma realidade onde as mulheres que não sofrem algum tipo de agressão são exceções.
- ❁ O final., após quase quatro séculos de uma escravidão crudelicima, também segrega os seus melhores, não apenas as piores, mas todas. Até hoje essa chaga persiste no tecido cotidiano de normas perdidas na interpretação das suas peroratas e de mulheres perdidas no seu modo mais lisonjo pela sua redenção.
- ❁ As mulheres em nossa sociedade têm obtido valiosas conquistas, inclusive para os seus parceiros, porém há muito a ser feito.
- ❁ A personagem Tereza é um desses milhões de brasileiras, que não lugar onde mais se ama são como estatística com os seus próprios braços, mas que, no seu caso, foi vencida pelas surpresas do destino.

Como todas as mulheres desde pequenas aprendem a vida está com elas. Não as compreendemos desde sempre, sua trajetória se assemelha, são ecos e dores do passado que nos acomentam, não nos permitem morrer a sociedade algo que brasileira e brasileira diferente.

O presente livro não tem outras pretensões além de um conto ficcional, mas não impede reflexões!



“ Não é apenas uma história.
É um espelho da nossa sociedade.
É o grito de muitas que não foram ouvidas.
É a força de todas que ainda lutam. ”



HISTÓRIA FORTE E EMOCIONANTE

Livro que retrata experiências que reveam as dores e as resistências femininas.



REFLEXÃO E CONSCIÊNCIA

Uma leitura que provoca, incomoda e transforma.



VOZES REAIS, SENTIMENTOS REAIS

Uma personagem que representa milhões de mulheres brasileiras.



FICÇÃO QUE INSPIRA

Porque toda história de Tereza também pode ser a história de muitas.

Para saber mais ou adquirir:

CLIQUE AQUI



IPÊ DAS LETRAS



CORRESPONDÊNCIAS DO FIM DO MUNDO

DO AUTOR GILMAR DUARTE ROCHA

Em 1939, às vésperas da II Grande Guerra, no interior de Santa Catarina, uma comunidade de descendentes de alemães recria a cultura da terra natal por meio da língua, de usos e costumes. Mas a ocorrência de assassinatos em série chama a atenção de um policial da capital do estado, que para lá se desloca e passa a investigar a influência criminoso da ideologia importada da Alemanha nazista sobre uma comunidade até então pacífica.

Com uma narrativa densa e repleta de suspense, Gilmar Duarte Rocha oferece ao leitor o inverno glacial da Serra Catarinense como metáfora perfeita de um tempo sinistro, em que o ódio preponderou sobre a humanidade.



SUSPENSE
HISTÓRICO
ENVOLVENTE



INVESTIGAÇÃO
E MISTÉRIO



UMA HISTÓRIA
BASEADA EM
FATOS REAIS

DISPONÍVEL NAS GRANDES
PLATAFORMAS DE VENDAS



AMAZON

<https://encurtador.com.br/Car4V>



MERCADO LIVRE

<https://encurtador.com.br/DSRSw>

“

“Um thriller histórico intenso e arrebatador que revela como o ódio pode transformar qualquer inverno em trevas.”

”



“

ALGUNS INVERNOS
NUNCA TERMINAM.
ALGUMAS FERIDAS
NUNCA CICATRIZAM.

”

Em 1870, depois da derrocada de Napoleão III, ou Napoleão *Le Petit* (como o próprio Victor Hugo o rotulou pejorativamente), o escritor voltou triunfalmente à França, aclamado e ovacionado pelo povo. Sua vida social e literária parecia retornar ao prumo; publicando livros grandiosos e usufruindo do prestígio que adquirira ao longo tempo. Mas a vida passava e os oitenta e três anos chegaram e oitenta e três verões naquela época era uma eternidade.

Então aquele assunto recorrente que os escritores realistas sempre questionavam teve uma resposta: o poeta da França faleceu em 22 de maio de 1885.

A Gália parou. Literalmente.

O morto, que teve um passado glorioso e entrou de vez para a história, teve um funeral conturbado e digno de registro.

Os exageros e superlativos começaram pelo prazo de exposição ao público que as autoridades que governavam provisoriamente a França, na coalizão chamada de Terceira República, decidiram: o cadáver embalsamado do poeta deveria ser exposto ao público de 22 de maio a primeiro de junho de 1885, mais de semana portanto. Estima-se que cerca de dois milhões de pessoas acompanharam o cortejo fúnebre pelas ruas de Paris. Foi uma das maiores demonstrações de luto público na história da França.

Também em relação ao seu ataúde a coisa beirou o picaresco, pois o desejo do escritor, expresso em testamento, era ter um enterro singelo e comum. Pois bem: o corpo de Victor Hugo foi transportado em um caixão simples, conhecido como o carro fúnebre dos pobres, sem pompa nem luxo.

O caixão passou praticamente por todos os lugares representativos de Paris: do Panteão da Pátria ao Arco do Triunfo; da avenida dos Campos Elísios à praça da Concórdia; do boulevard Saint Germain ao boulevard Saint-Michel, voltando ao Panteão, local onde seria sepultado com honras de chefe de estado.

Conta-se que, durante o período das exéquias, a maioria das prostitutas francesas não trabalhou, pois “VH era tido com o melhor cliente”; quase não houve ocorrências policiais e não houve registro de qualquer evento cultural na cidade que pulsava civilização vinte quatro horas por dia.

Por fim, vale citar o trecho principal do seu testamento:

“*Dou cinquenta mil francos aos pobres. Eu quero ser levado para o cemitério em seu carro funerário. Eu recuso a oração de todas as igrejas. Eu peço uma oração a todas as almas. Eu acredito em Deus.*”

“*Aquele que abre uma escola, fecha uma prisão.*”

Victor Hugo



SOBRE O AUTOR



Gilmar Duarte Rocha, integrante da Academia Brasileira de Letras, é autor de vários livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de diretor da Associação Nacional de Escritores-ANE.



ebook

Cresça seu canal do YouTube estrategicamente

Um ebook (livro digital) com as estratégias usadas por um YouTuber para alcançar mais de 200 mil inscritos. Contém análises reais, gráficos, dicas, testes e checklists.

Aprenda a estruturar Shorts que prendem atenção, dominam o algoritmo e transformam views em inscritos.

Para saber mais, acesse <https://www.auraspace.com.br>

LUA PIRRACENTA

Por Mirian Menezes de Oliveira

Muitas vezes, a lua faz pirraça,
nas noites em que brilha toda cheia.
Num segundo, corta "em luz" a vidraça
e ilumina toda a gente da aldeia.

Porém, noutro segundo é só fumaça
e faz das finas nuvens sua teia.
Onde está o mesmo astro em toda graça?
Só sinto um fino brilho sobre a areia.

Teimosa, sob as nuvens, fica a lua.
Há muita gente que espera por ela!
Aos poucos, vão poetas pela rua...

Caçando aparições da "dama bela" ...
E, quando ela aparece toda nua,
as estrelas são "pura passarela"!

Mirian Menezes de Oliveira é Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP.
Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP.
Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras e da UBE – União Brasileira de Escritores, dedica-se, atualmente, aos estudos de Fotografia e História da Arte, visando crescimento pessoal.
Possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural.
Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros.
É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura.
Recentemente, concluiu Curso de Extensão Universitária, em História da Arte.

Tempo de *recolher* as folhas

Mirian Menezes de Oliveira



Apesar do processo intimista de organização, TEMPO DE RECOLHER AS FOLHAS não é autobiográfico, não possui fins “utilitários” e não é de autoajuda... É, somente, um livro de Poesia.



Justiça seja feita à Literatura: Arte responsável por recriar a realidade, ressignificá-la e redimensioná-la!



Literatura é VIDA, ARTE e gênero de primeira necessidade!

ADQUIRA O LIVRO NA LIVRARIA SCORTECCI

CLIQUE AQUI →

Homens: quem precisa falar sobre o machismo Somos nós

por Pipo R. Ananias

A minha maior inquietação diz respeito ao mal que causamos contra as mulheres e ao nosso silêncio sobre isso. Diariamente assistimos aos noticiários com casos de feminicídios em silêncio. Poucos homens abordam o assunto e tentam contribuir para a nossa mudança. Mas, ao meu redor, por exemplo, um ensurdecedor silêncio.

Eu sei que a gente se acostumou a acreditar que somos superiores às mulheres. Fomos criados com o discurso de dominação masculina muito bem construído. E veja, só. Agora estamos aqui. Tentando nos desconstruir. E essa nem é a palavra que eu acredito ser a ideal. No entanto, é o que precisamos, e muito!

Tenho postado vídeos falando sobre o machismo e como eu me percebi machista. Refletindo sobre os momentos em que eu fui machista, misógino ou fiquei em silêncio diante de outro homem praticando atos assim.

E, quase de forma unânime, os comentários são:

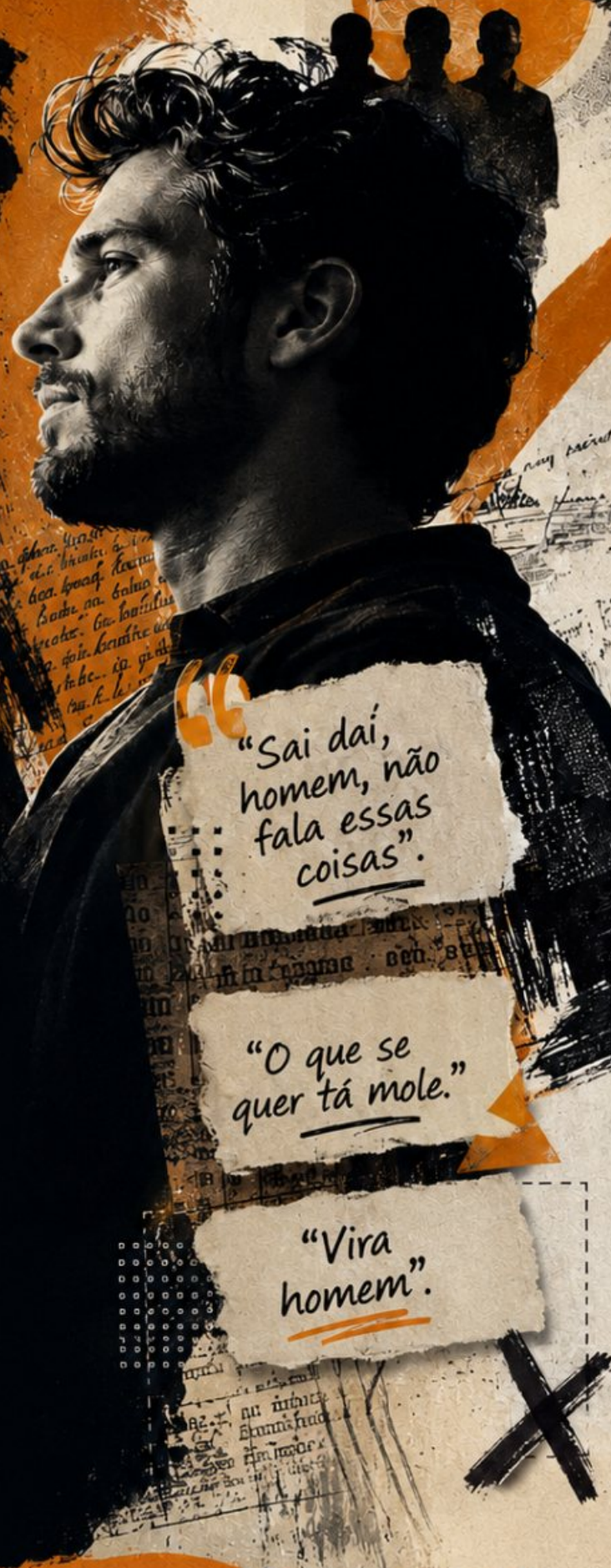
- “Sai daí, homem, não fala essas coisas”.
- “O que se quer tá mole.”
- “Vira homem”.

E por aí vai.

Mesmo me colocando como parte do problema percebo que é como se eu estivesse quebrando um “protocolo”. Aquele “manual invisível” de como ser homem que nos é ensinado desde criança.

A mesma prática, da idade da pedra, de inferiorizar às mulheres em busca de uma dominação masculina é reproduzida até hoje.

E se você é um homem falando sobre o tema e tentando evoluir, pior ainda. É como se a “seita” do macho-alpha estivesse sendo ofendida. Homens, meninos, todas as idades e regiões. Todos acreditando que estavam me inferiorizando por meio de xingamentos ligados ao feminino.



“Sai daí,
homem, não
fala essas
coisas”.

“O que se
quer tá mole.”

“Vira
homem”.

Como eu me descobri machista?

Foi ao longo de anos, nada fácil e claro, infelizmente. Um conjunto de atos, falas, pensamentos que foram me incomodando. Quando eu questioneei o vestido curto de uma antiga namorada aos dezoito anos, quando eu fiz piadas e deixei algumas colegas de trabalho constrangidas, quando eu me omito vendo outro homem cometer um ato machista. Aos poucos fui refletindo e notando que eu fazia parte daquilo.

Eu presenciei diversas cenas de machismo. Os protagonistas eram amigos, parentes, desconhecidos e, por muitas vezes, eu era o protagonista. Até perceber que todas essas situações culminam em homens que matam mulheres. Tiram vidas femininas por se sentirem superiores, acreditarem que têm posse sobre as mulheres e diversas outras crenças trazidas de séculos passados e reforçadas por nossa sociedade patriarcal.

Assim eu percebi que faço parte de algo muito mais perigoso para as mulheres. E quando eu assisto a uma notícia de crime contra mulheres, me envergonho por ser homem. E nesse momento eu percebo que sou sim um machista. Eu já estou em evolução, mas sou parte do problema.

O que é o Machismo?

Você vai encontrar facilmente uma definição para o machismo no Google ou em dicionários, mais ou menos assim: um conjunto de crenças que prega superioridade masculina. Que naturaliza a subordinação das mulheres e a desigualdade de gênero.

Para mim, o machismo é aquela fala do pai orgulhoso em um churrasco da família, sugerindo que seu filho é homem porque “tem o saco roxo”. Ou quando diz ao filho infante “coloca pra fora e mija aí mesmo, você é homem”. Com a filha mulher não é assim. Ela precisa ser comportada, discreta e feminina.

O machismo também se manifesta ao comentar em um post sobre machismo, afirmando que o homem que cria conteúdo sobre o tema e tenta promover mudanças é menos homem por fazê-lo. É não se incomodar quando percebe outro homem assediando uma mulher na balada. Apenas assistir, sem fazer nada. É relativizar o sucesso da colega no trabalho relacionando sua ascensão com algum relacionamento com superiores. É falar do corpo de uma mulher com outros homens como se você fosse o dono ou pudesse julgar alguém.

Machismo é silenciar. O silêncio é o maior ato machista que nós homens cometemos.



Machismo é silenciar. O silêncio é o maior ato machista que nós homens cometemos.



O silêncio dos homens diante do machismo

Ao não falar sobre o tema deixamos de prestar uma contribuição para a sociedade. Fazemos com que homens assassinos de mulheres ganhem força, acreditando que o que eles fazem ou fizeram é “normal”. Quando preferimos ofender quem fala sobre o tema em vez de debater e, juntos, refletirmos sobre como podemos melhorar. Essa tentativa de silenciar o outro homem que fala do machismo é também um jeito de manter tudo como está.

Tudo começa pequeno. Uma omissão, uma piada mal colocada, uma cobrança em forma de carinho. Aquele sentimento de superioridade e posse perante a parceira. O fato de vivermos tentando suportar tudo sem expressar nossos sentimentos. Afinal, homem não chora! E quando chora, parece que está sendo fatal para com as mulheres, não é mesmo?

E olha como termina o nosso silêncio: segundo o Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP), 399 mulheres foram vítimas de feminicídio entre janeiro e março de 2026. Esse número significa que aproximadamente quatro mulheres foram mortas por dia, ou um feminicídio a cada cinco horas e 25 minutos. (Fonte: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil/brasil-tem-1-trimestre-mais-letal-da-historia-para-mulheres-em-2026>)

Esses números me causam arrepios, medo e vergonha. Não somos todos assassinos de mulheres. Longe disso. Só que a gente deve expandir as conversas sobre o machismo e a misoginia, sim! Parar de desqualificar leis conquistadas, desmerecer mulheres em redes sociais ou em qualquer outro lugar, e o mais importante: nós, homens, precisamos falar sobre machismo, aprender sobre e parar de praticar atos machistas, seja qual for o tamanho desse comportamento.

Quem precisa falar e aprender sobre machismos somos nós homens.

As mulheres são as vítimas!

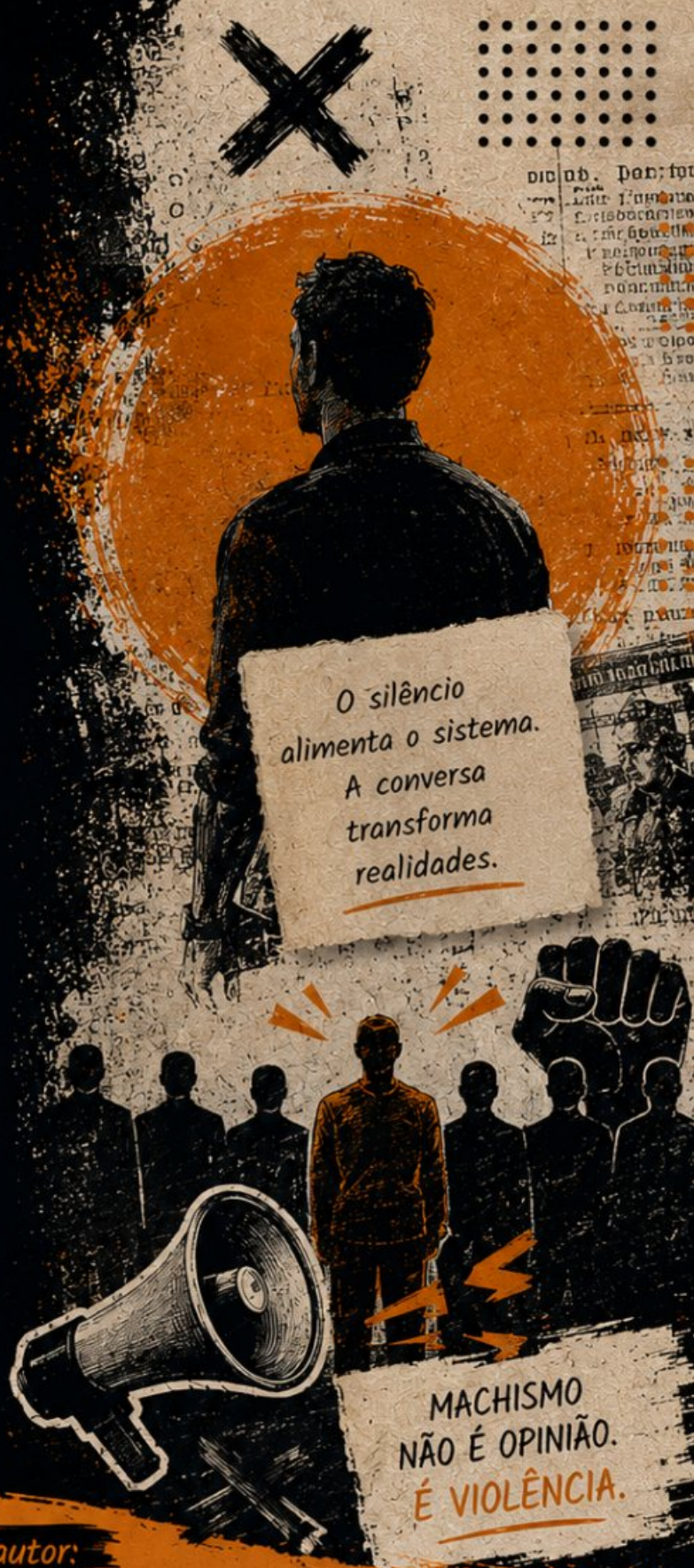


Sobre o autor:

Pipo R. Ananias, 41, é jornalista e escritor.

Escreve sobre o que os homens sentem, mas nunca falam. Seu livro de estreia, *Os Homens Não Conhecem o Amor*, tem o ebook entre os 100 mais vendidos da sua categoria na Amazon.

Seu próximo livro, *Todo Mundo Conhece um Homem Perigoso*, é um relato em primeira pessoa sobre como cresceu e conviveu com o machismo e a omissão masculina diante dele.



REVISTA

CONEXÃO

Literatura

LEITURA QUE CONECTA. HISTÓRIAS QUE FICAM.



NOSSA REVISTA
VIAJA NUM
SEGUNDO ATÉ
VOCÊ. ELA
TAMBÉM VIAJA
NO TEMPO.



Desde 2015 no ar,

trazendo com carinho e dedicação dicas para leitura, entrevistas com escritores, contos, poemas, crônicas e muito mais. Feita por nerds especialmente para você.

LITERATURA É:

VIDA



ARTE



TEMPO



DE PRIMEIRA NECESSIDADE!

*Conecte-se com
boas histórias.*

ACOMPANHE, LEIA, COMPARTILHE!

“

Ler é viajar sem sair do lugar e voltar transformado.

AQUI, CADA PÁGINA ABRE
PORTAS PARA NOVOS MUNDOS.



REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

PADRE SPADONI E A MULHER DE BRANCO

★ CORDEL DE ADEMIR PASCALE ★

Na beira do riacho, onde o juazeiro chora,
aparece, toda noite, uma figura de agora.
É a mulher de branco, dizem, alma penada,
que chora o que perdeu, na vida maltratada.


O povo tem medo, faz sinal da cruz,
fecha porta e janela, quando a lua reluz.
Ela caminha leve, cabelo ao vento solto,
e quem a vê de perto... perde o juízo, e o norte.

Chamaram Padre Spadoni, sério e destemido,
que não foge de assombro, enfrenta o que é temido.
Veio com terço na mão e fé no coração,
pra entender aquela dor e dar salvação.

À meia-noite em ponto, no silêncio da estrada,
ela surgiu chorando, tão linda... tão cansada.
— “Padre, eu não sou má, só quero descanso,
fui traída em vida, carrego amor quebrado.”

Padre Spadoni ouviu, com voz firme e mansa:
— “Deus perdoa tudo, quem sincero se cansa.
Reze comigo, minha filha, bata no peito,
que a luz do Pai te guia e cura qualquer defeito.”

Ela ajoelhou, chorou, fez a oração inteira,
e a luz de bem-te-vi clareou a ribanceira.
Desde aquela noite, não assombra mais ninguém,
virou flor no caminho, virou paz também.

O povo hoje conta com fé e gratidão:
Padre Spadoni tem dom e tem compaixão. 
Não é só com espada que se vence o mal,
às vezes, basta escutar... e amar de verdade, afinal.



★ SOBRE O AUTOR ★



Ademir Pascale é Paulista, escritor e ativista cultural, criador e Editor da Revista Conexão Literatura, Chanceler na Academia Brasileira de Escritores (Abresc). Associado da CBL (Câmara Brasileira do Livro).

Já foi Educador Social e também trabalhou por 18 anos no setor de Inclusão Digital na Cidade de São Paulo, numa rede de solidariedade que desenvolve ações de promoção da vida em várias partes do país e do mundo, um trabalho desenvolvido para pessoas em situação de vulnerabilidade e exclusão social.

Participou em mais de 100 livros, tendo contos publicados no Brasil, México, China, Portugal e França, Organizador do livro “Possessão Alienígena” (Editora Devir) e “Time Out – Os Viajantes do Tempo” (Editora Estronho). Entre a organização de suas antologias, estão os títulos “O Legado de Edgar Allan Poe”, “Histórias Para Ler e Morrer” de Medo” e outras.



Contato: ademirpascale@gmail.com

 **REVISTA CONEXÃO LITERATURA** 

— PARTICIPE DA ANTOLOGIA —

PARA SEMPRE

CONTOS E POEMAS DE AMIZADE E AMOR

SUA HISTÓRIA

pode durar
PARA SEMPRE.

Participe desta antologia especial e compartilhe contos e poemas que celebram os laços mais sinceros: **amizade** e **amor**.



Contos e poemas inspiradores sobre amizade e amor.



Faça parte de uma obra coletiva repleta de sentimentos.



Seu nome entre grandes autores e histórias que tocam o coração.



EXPRESSE seus sentimentos em palavras.



CONECTE-SE com leitores que sentem como você.



DEIXE SEU LEGADO em uma obra que marcará gerações.

SAIBA MAIS E PARTICIPE

— ♥ — [CLIQUE AQUI!](#) — ♥ —

SILÊNCIO

POR IVANA T. SOUZA

“ É NO REFÚGIO DO SILÊNCIO
E NA FORTALEZA DA SOLIDÃO
QUE HAURIMOS AS MAIS
SAGRADAS ENERGIAS PARA
A NOSSA ALMA, POR VEZES
TÃO EXAURIDA E DISTANTE
DA LUZ E DA VERDADE:
VERDADEIROS PORTAIS
DE PAZ E LIBERDADE. ”



Ivana T. Souza, nasceu em Barro Branco, Distrito de Lauro Muller, Sul de Santa Catarina. Atualmente reside em Joinville - SC. Escreve contos, microcontos, poemas e poesias. É esperantista, e membro da Mostra de Arte Literária Espírita de Joinville - CEPS.

CONTATOS:



E-mail: ivana.souzat@gmail.com



Instagram: [ivana_souzat](https://www.instagram.com/ivana_souzat)

CONHEÇA A ONG

CÃO SEM DONO

SÃO CENTENAS DE CÃES QUE AGUARDAM POR SUA AJUDA

SAIBA MAIS:



www.caosemdono.com.br



Adote amor,
mude vidas!



@CAOSEMDONO.OFICIAL



WWW.CAOSEMDONO.COM.BR





Manhãs Que Se Seguem

Por Sellma Luanny

Um amanhecer sem brilho...
E uma branca alvura num fundo
cinza, a passar voando...
e por outra seguida.

Impressionante a força
da continuidade que amanhece
e faz seguir... Neste exíguo espaço,
enquanto podem, imperiosas.

De todas... todas que sobrevivem...
quantas, não imagino.
Nada sei das suas particularidades...
Só da beleza que aos meus olhos, trazem.





Série GARÇAS BRANCAS E EU

Belas. Mas Raras

Por Sellma Luanny

Sentada à janela em mais um alvorecer
vejo uma branca garcinha, solitária a voar.
A contrastar com a vista, a sua alvura.
E ela parece já retornar do seu voo a sós.

Essas belas, no que o meu horizonte
enquadra, raras já são. Nos seus instintos,
para outros lugares, devem seguir.
De repente, duas indo e duas a voltarem...

e retorna a ausência... Sem ter o que mais admirar,
o que mais a me ligar, desligo-me da tela.
Da imagem que mais me reforça o contínuo,
da sua perda sei... mas não como voltar a ela.





Agraciada

Por Sellma Luanny

E no estender dos últimos suspiros inverniais,
continua do dia, o mais cedo clarear...
no rumar para, se não mais puros,
pelo menos mais amenos ares primaveris.

E sou agraciada pela bela e alva alada,
que destemida voa rumo à fonte.
Logo depois, outra a voltar após a busca.
No sua extremosa tarefa, mais do que a si,
alimentar a extensão do seu futuro.

Neste limitado presente, o pesar das ações
de todos... sobre os demais seres... e elas.
No conjunto, acertos e falhas... e mais falhas
que acertos na nossa larga cesta.





Apesar Do Fosco Ar

Por Sellma Luanny

Apesar da neblina e poluição
no denso espaço, à espera de vê-las,
vejo uma delas, jovem, que alto voa...
mas pelo sujo ar, a sua cor indefinida.

Não é convidativo o dia lá fora...
Mas a obrigação de viver, é missão.
Não só minha, mas delas também...
E sou presenteada pela sua imagem.

E lá estão... vigorosamente a existir.
Vencem com as frágeis e leves asas
todo o suspenso peso... e a gravidade.
No ápice da evolução alada, estão.



Sobre a autora:

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



Nota de rodapé: décima terceira parte da série
GARÇAS BRANCAS E EU (partes publicadas
mensalmente, nesta revista)



DICA DE Leitura



Histórias que inspiram, ensinam e transformam!

Para sua
mente



Para seu
coração



Acesse o site
www.divulgalivros.org
e baixe o e-book
gratuitamente!



Acesse o site
www.divulgalivros.org
e baixe o e-book
gratuitamente!



Leia mais.
Viva melhor.



REVISTA CONEXÃO LITERATURA

TODOS OS MESES UMA
NOVA EDIÇÃO



CLARICE LISPECTOR

VIDAS SECAS

GRACILIANO RAMOS
GRACILIANO RAMOS

A HORA DA ESTRELA
CLARICE LISPECTOR

leituras
transformam

Deságua

(ADAPTAÇÃO LÍRICA)

IA GEMINI E JAFF SILVA



O clima mudou, já não há mais abrigo
A água que cai é um sólido inimigo
Goteiras vazando no teto do meu espaço
Guarda-chuva aberto em cada passo
O calendário na mesa, riscado em vermelho
O sol já é lenda, um pálido espelho



E não para de chover, o mundo deságua
E o chão que eu pisava virou pura mágoa
Dois milhões de anos num eco distante
Um dilúvio mudo, um fim incessante
E para todo o mundo ver
Não para de chover...
Não para de chover...



Guardo a água potável, conserto a parede
Mas a força do tempo destrói minha rede
A luz foi embora, dois cliques em vão
O escuro me abraça, e vem a inanição
A tela do celular não tem mais sinal
E o silêncio lá fora soa tão irreal



E não para de chover, o mundo deságua
E o chão que eu pisava virou pura mágoa
Dois milhões de anos num eco distante
Um dilúvio mudo, um fim incessante
E para todo o mundo ver
Não para de chover...
Não para de chover...





Solidão escolhida é paz que se abriga
Mas a imposta de fora é dor que castiga
Estou mal barbeado, com fome, cansado
Tentando não ver meu destino traçado

*Um estrondo profundo ecoou...
Barulho telúrico, a terra a balançar
A massa de água no vidro jorrou
Um mar inteiro afogando meu lar
A chuva não para.
A chuva não para.*

Ouçã a música Deságua, por Jaff Silva:



**Solidão escolhida é paz
que se abriga**

Jaff Silva (pseudônimo de Jafferson Kamphorst Leal da Silva) nasceu em Ijuí-RS, é casado e tem duas filhas. Na UFMG, cursou o bacharelado e o mestrado em Física. Obteve o doutorado em Ciências na Universidade de Genebra (Suíça). É professor titular aposentado da UFMG. Tem publicado digitalmente nas Antologias e nas Edições da Revista Conexão Literatura. Em fevereiro de 2025, publicou de forma independente o seu primeiro livro de poesia, “Versos Sem Dó”, na Amazon-BR via a plataforma KDP (link: <https://www.amazon.com.br/dp/B0DY31Y1V4>). Ele escreve seus poemas em português e os traduz para várias línguas. Gosta de criar vídeos e músicas com o auxílio de plataformas de Inteligência Artificial. Vários REELs e Poemas Musicais estão disponíveis no Facebook (link: <https://www.facebook.com/jaffersonkamphorstleal.dasilva>), no Instagram (@jaffkamphorst), no Youtube (@Jaffkamphorst) e em quase todas plataformas de músicas (Spotify, YouTube, Tidal etc.).



PACOTE

DIVULGAÇÃO PARA

AUTORES

PROMOVA O SEU LIVRO COM A GENTE!

Quer divulgar seu livro para
MILHARES DE LEITORES?



AUMENTE SUA
VISIBILIDADE



PROMOVA
SEU LIVRO



CONQUISTE NOVOS
LEITORES

PACOTE DE DIVULGAÇÃO
POR APENAS

R\$ 180,00

ENTRE EM CONTATO



E-MAIL:
ademir@divulgalivros.org



revistaconexaoliteratura.com.br



PALAVRAS
INSPIRAM.
DIVULGAÇÃO
TRANSFORMA
LEITORES EM
FÃS.



“ UM BOM LIVRO
MERECE SER LIDO.
E DIVULGADO!



RESENHA:

Teoria e Ficcionalização da Identidade Brasileira,

por Max Moreira

O texto “Teoria e Ficcionalização da Identidade Brasileira”, de Carlos Gildemar Pontes, publicado no *Jornal de Poesia*, expõe conceitos e ideias sobre a identidade cultural brasileira, a fim de mostrar uma melhor visão sobre o assunto.

O livro está dividido em quatro partes, assim designado: (1) Introdução; (2) Conceitos e Confrontos de Identidades; (3) Do Didatismo Catequético à Criação Literária; (4) Literatura, Identidade e Nação. Em todo o texto, PONTES fala sobre a formação da identidade nacional do Brasil.



A Primeira Parte – “Introdução” – fala sobre como ocorreu a colonização do território brasileiro e menciona suas consequências, além de destacar o choque cultural entre a cultura nativa e a cultura do colonizador, e a miscigenação das raças. PONTES enfatiza a estratégia de Portugal que teve a habilidade de dominar o extenso território brasileiro, expulsando os invasores, porém, estes deixaram suas marcas, contribuindo para mudar a estrutura das condições existentes antes da descoberta e conquista do Novo Mundo.



A Segunda Parte – “Conceitos e Confrontos de Identidades” – mostra que a literatura tem contribuído consideravelmente para ampliar o conceito de “identidade cultural”, pois a literatura “encerra mais filosofia e verdade que a história”, devido a sua ficcionalização que foge “às regras estabelecidas pelas Ciências Exatas”. PONTES fala que o escritor não tem compromisso com a verdade histórica, e sim, com a verdade histórica recriada através da arte, e assim, poderemos compreender melhor o contexto de cada época histórica do Brasil. A noção de “identidade cultural” ganha força no período romântico, na qual se inicia um processo de nacionalização da cultura que contribuirá para a formação de uma consciência nacional voltada para o próprio país. PONTES cita o romance de José de Alencar como portador de grande força contra as matrizes culturais. PONTES salienta também o que ele chama de “atividade cultural”, aquela capaz de libertar o homem da alienação imposta pelo sistema dominante, que o privava de construir sua própria identidade, além de mostrar a diferença entre civilidade e barbaridade que vem a ser um critério para compreendermos cada tipo de cultura. Outra questão levantada por PONTES menciona os primeiros trezentos anos da nossa formação literária na qual prevaleceram à estética europeia e cita a visão historicista de Antonio Candido que afirma que tudo que não estiver agregado aos seus moldes não é literatura, ou seja, tudo que for imitação da Europa, não seria literatura legítima.





A Terceira Parte – “Do Didatismo Catequético à Criação Literária” – começa mencionando a importância das informações coletadas pelos viajantes e missionários que visitaram o território brasileiro, cujas crônicas contribuíram para captarmos as condições da cultura nativa. PONTES reforça seu argumento mencionado à chegada da Família Real no Brasil no século 19, que foi de extrema importância para o nascimento de um ambiente cultural propício para a difusão de ideias intelectuais e a integração do Brasil no cenário mundial. PONTES destaca que o culto do nacionalismo ganha força com o Romantismo brasileiro revelando “a necessidade de ruptura com todas as formas de opressão cultural”, e que o Brasil tornou-se mais autônomo com a independência política, mostrando sua necessidade de afirmar uma diferença cultural em relação a do colonizador.



A Quarta Parte – “Literatura, Identidade e Nação” – inicia-se falando sobre o nacionalismo dos românticos que buscavam os elementos de sua temática [nativismo e indianismo] através dos valores da terra e do Índio. PONTES cita o nacionalismo de José de Alencar que é a expressão por excelência da resistência cultural aos moldes europeus. Tal resistência conseguiu incorporar a diversidade cultural do colonizador à cultura nativa, cujo “tecido cultural” nasce de forma que as diferenças culturais não são mais adversas, mas integradas. Para José de Alencar, segundo PONTES, a formação da nação estava definida pela literatura, e foi através dela que o próprio Alencar tentou mostrar as diferenças culturais entre Brasil e Portugal com a pretensão de dar uma dimensão da grandeza do Brasil. O “processo de abasileiramento” da nossa cultura, segundo PONTES, surge na tentativa de criar uma literatura unicamente nossa, a Literatura Brasileira e, conseqüentemente, a formação da Cultura Brasileira.

Jornal
de Poesia

PONTES, Carlos Gildemar. Teoria e ficcionalização da identidade brasileira. *Jornal de Poesia*, [2006?]. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/carlosgildemar8.html>. Acesso em: 08 de maio de 2026.



SOBRE O AUTOR

Max Moreira, 42 anos, cursou Letras na Universidade Federal de Campina Grande – UFCG – PB, formando-se em 2009. Atua como Técnico Administrativo desde 2013.

O livro *A Floresta Encantada: Contos e Fábulas* (Lura Editorial – 2024), antologia que traz um conto seu intitulado ‘A Entidade’, é a dica de leitura da vez recomendada pelo autor.

Privilegia o gênero conto, com textos publicados em antologias variadas.

* COMPLEMENTO

A obra de Carlos Gildemar Pontes convida o leitor a refletir sobre como a literatura não apenas registra a história, mas recria sentidos, questiona heranças e constrói caminhos para uma identidade nacional mais consciente e plural.



CANAL CONEXÃO NERD

1 MINUTO DE TERROR

HISTÓRIAS CURTAS.
SUSPENSE REAL.
ARREPIOS EM
60 SEGUNDOS.

COM

ADEMIR PASCALE



CLIQUE E ASSISTA
AO PRIMEIRO VÍDEO
DA SÉRIE



SE VOCÊ TEM
CORAGEM,
O TERROR TEM
1 MINUTO.



WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD

Um dia no Supermercado-

Um fio de Esperança



João Francisco de Paula Gomes

O dia? Uma tarde de quarta-feira de maio do ano de 2026. O calor afrontava ali seus mais de 30 graus Celsius. Havia algumas nuvens no céu, mas o ar estava abafado. As construções da cidade se avolumavam em altura e extensão. Criavam com isso uma barreira artificial aos ventos que poderiam trazer alguma brisa fresca e amenizadora. Mas, é isso mesmo, faz parte do progresso. Havia muitas árvores pela cidade, mas algumas ainda não tinham o porte mais avantajado para amenizar totalmente o clima, às vezes implacável. No entorno da cidade, proliferavam as monoculturas, essenciais ao provimento de carboidratos, como os oriundos do milho, sorgo, arroz e, ainda, açúcar e proteínas vegetais de leguminosas como a soja e feijão. Também, os gados bovinos, caprinos, suínos e frangos, criados nos arredores, forneciam leite e carne. Muitos produtores se preocupavam em manter suas reservas nativas legais, mas a impressão que se tinha é que nem todos - ainda que uma minoria - tinham essa mesma responsabilidade.

Bom, o certo que, o desmatamento e/ou as queimadas mal planejadas, provavelmente ilegais, ou até criminosas, fazia o inverso da cidade: enquanto essa se expandia, na vertical e horizontal, impedindo a passagem dos ventos, as áreas desmatadas e/ou culturas mais baixas, abriam espaços e carreavam esses ventos benfazejos para outras bandas, ventos que poderiam estar trazendo as nuvens de rios voadores, vindas da Amazônia, carregadas de vapores de água, que se mesclariam num encontro de outras, vindas do Atlântico, trazendo as chuvas tão alvissareiras, que irrigariam o solo e amenizariam o clima tão quente. Mas, esse é um assunto complexo, exaustivamente estudado e já discutido em inúmeros tratados de cientistas e pesquisadores. Vamos, então, ao assunto desse conto, que é o que importa.

Chegamos ao supermercado. Era um desses mais populares, grande, tipo o que chamam hoje de atacarejo.

Com as compras no carrinho, fomos para a fila de atendimento preferencial, afinal já não éramos mais tão jovens. Eram duas filas desse tipo naquele estabelecimento comercial.





Ah, antes, ao fazer as compras, observei um outro senhor, talvez da minha idade, empurrando seu carrinho de compras. À sua frente, duas senhoras e um garoto, com seus carrinhos, atravancavam o deslocamento do referido senhor. Ele solicitou passagem e, na mesma hora elas ajeitaram seus carrinhos para ele passar. O garoto fez um sinal amistoso ao homem, que retribuiu prontamente e assim continuou seu intento das compras. Mas o garoto falou qualquer coisa e chamou sua atenção. Ele estendeu a mão demonstrando que queria um aperto de mão dele. O senhor, ainda que ansioso para terminar as compras, largou o carrinho e foi ao encontro do menino, cumprimentou-o e ainda lhe deu um abraço carinhoso, como de um pai a um filho.

Ora, agora, ele, assim como eu, estávamos próximos, separados apenas pelas alas dos caixas, das já faladas filas preferenciais.

Na fila que eu estava, à minha frente, havia duas pessoas com seus carrinhos abarrotados de compras. Era o início do mês, os pagamentos dos funcionários municipais, estaduais, federais e de muitas empresas haviam sido depositados em suas contas bancárias.

Na outra fila, o senhor que havia abraçado o garoto, tinha à sua frente apenas um carrinho de compras e o cliente já estava no término dos pagamentos, parte em pix e, parte em dinheiro. Nisso, atrás dele, achegou-se um rapaz, por volta ali de um pouco mais de 20 anos, numa pequena cadeira de rodas, simples, mas motorizada, com uma bolsa de colostomia dependurada do lado externo da cadeira. O simpático senhor vendo aquilo, embora ali pelos seus mais de 70 anos, mas ainda bem disposto, entendeu que o jovem deveria passar à sua frente. O moço aceitou a troca de lugares. Aí, foi aquela certa complicação: afasta o carrinho pra trás, o espaço é estreito, mas conseguiram resolver a contento e o jovem passou pro primeiro lugar da fila do caixa, visto que o outro cliente já tinha saído. De onde eu estava e como minha vez ainda demoraria um pouco, pude presenciar bem a cena.

Então, o arguto senhor percebeu no colo do jovem uma caixa de doce de amendoim, tipo pé de moleque/paçoquinha. Entendeu na hora o destino dos doces e perguntou:

- Esses doces, essas paçoquinhas são para você vender nos semáforos da cidade?
- Sim, são!

Mas, não disse mais nada.

O senhor adiantou-se, perguntou à moça do caixa o valor daquela caixa de doces. Ela, custou a encontrar o preço no terminal, pois não estava cadastrado. Logo, veio alguém e apresentou o código de barras de uma caixa de doces semelhante.

- São trinta dois reais – disse a moça, ao meu vizinho de supermercado.

O senhor tirou uma nota de cinquenta reais e mais uma de dois e pagou ao caixa.

O rapaz agradeceu e foi para sua luta diária. Pelo menos, naquele dia, o lucro seria dobrado e quem sabe não sobraria um pouco mais para comprar uns pães e leite?





Aí, o meu vizinho de compras, agilmente colocava suas mercadorias na pista do caixa. Como naquele supermercado não havia uma correia (esteira) rolante que trouxesse as mercadorias mais próximas à moça do caixa, dificultando o alcance dos mesmos com as mãos, ainda mais que ela não era de uma estatura muito grande, o senhor empurrava os produtos para mais perto dela, facilitando o seu exaustivo trabalho de oito horas ou mais daquele dia quente e abafado. Ao mesmo tempo, ele passou para a outra ponta do caixa, buscou um carrinho vazio e colocava no mesmo aquelas mercadorias que já haviam passado pelo caixa, abrindo espaço para que a moça pudesse colocar ali as mercadorias já processadas no terminal de vendas. Feito isso, ele pagou sua compra, agora no cartão de débito.

Saiu, empurrando seu carrinho bastante cheio das compras, rumou para uma rampa que rodeava o supermercado, na parte de fora, em direção ao segundo estacionamento do estabelecimento comercial onde estava seu carro.

Para ele, talvez fosse apenas mais um dia de compras como outro qualquer, num supermercado...Pra mim, também.

Mas, não sei. Tem tanta coisa que se perdeu e está se perdendo nesse mundo tão caótico, que algumas delas podem ter marcado um pouquinho minha imaginação, como essa, de duas formas:

- Uma, pela lição daquele senhor, naquela tarde ensolarada daquela cidade de Minas, no Triângulo Mineiro;
- Outra, pela tenacidade, resiliência de um cidadão, uma pessoa que usa uma cadeira de rodas para se movimentar, ainda novo, com uma bolsa de colostomia ao lado que, naquele calor, naquele mormaço, ainda iria enfrentar os perigos do trânsito, para poder levar um pouco de comida aos pequenos filhos que tinha - que eram dois - pois deu pra ouvir, quando falou ao senhor, ao final da compra, tão próximo eu estava da cena que em poucos minutos ali se desenrolara.





Era um pouco doloroso imaginar aquela cena que ainda se desenrolaria pela tarde afora, para o já frágil rapaz, parecendo um pouco definhado, talvez pela impossibilidade de ficar de pé e se exercitar, mantendo assim os ossos e músculos mais fortes. Vinha ainda a pergunta: o que havia acontecido com ele? Poderia ter sido um tiro, um acidente? Dificilmente saberia se não perguntasse diretamente a ele. Mas, a emoção do momento não iria permitir que eu fizesse isso.

Bom, de alguma forma aquele senhor fez, mesmo que um pouco, a sua parte. Muitos têm feito isso e muito mais. Tudo isso é muito gratificante. Mas, com certeza, é preciso fazer mais.

Mas, a minha fila ainda estava emperrada e parecia não andar. Isso me permitiu divagar um pouco. Por que o mundo, no momento atual, estava passando por tanto tumulto, revoltas e guerras sem fim? O que estaria acontecendo com a Terra?

Aí, minha imaginação foi mais longe e divaguei: A Terra, assim como os outros planetas, em um movimento de rotação, gira sobre o seu próprio eixo e, em outro movimento, de translação, gira em torno de sua estrela hospedeira, o Sol. A nossa estrela, também faz a mesma coisa: gira sobre seu eixo e translada em um dos braços em espiral (braço de Órion), de nossa galáxia, a Via Láctea. Ela, por sua vez, faz a mesma coisa, girando sobre seu próprio eixo central, no caso um enorme buraco negro (Sagitário A*), e gira pelo universo em expansão, como as demais galáxias. Ou seja, a cada momento, ela avança um pouco no espaço infinito, levando consigo uma legião de bilhões de estrelas e planetas. Isso, significa que, o local onde estamos hoje, ou seja, onde a nossa Terra está, pode ter sido um local que antes esteve alguma outra civilização, quem sabe? Aí, a pergunta que não quer calar: Será que agora, com esse caos mundial, assustando a gente até pela possibilidade de um confronto nuclear, assim como nos períodos das duas grandes guerras, mas, mais catastrófico, não estaríamos sob a influência de uma civilização que por aqui esteve antes, mas muito primitiva e perversa, cuja energia estaria contaminando nosso planeta? Mas isso entra na seara da teoria da conspiração. Não vale a pena continuar pensando nisso. O importante foi a lição de cidadania que aquele senhor me deu, assim como a resiliência, a garra, a vontade de viver daquele exemplo de ser humano, em sua cadeira de rodas. O que posso dizer, então? Amém!!!



Sobre o autor:

João Francisco de Paula Gomes, engenheiro civil e administrador, tem como um dos hobbies, a escrita. Gosta de observar e aprender com a natureza.



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

POESIAS AO VENTO

ANTOLOGIA NACIONAL - VOL. XV

Deixe suas
palavras
voarem longe!

Participe desta antologia nacional e compartilhe poesias que **inspiram, tocam e transformam.**



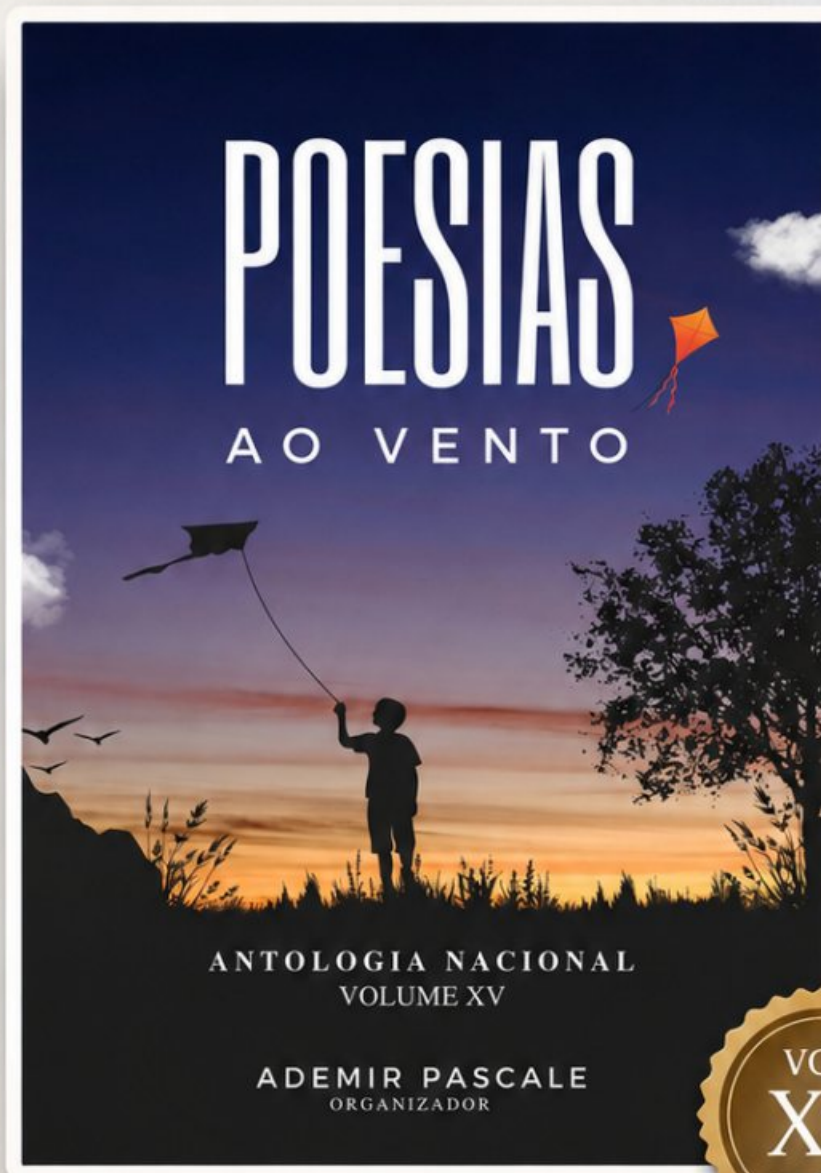
Poesias que emocionam e conectam pessoas.



Faça parte de uma **obra coletiva** que valoriza talentos.



Um registro literário que ficará para sempre.



“ *A poesia é o vento que leva o que sentimos para onde as palavras alcançam.* ”



INSCRIÇÕES ABERTAS!

Não perca essa oportunidade de eternizar suas poesias.



SUA VOZ. SUAS PALAVRAS.
O MUNDO INTEIRO PARA LER.

SAIBA MAIS E PARTICIPE!
CLIQUE AQUI!



O lar das memórias mais queridas

Por Clarissa Machado

somos nós
que construímos
as nossas memórias
mais queridas

família
lembranças
amores

sonhos
viagens
encontros

perdão
gratidão
conexão

somos nós
que construímos
as nossas memórias
mais queridas

com ou sem rima
tudo na vida
é como um imã

tudo se mistura
prosódia
histórias
arquétipos



onde há amor,
há memória.



tudo se conecta
oraturas
literaturas
cantos

em todos os cantos

somos nós
que construímos
as nossas memórias
mais queridas

cartas
postais
caligrafias

memórias
queridas
de toda
uma vida

memórias
queridas
começam
comigo

eu
eu mesma
e só eu

caço vozes
acumulo relíquias
coleciono afetos



eu
eu mesma
e só eu

caço *rinnah*
acumulo *Shekinah*
coleciono *meginnah*

eu
eu sou
sou eu

a guardiã de saudades
no lar que habito
um lar no não-lugar

ou

um lar
no lar
de todos

os lares

do início
do fim
e do sempre

pois

o lar é uma linha
temporal
circular



*memórias
não se perdem,
elas se tornam
eternas.*



que roda
em ciclos
e eternidades

já vividas
velhas conhecidas
às vezes, esquecidas

e eu, mensageira,
ponte e canal
tão somente

procuro
o meu lugar
e um lar

Makom

o lar das memórias
mais queridas
uma espécie de bioma

espiritual
existencial
afetivo

o lar das memórias
mais queridas
uma espécie de bioma
que chamamos de

ALMA.



Sobre a autora:



Clarissa Xavier Machado é professora graduada em Letras e Direito, pós-graduada em Tradução, Neurociências da Educação e Literaturas Brasileira e Inglesa.

É Mediadora de Leitura e ativista do Direito à Literatura, do Turismo Literário, da Cultura de Paz e do resgate dos saberes dos Povos Originários.

É autora dos livros “Pelas Águas de São Lourenço”, “Buen(os) Aire(s)”, “São Lourenço, Cidade da Gente” e “A Voz de Nhá Chica”.



“Coloco meu talento a serviço da paz,
das artes, da humanidade e, sobretudo,
de Deus.”
(Clarissa Machado)

Instagram do livro:
@livroavozdenhachica



A Voz de Nhá Chica: *a voz da Paz*



-  Livro:
A Voz de Nhá Chica
-  Autora:
Clarissa Machado
-  Ilustradora:
Selma Bajgielman
-  Edição Trilingue
-  Editora:
Minas Colosso
-  São Lourenço, MG.
-  2025.

“A Voz de Nhá Chica” é um livro trilingue (português, inglês e espanhol) escrito por Clarissa Machado e com ilustrações de Selma Bajgielman que convida crianças, jovens e também adultos do mundo inteiro a conhecer um pouco da vida e da obra da Beata Nhá Chica do Brasil.

A partir da história de **Nhá Chica**, somos conduzidos a descobrir nosso propósito de vida, a ouvir a voz de Nossa Senhora, a Rainha da Paz; a desenvolver conexão espiritual, apego ao Divino, e por fim, uma fé inabalável nas orações.

Um livro para inspirar e servir de inspiração para a construção de uma sociedade mais amorosa, empática, fervorosa e consciente da importância da Cultura de Paz.



O projeto A Voz de Nhá Chica foi realizado com recursos da Lei Aldir Blanc, executado pela Secretaria Estadual de Cultura e Turismo do Estado de Minas Gerais, através do Edital 07/2024, ID 11939 - publicações literárias para o público infantojuvenil. Projeto de distribuição gratuita.



Clarissa Machado em
Aparecida, Cidade do Romeiro

Realização:

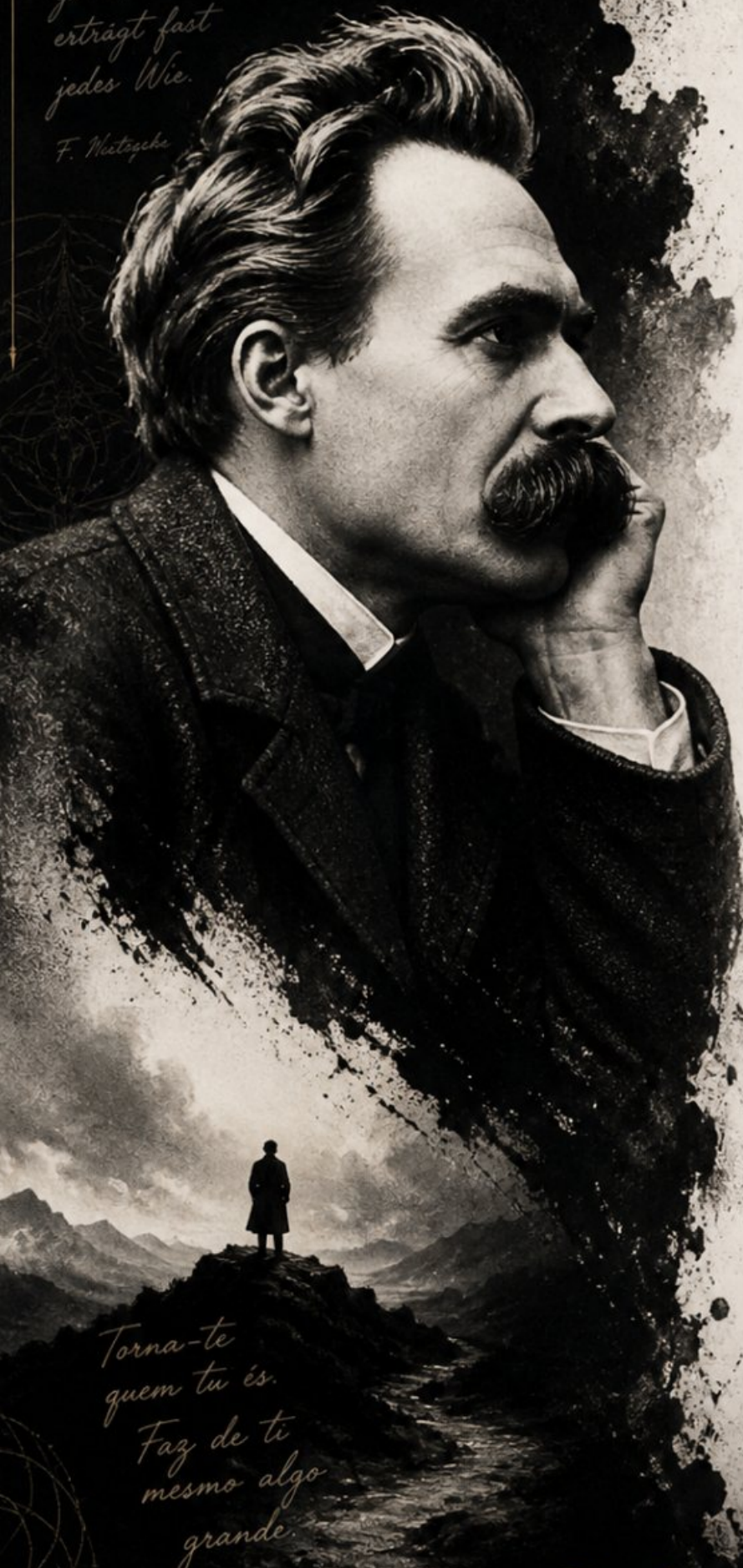


MINISTÉRIO DA
CULTURA



Wer ein Warum
zu leben hat,
erträgt fast
jedes Wie.

F. Nietzsche



FRIEDRICH NIETZSCHE

Filósofo, crítico cultural e poeta.

1844 – 1900

“

Aquele que
tem um
porquê
para viver,
pode suportar
quase qualquer
como. ”

”

Nietzsche nos lembra que o **sentido**
é mais forte que a dor, mais profundo
que as circunstâncias e mais duradouro
que qualquer tempestade.

SOBRE A VIDA, A FORÇA E A SUPERAÇÃO

Para Nietzsche, não são as condições externas
que definem a grandeza do ser humano,
mas a capacidade de **criar sentido**,
de **afirmar a vida** e de **transformar**
obstáculos em caminhos.

Friedrich Nietzsche

Torna-te
quem tu és.
Faz de ti
mesmo algo
grande.

Revista
CONEXÃO
LITERATURA

Educação: arte bonita de viver

Adriano Rosa da Silva

A educação caminha sem pedir licença,
vive no gesto, na fala e na crença.
Mora na casa, na rua e no olhar,
em cada encontro que ensina a sonhar.

Aprende quem fala, quem ouve calado,
quem segue sozinho ou vive ao lado.
No livro aberto, na voz do ancião,
brota saber dentro do coração.

Não há somente um jeito de ensinar,
nem uma estrada pra se caminhar.
A escola é parte, mas não deve ser engessadora,
pois a vida também é grande professora.

Há mestres simples de mãos calejadas,
mães cuidadosas, pessoas marcadas.
O médico atento, o músico na praça,
todo ser humano algum saber repassa.

Cada povo cria sua educação,
com sua memória, cultura e canção.
Entre encontros, disputas e histórias,
nascem saberes, nascem memórias.

Às vezes o ensino vem para libertar,
outras, tentam o povo calar.
Quando o poder transforma saber em prisão,
cresce a distância, se perde a união.



Mas a educação também pode florescer,
como arte bonita de viver.

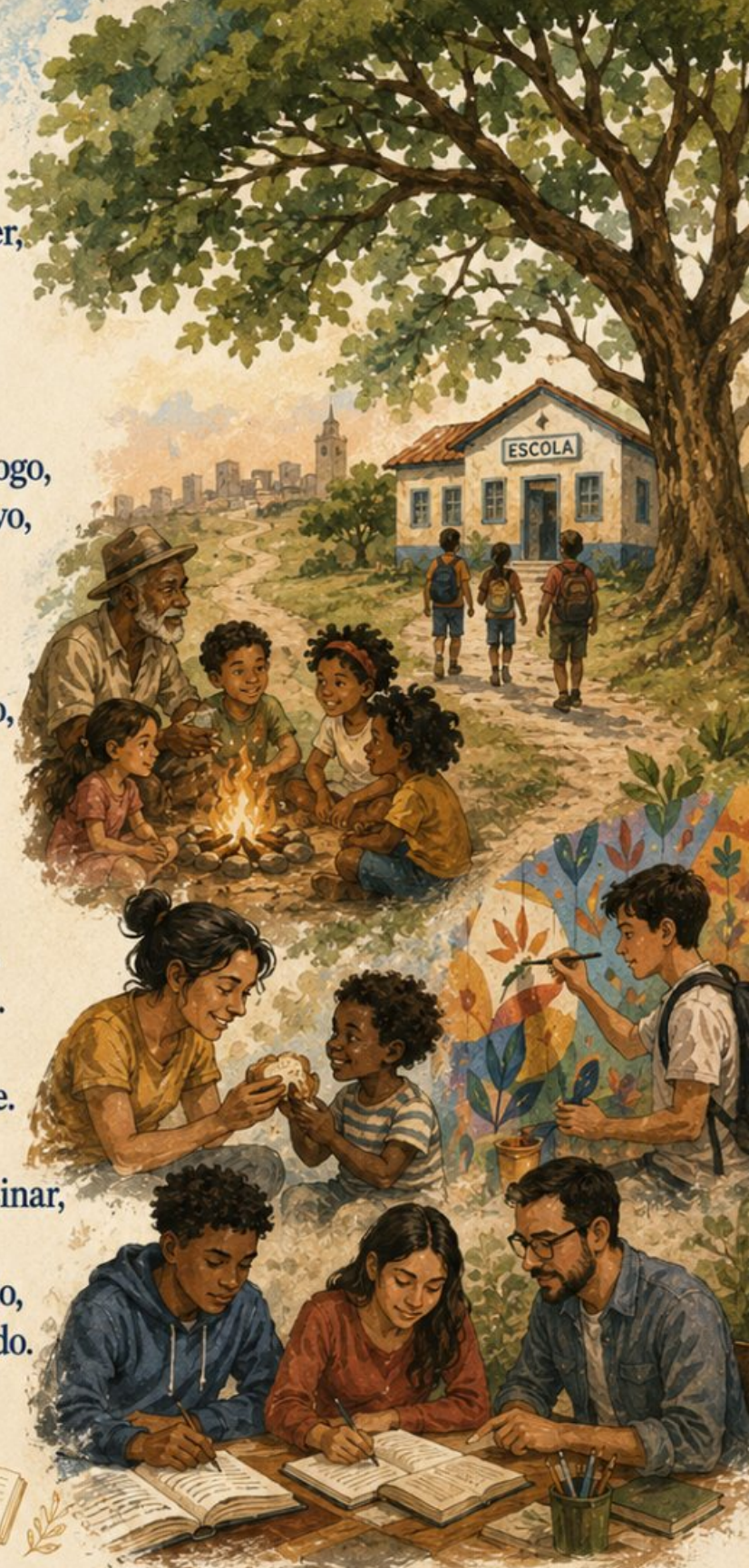
Partilha sentidos, espalha esperança,
faz do amanhã um lugar de mudança.

Desde os antigos círculos ao redor do fogo,
até as escolas do mundo moderno e novo,
seguimos trocando aquilo que somos,
criando caminhos, refazendo sonhos.

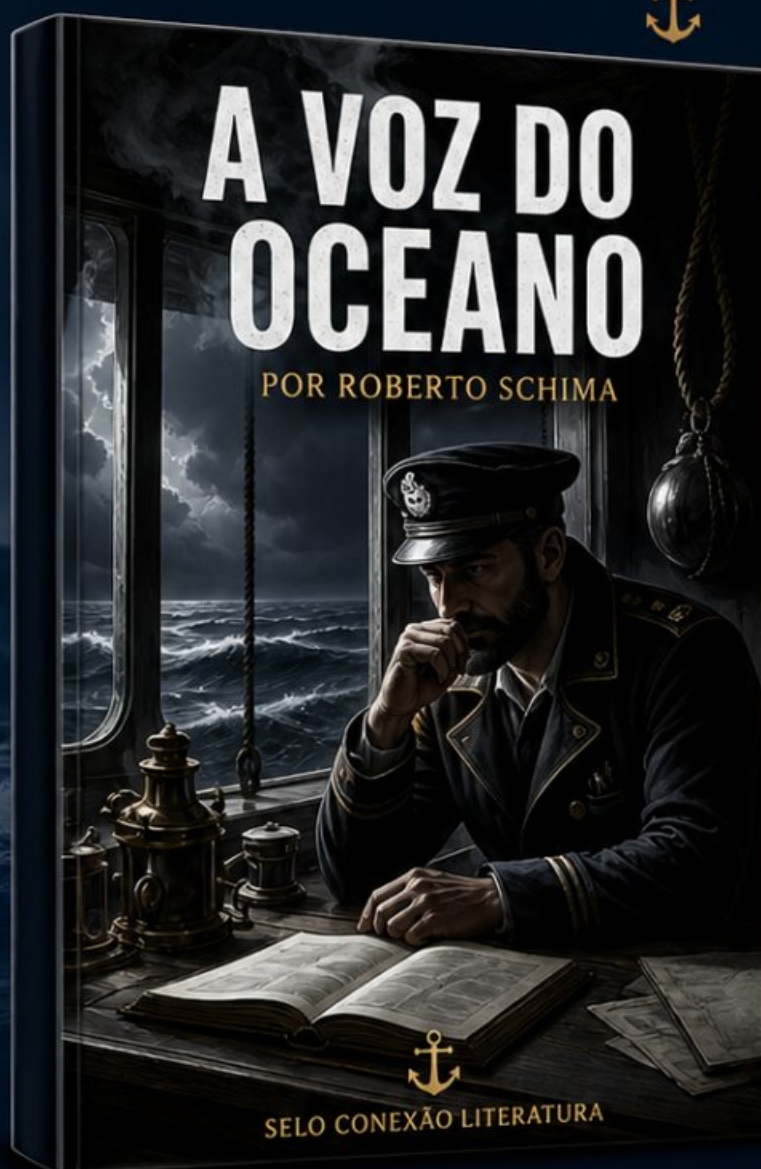
Pois antes da sala, do quadro e da lição,
já nasce o humano na socialização.
É no abraço, na rua, no dividir do pão,
que a vida vai moldando cada coração.

Educar é mais do que ensinar palavras,
é construir pontes, abrir novas estradas.
É transformar o indivíduo em gente,
com alma sensível, humana e consciente.

E assim seguimos, entre aprender e ensinar,
fazendo da vida um eterno caminhar.
Porque educar, no mais profundo sentido,
é deixar no outro um pedaço nosso vivido.



Adriano Rosa da Silva é Mestre e doutorando em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestrando em Educação pela Universidade de Lisboa (ULisboa). Licenciado em História e em Pedagogia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Especialização em Gestão Escolar pela Universidade de São Paulo (USP), em Neurociências Aplicadas à Aprendizagem pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e em Psicopedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Formação em Arte-Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).
URL Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7228184007145445>.



A voz que vem do mar.



UMA HISTÓRIA DE CORAGEM E DESTINO

Um comandante marcado pela infância e guiado pelo oceano.



NATUREZA QUE TRANSFORMA

Entre tempestades, descobertas e mistérios, o mar revela o que há de mais profundo.



AVENTURA, MEMÓRIAS E SUPERAÇÃO

Mais que uma jornada, uma busca por pertencimento e liberdade.

A VOZ DO OCEANO

POR ROBERTO SCHIMA

Um comandante de navio relembra a sua infância. Sempre foi um moleque que amava o mar. Vivia em um barraco e era filho único de um pescador e sua esposa. Desde pequeno fora apelidado de Ratinho. Era um menino bronzeado, cabelos pretos e encaracolados. O que mais gostava de fazer era caminhar pela praia a cata de "tesouros": conchas marinhas e o que mais achasse interessante. Um dia, uma forte tempestade se abateu sobre o lugar. A ventania causou estragos, e as ondas fortes trouxeram tudo quanto é tipo de destroços, principalmente restos de vegetação oriundos de um rio próximo. A mãe de Ratinho temeu pela sorte do marido, que saíra cedo de barco para pescar. Apesar da preocupação e da sujeira na praia, como o mar havia se acalmado, ela permitiu ao menino fazer o que mais gostava: explorar a praia. Foi quando ele viu, além de toda a sujeira, um grande emaranhado de detritos envolto por uma rede em frangalhos. E qual não foi o seu susto ao descobrir que, dentro dele, havia uma criatura misteriosa... E viva!



DOWNLOAD GRATUITO: CLIQUE AQUI

QUÃO BELO O “VIVER”!

—•• Por Joaquim Cândido de Gowêa ••—

Com “Ele” surge a alvorada
Ao avesso, matizada, mostra rapidez infinda
Refeita... se levanta a acordar a passada
Que, com seus cânticos, tenta acelerar o dia mais ainda

Deles, o trinar avança suave, no começo, bem de mansinho
Com carinho procura despertar a todos em seus ninhos
Sem fantasia, o verdejar de cada árvore, totalmente galante, se “levanta”
No instante, o surgir da nova cor que tanto nos encanta

Própria do cenário, espertinha, a poesia da luz Solar
Surge quietinha e se deita sobre a Aurora
Sem surpresa e feliz se “alimenta” pelo tempo afora

Ah! Gente! Da natureza não resisto e sorrio pelo novo dia
Saliente o coração acelera daquele antes devagar
O peito “estufa” em euforia e respira-se fundo
abraçados por tamanha alegria

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

SOBRE JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA:

Escritor, letrista de várias músicas, economista com inúmeros Cursos inerentes ao Mercado Financeiro, aposentado no Banco do Brasil S.A. Eu me considero um CONTADOR DE HISTÓRIAS DE AMOR. Participo com Poemas, mensalmente, na REVISTA CONEXÃO LITERATURA em que fui a Capa da Revista 103, em janeiro de 2024. Bimestralmente, no Jornal JCP em Cruz Alta no Estado do Rio Grande do Sul no Brasil.

Em Portugal, tenho destacada participação em vários Projetos da Editora Colibri. No Projeto MUNDO(S), coordenado pelo Dr. ÂNGELO RODRIGUES. Iniciei na Edição 06 e, atualmente, estamos na Edição 24. Com a mesma coordenação participo como coautor nos Livros: ESCREVER CAMÕES; ESCREVER ANTERO DE QUENTAL; ESCREVER FERNANDO PESSOA(S); ESCREVER BOCCAGE; ESCREVER FLORBELA ESPANCA e ESCREVER MÁRIO DE SÁ CARNEIRO.

Tenho editado pela EDITORA TREVO, no Brasil, três Livros de Poemas com os Títulos: MAIS DO QUE BUQUÊ; ACREDITE... NADA IMPORTA SONHAR... ACREDITE... e, finalmente, um outro com o Título "PÉTALAS" AINDA COLORIDAS.

Seguíram-se dois outros Livros de Poemas, com a EDITORA POESIA IMPOSSÍVEL, em Lisboa-Portugal com os Títulos: NO CAMINHAR e o outro com o Título SENTIMENTOS... AMOR... SAUDADE...

Com a EDITORA ASTROLÁBIO, em Lisboa-Portugal, dois romances com os Títulos ARDENTE ENCONTRO e o outro com o Título SEIS MESES.

Foi-me atribuída uma Menção Honrosa pelo meu Poema publicado no Livro "VII PRÊMIO MARCELO DE OLIVEIRA SOUZA" Dr. Honoris Causa em Literatura.

Participei da MESA DE DEBATES em Lisboa-Portugal, do Tema ESCREVO POR QUÊ adicionando o Poema PORQUE ESCREVO.

Com grande emoção, recebi o CERTIFICADO DE HONRA AO MÉRITO concedido em maio de 2022 pela REVISTA CONEXÃO LITERATURA, no Brasil, pela magnífica e relevante contribuição em prol da Literatura Nacional.

Com imenso orgulho fui designado EMBAIXADOR DE LITERATURA pela ACADEMIA INTERNACIONAL DE LETRAS E ARTES DE CRUZ ALTA, em Cruz Alta, no Estado do Rio Grande do Sul, em que sou acadêmico, onde ocupo a Cadeira de número 203.

Na área musical escrevi inúmeras letras contando com a parceria da Sra. RENEE BRAZILL na melodia e canto.



Instagram: joaquimgouvea_



e-mail: mjgouvea@hotmail.com



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

ESCURIDÃO

CONTOS E POEMAS DE TERROR



CONTOS E POEMAS
DE TERROR



ANTOLOGIA PARA
AUTORES DE
TODOS OS ESTILOS



DO CLÁSSICO
AO SOMBRIO
E AO SOBRENATURAL



PÚBLICO-ALVO:
LEITORES DO
GÊNERO TERROR

ESCURIDÃO

CONTOS E POEMAS DE TERROR



Ademir Pascale - Organizador

SAIBA MAIS:
CLIQUE AQUI

Minha dor

Por **Emerson Pagnussat**

Até este momento, a minha dor passou por metamorfoses: o que antes machucava, agora já não faz doer.

Significa que houve uma cura? Bem, às vezes, apenas surgia uma dor maior que me inebriava e encobria a dor que até então me atormentava. Em outras ocasiões, fiz da dor uma aliada e procurei com todas as minhas forças seguir adiante.

Quando criança, por exemplo, minha dor era ficar sozinho e poucos sabiam disso. Aliás, as pessoas faziam escárnio dela, aumentando ainda mais o meu sofrimento. Com o passar dos anos, fiz da solidão uma companheira e encontrei nela a fidelidade de cão. Entretanto, andei sempre desconfiado, porque até mesmo seu dono ela poderia morder.

Em outro momento da vida, minha dor foi uma *afinidade eletiva*. Uma força invisível, mas aterradora, que me fez mergulhar em um sentimento que eu jamais sentira: o *amor*. Foi então que eu pude perceber que o *amor* também machuca. Fez-me doer o corpo e a alma. Sinceramente, não me senti mais privilegiado pela descoberta. Se pudesse, evitaria amar; todavia, é impossível, pois somos criaturas dispostas ao amor.

“

A dor muda de forma, mas nunca desaparece por completo. Aprendemos a conviver com ela — e, às vezes, até a transformá-la em caminho.



E hoje, o que dói?

A pior sensação que existe é quando não se pode definir de maneira exata o tipo de dor que se sente.

Escutai! Algo me dói; agride o corpo e a alma! O quê? Não sei! Sinto algo aqui dentro e nem ao menos consigo explicar o que é. Dor de estômago? Dor existencial? Dor de mundo? Não sei exatamente. Apenas sinto uma dor que não queria sentir. Acredito que não conseguiria fazer dela uma companheira. A realidade é que talvez não exista uma dor maior para encobri-la.

Será que tão somente a morte poderia libertar-me da dor?

Acta est fabula!



SOBRE O AUTOR

Emerson Pagnussat nasceu em Blumenau, Santa Catarina. Tem 35 anos.

Formou-se no curso de Letras (Português/Inglês) pela Universidade Regional de Blumenau (FURB). Atualmente, é graduando no curso de Psicologia pela mesma universidade.

Tem paixão pela literatura, principalmente por escritores russos como Nabokov, Dostoiévsky e Tolstoy.

Participou da antologia “O Jogo do Amor – Contos e Poemas” com a narrativa “Anáfora” publicada pela Revista Conexão Literatura.

Foi semifinalista na 4ª edição do concurso “MicroConto de Ouro” (2024), promovido pela Casa Brasileira de Livros, com o texto “Sinestesia”.





SEU ANÚNCIO

SEU ANÚNCIO

AQUI!

CLIQUE AQUI

E VEJA A OPÇÃO 2 E 3



**MAIS
VISIBILIDADE**



**MAIS
RESULTADOS**



**MAIS
CLIENTES**

ANUNCIE E FAÇA A DIFERENÇA!



**DESTAQUE
SUA MARCA**



**ALCANCE
O PÚBLICO CERTO**



**IMPULSIONE
SEUS RESULTADOS**



CLIQUE AQUI E COLOQUE SUA MARCA *em evidência!*

Siga-nos

no

INSTAGRAM



@REVISTACONEXAOLITERATURA



Conteúdo que conecta,
literatura que transforma!

“
**PALAVRAS
CONECTAM.
LIVROS
TRANSFORMAM.**

ESCREVER É MAIS QUE
COLOCAR IDEIAS NO PAPEL.
É CRIAR PONTES ENTRE
MENTES E GERAÇÕES.



ADEMIR PASCALE

ESCRITOR E EDITOR-CHEFE

Autor, editor e apaixonado por literatura. Dedico minha vida a criar, editar e compartilhar histórias que inspiram e transformam.



ESCRITOR

Criação de obras que exploram ideias, sentimentos e a condição humana.



EDITOR

Transformo textos em experiências marcantes, com olhar atento e criterioso.



COMUNICADOR

Acredito no poder das palavras para inspirar, informar e conectar pessoas.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

Tecendo Poemas

ANTOLOGIA NACIONAL 2026



SUAS PALAVRAS
PODEM **INSPIRAR**
E **TRANSFORMAR.**

Participe desta antologia nacional e compartilhe poesia com leitores de todo o Brasil. Vamos juntos **tecer emoções que ficam para sempre.**



**SEU POEMA
EM BOA COMPANHIA**

Faça parte de uma obra coletiva que valoriza novas vozes.



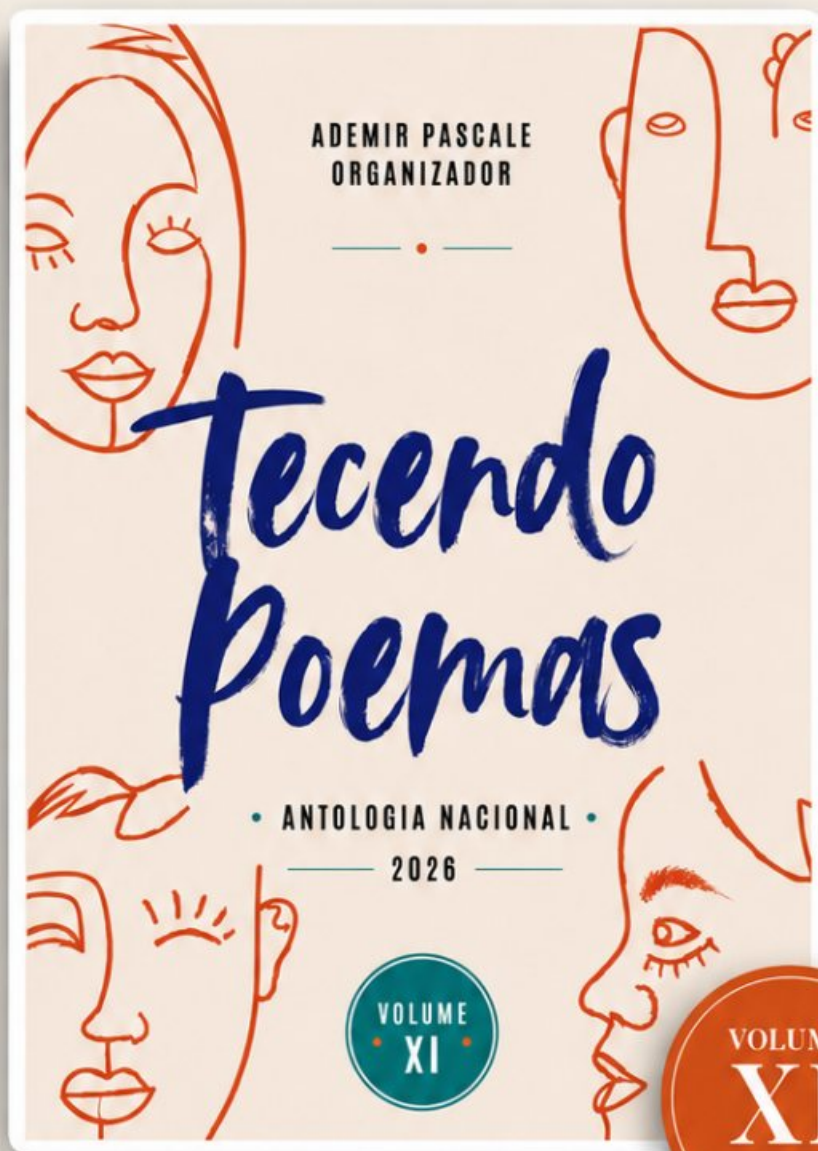
**ALCANCE LEITORES
DE TODO O PAÍS**

Seu poema pode tocar corações em todos os cantos do Brasil.



**REGISTRE SUA
VOZ PARA SEMPRE**

Deixe seu legado literário registrado em uma antologia nacional.



“ Cada verso é um fio.
Juntos, formamos uma linda trama
de **sentimentos e ideias.** ”



INSCRIÇÕES ABERTAS!

Não perca essa oportunidade de eternizar seus poemas.



SUA POESIA. SUA HISTÓRIA.
O MUNDO INTEIRO PARA LER.

SAIBA MAIS E PARTICIPE!

CLIQUE AQUI!



POEMA DO MAR



FLAVIO JOPPERT

“*Esse mar poluído, tantas vezes ofendido,
suja tuas mãos de sangue, como as mãos de um vilão.*”

Ao tombadilho
ser infame,
que da justiça
o remédio amarga.



Culpa vil por teu crime,
das amarras sentença:
emergir das águas
como monstro incerto.



“Se buscasse teu sustento como pescador, faria da ciência,
um caminho para descobrir o valor do mar.
O líquido que transborda de tuas laboriosas mãos, é infecto,
e o do mar, o sal, são lágrimas no desonrar.
Visto o crime, a sentença impune, por destroços a sonhar.”



SOBRE O AUTOR

Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista e ambientalista. Acredita que a arte transforma o mundo em um lugar mais civilizado.

Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro, onde atua como Guarda 1 e Adido Cultural.

A poesia é sua ferramenta para educar para o amor, respeito e preservação da natureza.


Nasceu em Niterói - RJ em 1973.



Mulheres, Ciência e Transformação:

uma conversa com

Raquel Fiori

 Por **Ademir Pascale**

A pesquisadora e doutora Raquel Fiori apresenta, em seu artigo “Gênero, poder e epistemologia na Química: por que as mulheres estão transformando a produção científica”, uma reflexão profunda sobre os desafios históricos enfrentados pelas mulheres na ciência e sobre como suas trajetórias estão redefinindo os caminhos da Química contemporânea.

Ao discutir epistemologias feministas, desigualdades institucionais e a importância da diversidade na produção do conhecimento, Raquel evidencia que ampliar a presença feminina na ciência significa também transformar as estruturas que determinam quem pode produzir, validar e liderar o saber científico.

Nesta entrevista exclusiva para a Revista Conexão Literatura, a autora fala sobre ciência, poder, educação, inclusão e os novos horizontes construídos pelas mulheres na Química.



“ Ampliar a presença feminina na ciência significa também transformar as estruturas que determinam quem pode produzir, validar e liderar o saber científico. ”



REVISTA CONEXÃO LITERATURA:

Em seu artigo, a senhora afirma que a presença feminina na Química não representa apenas uma mudança quantitativa, mas também qualitativa. Como essa transformação pode ser percebida na prática dentro dos laboratórios e universidades?



REVISTA CONEXÃO LITERATURA:

A senhora destaca que a ciência foi historicamente construída sob perspectivas masculinas. Quais são os maiores desafios para romper com essa tradição dentro da Química contemporânea?



RAQUEL FIORI:

Na prática, isso se traduz em abordagens mais colaborativas e horizontais nos laboratórios, além de práticas pedagógicas baseadas na escuta e na inclusão. Assim, as mulheres deixam de apenas ocupar espaços para transformar os próprios métodos, conteúdos e critérios de validação do conhecimento químico.



RAQUEL FIORI:

É preciso desconstruir o mito da neutralidade científica, que historicamente invisibilizou trajetórias femininas e legitimou estruturas acadêmicas moldadas por modelos normativos masculinos. Além disso, deve-se enfrentar desvalorizações sutis e a sobrecarga de trabalho doméstico, transformando a própria cultura institucional e os critérios de validação do conhecimento.





REVISTA CONEXÃO LITERATURA: O texto aborda a ideia de que a ciência não é neutra, mas atravessada por relações de poder. Como essa reflexão pode contribuir para uma formação mais crítica dos futuros profissionais da Química?



RAQUEL FIORI:

Ao reconhecer a ciência como um campo de poder, futuros profissionais podem questionar padrões hegemônicos e abrir espaço para saberes plurais. Isso os prepara para construir uma prática mais ética e democrática, que conecta o rigor técnico à responsabilidade social e ao impacto humano.



REVISTA CONEXÃO LITERATURA: A senhora menciona a importância das epistemologias feministas na produção científica. Como elas ajudam a ampliar os temas e prioridades da ciência atual?



RAQUEL FIORI:

Ao romper com a ideia de um sujeito universal, elas priorizam investigações voltadas ao bem-estar coletivo, como a química verde e a saúde pública. Essa mudança permite que a ciência deixe de ser estritamente técnica para se tornar um campo mais ético, plural e comprometido com a transformação da sociedade.



REVISTA CONEXÃO LITERATURA: Mesmo com o crescimento da participação feminina na ciência, os cargos de liderança ainda são ocupados majoritariamente por homens. Na sua visão, quais ações são mais urgentes para mudar esse cenário?



RAQUEL FIORI:

Implementar mecanismos que combatam a desvalorização sutil e considerem o impacto da sobrecarga do trabalho doméstico e de cuidado na carreira científica.



REVISTA CONEXÃO LITERATURA: Em seu artigo, a senhora cita áreas como química verde, sustentabilidade e biotecnologia como campos de destaque para a atuação feminina. Por que essas áreas têm recebido contribuições tão significativas das mulheres?



RAQUEL FIORI:

Essas áreas recebem contribuições expressivas das mulheres porque as epistemologias feministas tendem a valorizar investigações voltadas ao cuidado, à ética e ao impacto social da ciência.



REVISTA CONEXÃO LITERATURA: A invisibilização das contribuições femininas na ciência ainda é uma realidade. Como resgatar e valorizar a trajetória histórica das mulheres cientistas pode inspirar novas gerações?



RAQUEL FIORI:

Ao tornar visíveis conquistas como as de Marie Curie ou Rosalind Franklin, demonstra-se que a presença feminina não é recente, mas uma força estruturante que reconfigura os métodos e o impacto social do conhecimento, isso incentiva as novas gerações a ocuparem espaços de poder e a tratarem a Química como um campo de transformação ética e política.



REVISTA CONEXÃO LITERATURA: O artigo também aborda a importância das práticas pedagógicas colaborativas e inclusivas. Como o ensino da Química pode se tornar mais acolhedor e democrático para estudantes mulheres?



RAQUEL FIORI:

É necessário transformar o ambiente acadêmico em um espaço horizontal e inclusivo, combatendo deslegitimações e integrando a dimensão humana e social à prática técnica.



REVISTA CONEXÃO LITERATURA: A senhora acredita que iniciativas institucionais, como o Comitê Mulher na Química do Conselho Federal de Química, podem gerar mudanças concretas no ambiente científico brasileiro? De que forma?



RAQUEL FIORI:

Sim, essas iniciativas dão voz a experiências anteriormente silenciadas, incentivando a ocupação de espaços de decisão e liderança, com a participação ativa de mulheres em todos os níveis da profissão.



REVISTA CONEXÃO LITERATURA: Para finalizar, qual mensagem a senhora deixaria para meninas e jovens mulheres que desejam seguir carreira na ciência e na Química, mas ainda enfrentam inseguranças ou barreiras sociais?



RAQUEL FIORI:

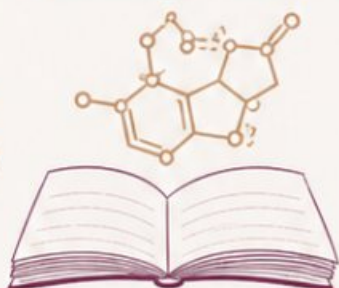
Que essas meninas e jovens mulheres não são apenas herdeiras de uma história de exclusão, mas as protagonistas de uma ciência mais crítica, plural e humana. Confiem em suas trajetórias e ocupem esses espaços, pois a ciência só será verdadeiramente democrática e inovadora quando incluir a força transformadora de suas vozes e experiências.



Sobre RAQUEL FIORI:

Doutora em Educação em Ciências pela UFRGS e Conselheira Federal de Química, a Química Raquel Fiori combina uma sólida trajetória acadêmica com liderança técnica no serviço público, tendo atuado como diretora do IPB-LACEN/RS e coordenado o Laboratório de Contaminantes, com trabalhos publicados nessas áreas. Sua experiência também abrange a docência e a formulação de políticas públicas, com uma atuação política e sindical voltada à equidade e à ética profissional.

Como pesquisadora, destaca-se por uma produção científica que questiona a suposta neutralidade da ciência, defendendo que a presença feminina na Química promove uma transformação qualitativa ao priorizar a sustentabilidade e a humanização da pesquisa.



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

POEMAS SOBRE O TEMPO

◆ VOL. XI ◆

ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR

VOLUME XV

POEMAS SOBRE O TEMPO



SUA VOZ.
SEU TEMPO.
SUA POESIA.

 E-BOOK



PARTICIPE
de uma obra
coletiva



REGISTRE
seus versos
para sempre



FAÇA PARTE
dessa história
literária



SAIBA MAIS: CLIQUE AQUI

Débora Campos de Moraes

Débora Campos de Moraes nasceu em Morrinhos, uma pequena cidade de Goiás, em 1959. A família se mudou para Uberlândia no final de 1971, onde cresceu, se educou e mora até hoje. É formada em Letras e professora de inglês e português para estrangeiros.



ENTREVISTA:

Por Ademir Pascale



Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Débora Campos de Moraes: Bom, tudo teve início há muito tempo quando, aos 14 anos, comecei a me aventurar na escrita, mais como forma de externar as dúvidas e anseios próprios da idade, do que interesse em publicar. E foi apenas em 2020, em plena pandemia, que comecei a escrever “uma história de verdade”, digamos assim. Uma história fantástica que me ocorreu ao pensar em meus netos que adoravam ouvir histórias na hora de dormir. Foi aí que nasceu “A pena azul e o pingente de prata”.

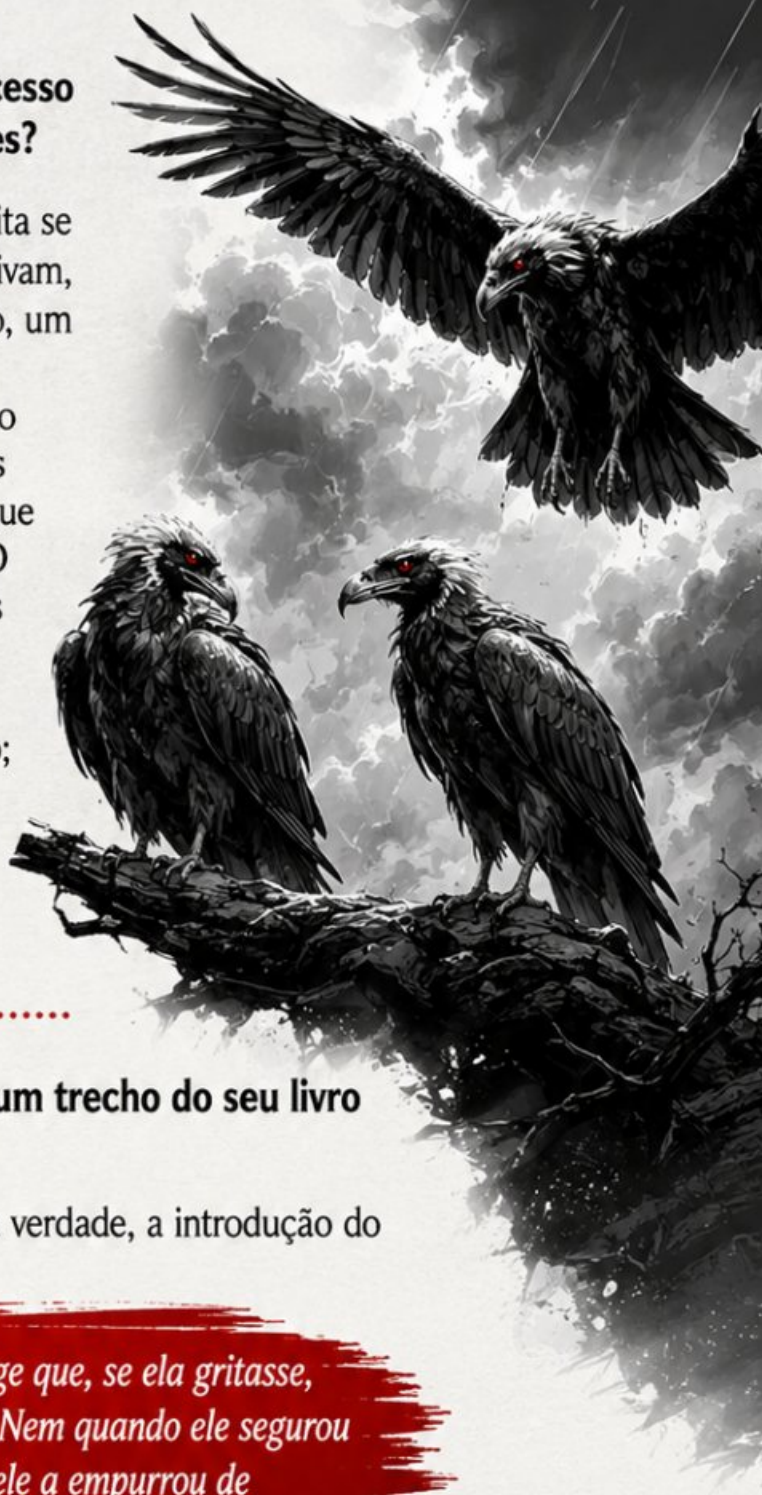


Conexão Literatura: Você é autora do livro “A Revoada dos Urubus”, poderia comentar?

Débora Campos de Moraes: Sim. É o meu terceiro livro publicado. E é o que mais exigiu de mim. Não como escritora, mas como mulher. É a história de Antonella, uma garota de 16 anos, que tenta sobreviver e lidar com traumas decorridos de situações de abuso. É uma história profunda, forte e reveladora. Havia horas, durante o processo de escrita, que eu me obrigava a dar uma pausa devido à enorme emoção que tomava conta de mim. Foi muito arrebatador.

“ Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Débora Campos de Moraes: Minha escrita se constrói a partir de experiências que me motivam, de alguma forma. Falei do meu primeiro livro, um livro de fantasia, com seres mágicos e muita aventura; meu segundo livro, “Era um sorriso torto”, conta a história de Bia, de 14 anos, às voltas com o relacionamento com sua avó, que se tornou uma completa estranha para ela. O “A revoada dos urubus” é um livro bem mais denso, digamos. Então, veja, quando me perguntam sobre o que escrevo, eu digo: “Tudo me leva a escrever; seja feio, seja belo; seja vermelho azul ou amarelo. A beleza de cada coisa está na coisa em si. É só olhar com outros olhos, enxergar além do óbvio, deixar a coisa se mostrar.”



“ Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Débora Campos de Moraes: Claro! É, na verdade, a introdução do primeiro capítulo:

“ Então ele a levou para longe, tão longe que, se ela gritasse, ninguém ouviria. Mas ela não gritou. Nem quando ele segurou seu pescoço com força. Nem quando ele a empurrou de encontro à parede. ”

“ Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Débora Campos de Moraes: Meus três livros estão na Amazon, nos formatos digital e impresso. Tenho um perfil no Instagram: @debora.camposmoraes, onde posto coisas relacionadas à literatura e quaisquer outras que me chamem a atenção e que me impactem de alguma forma.



“ Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

Débora Campos de Moraes: Olha, esse é um assunto muito complexo, creio, no atual estado de coisas no nosso país. Ler é uma atividade que requer tempo e atenção, e isso é algo que as pessoas não têm hoje em dia. Aliás, as pessoas têm tempo, mas optam por aproveitá-lo com coisas mais dinâmicas, passageiras e rasas. Acho que é um problema mais amplo, que envolve aspectos culturais e falhas na educação.

“ Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Débora Campos de Moraes: Estou sempre envolvida em projetos culturais como coletâneas, saraus e oficinas. Quanto à publicação de novas histórias, bem... não é tão fácil assim. Histórias há, mas conseguir publicar é o outro lado da moeda. Tenho certeza de que os escritores independentes do nosso país concordam comigo.

Perguntas rápidas:

Um livro: “Cem anos de solidão”, Gabriel Garcia Márquez

Um ator ou atriz: Tom Hanks

Um filme: “O feitiço de Áquila”

Um hobby: dançar

Um dia especial: qualquer um com meus filhos e meus netos

“ Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Débora Campos de Moraes: Quero agradecer a oportunidade de mostrar meu trabalho e, de alguma forma, contribuir com a Revista. Eu gostaria muito de ver cada brasileiro com um livro aberto no metrô, no consultório do dentista, na fila do INSS, no ponto de ônibus. Que assim seja, amém!

Citações de
Grandes
Autores

PALAVRAS QUE INSPIRAM,
IDEIAS QUE TRANSFORMAM.

“ Livros são amigos silenciosos
que nos *ensinam* sem julgar
e nos *transformam* sem perceber.



LEIA

| COMPREENDA

| COMPARTILHE

| TRANSFORME



CITAÇÕES

PARA PENSAR, SENTIR E VIVER

*Palavras que atravessam o tempo
e iluminam a alma.*

“

Liberdade é pouco. O que eu desejo ainda não tem nome.

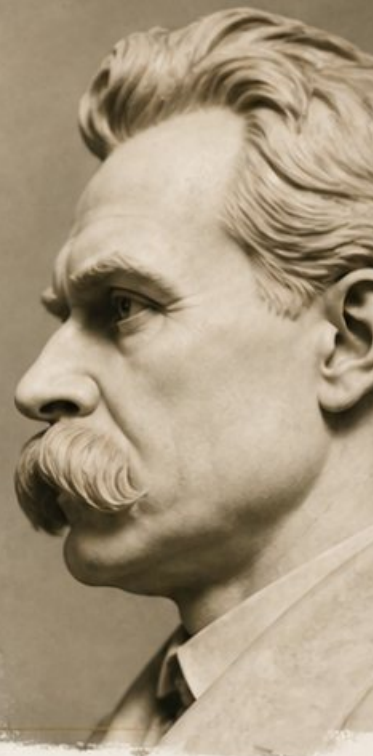
— Clarice Lispector



“

O que não provoca minha morte faz com que eu fique mais forte.

— Friedrich Nietzsche



“

Todas as famílias felizes se parecem, cada família infeliz é infeliz à sua maneira.

— Liev Tolstói



“

A melancolia é a felicidade de estar triste.

— Victor Hugo



“

Navegar é preciso; viver não é preciso.

— Fernando Pessoa



REVISTA
**CONEXÃO
LITERATURA**



Participe das nossas

Antologias

Tire o seu conto ou
poema da gaveta



Ademir Pascale
Editor

Saiba mais
CLIQUE AQUI

ANTONIO SPADONI

†

CAÇADOR DE DEMÔNIOS

Por Ademir Pascale



São Paulo, bairro de Moema. Sábado, 23h.

No alto da igreja, como uma gárgula, ele visualiza os poucos transeuntes que perambulam pelas ruas mal iluminadas do bairro. Olha para as janelas de algumas casas e consegue ver a movimentação rotineira das famílias em seus lares: muitos estão vidrados, acomodados em seus sofás, assistindo a programas de televisão cujo objetivo é apenas torná-los ainda mais consumistas. Num sobrado, através da janela de um quarto, ele observa a briga diária de um jovem casal.

Eles não imaginam o que está acontecendo lá fora e muito menos sabem que demônios caminham disfarçados sobre este planeta desde tempos imemoriais.

Ele tenta manter o controle das coisas. É difícil, muito difícil, mas faz o possível e, algumas vezes, até o impossível para atingir os seus objetivos.

Retira do bolso um bilhete amassado. Confirma mais uma vez o endereço de um bar que deve visitar naquela noite. Então, com uma agilidade incrível, desce do parapeito até o chão.

Caminhar à noite traz lembranças indesejáveis da época em que era um garoto de rua: solitário, faminto, sem dinheiro e sem esperanças. Perdera os pais quando tinha apenas três anos. Maldita morte que leva os bons e deixa os maus. Chegou a cheirar cola inúmeras vezes para esquecer o abuso sexual que sofrera do pai adotivo. Entre os nove e os doze anos de idade, fora preso quatro vezes por roubo à mão armada. E, em todas elas, apanhou muito, pois os policiais sabiam que ele não ficaria ali por muito tempo.

Aprendeu nas ruas que nem tudo o que vemos é real. Muitas pessoas elegantes, bonitas e cheirosas carregavam em suas entranhas um ser demoníaco pronto para destruir.

Ele sabe identificar quem é quem — demônio ou humano —, pois, além do conhecimento que adquiriu, possui um dom especial: enxergar auras.

As auras dos humanos são praticamente iguais e variam pouco em tonalidade, dependendo do estado emocional de cada um. Já as auras dos demônios são idênticas: negras como o abismo mais profundo.

Demônios estão na Terra apenas para instituir o caos e se deleitam com os prazeres mundanos, com as guerras, o sofrimento e o terror.

O bar ficava próximo, num beco escuro e sujo, um local do qual a maioria dos humanos passaria longe. Por via das dúvidas, naquela noite ele se passaria por demônio, e o ingresso para entrar consistia em palavras milenares de uma língua extinta, pronunciadas ao demônio guardião do local.

Aproxima-se cautelosamente daquele imenso ser em frente à porta de entrada. O guardião traja roupas normais, como os humanos, mas o capuz que usa e a falta de

iluminação dificultam sua identificação. Palavras são pronunciadas. O guardião apenas levanta a cabeça e deixa à mostra seus olhos luminosos. O demônio bufa como um equino e, depois, empurra a pesada porta de madeira, deixando o acesso livre para ele passar.

Uma festa acontece ali. O som está alto, mas ainda é possível ouvir gargalhadas estridentes. Mesmo acostumado com ambientes assim, seu coração parece prestes a explodir dentro do peito.

Não por nervosismo, mas pela ansiedade de estar logo entre eles para poder matá-los, um a um.

Seu nome é Antonio Spadoni. Tem cinquenta e cinco anos e é padre, mas não um padre tradicional daqueles que apenas celebram missas: ele é um caçador de demônios.

— Me dê a bebida mais forte da casa — disse Spadoni ao demônio barman, que sorriu mostrando os dentes amarelados antes de despejar simultaneamente o conteúdo de duas garrafas num copo.

O líquido desceu quente em três goles. Ele pediu mais e, enquanto o barman preparava o drinque, o padre observou o ambiente. Bem lá no fundo, conseguiu identificar Berith, demônio que conhece o passado e prevê o futuro, parceiro inseparável de Paimon, poderoso comandante de mais de duzentas legiões e um dos braços direitos de Samael, o rei do inferno.

Além deles, cerca de cinquenta demônios se divertiam com prostitutas humanas. Certamente elas não sabiam que os ocupantes daqueles corpos eram monstros milenares e famintos por almas.

Spadoni já observara a dupla em ação e definia Berith como o “cérebro” e Paimon como os “músculos”.

Precisava manter-se longe da vista de Berith e agir no momento certo. Para um caçador experiente como ele, cinquenta demônios não eram nada. O verdadeiro problema seria Paimon.

Um breve silêncio tomou conta do salão, interrompido apenas pelos gritinhos ofegantes das prostitutas e pelo som de copos vazios batendo sobre as mesas. Todos ficaram mais agitados e sorridentes quando um demônio colocou uma ficha na jukebox e selecionou *Sympathy for the Devil*, dos Rolling Stones, menos o padre, que pensava numa estratégia para derrotar todos sem ferir as moças.

Cautelosamente, foi até o corredor principal, local por onde todos precisariam passar ao sair. Uma fileira de sal, de ponta a ponta, foi feita no chão. Demônios não ultrapassam fileiras de sal; portanto, aquilo seria uma barreira perfeita para aprisioná-los.

Ele caminhou calmamente entre os demônios, empurrou um deles da cadeira e subiu sobre uma das mesas. Retirou a jaqueta de couro, deixando a batina negra à mostra, e puxou a espada presa num suporte de couro às costas.

Alguns demônios ainda não haviam percebido o homem de batina. Spadoni pegou uma garrafa de uísque sobre a mesa e a atirou na jukebox. O som cessou imediatamente.

Todos olharam furiosos para o padre.

Ele rangeu os dentes enquanto retirava de um bolso interno uma pequena garrafa contendo um líquido incolor. Desrosqueou a tampa e respingou o conteúdo nos demônios próximos.

Fumaça.

Odor de carne queimada.

Água benta sempre fora muito eficiente nesses casos.

O que padre Antonio Spadoni nunca entendeu foi por que os demônios não gostavam de usar armas. Preferiam punhos e dentes, talvez para saborear ainda mais a carnificina. Isso era uma vantagem para ele, um exímio espadachim.

Sua espada também não era comum: fora benzida por doze padres, tornando-se um instrumento poderoso contra as forças do mal.

Spadoni poderia usar armas de fogo. Seria muito mais fácil acertar uma bala benzida na testa de cada um daqueles demônios. Mas ele também sentia prazer em usar a espada.

Os segundos passaram lentamente. Spadoni viu a feição demoníaca de cada um. As auras negras infestavam o ambiente. As prostitutas ainda não haviam compreendido que aqueles homens eram, na verdade, criaturas monstruosas.

Berith empurrou as três prostitutas que estavam sobre ele, puxou a calça para cima, fechou o zíper e levantou-se da cadeira. Paimon já estava de punhos cerrados, mas a primeira ordem do líder foi que saíssem pela porta dos fundos. A segunda: trucidar o padre.

Spadoni sorriu.

Mesmo confiante na vitória, sabia que poderia morrer caso errasse um único golpe.

Segurou firme a espada com as duas mãos, na altura do umbigo, apontou a arma para frente e girou o corpo na velocidade de um relâmpago.

Nove cabeças foram decepadas.

As prostitutas param de sorrir ao ver a violência e ficam atônitas ao notar que o sangue derramado daqueles homens não possui a cor vermelha, mas negra.

Spadoni salta da mesa com a espada nas mãos e divide ao meio o primeiro demônio à sua frente. Golpes certos o afastam de dentes sedentos por carne humana. Uma pesada cadeira de madeira é atirada contra ele. O padre cai e sente o chão girar, mas ainda segura sua arma com firmeza.

Os demônios atiram-se sobre ele. Unhas e dentes pontiagudos arranham e perfuram sua carne. Com força sobre-humana, ele se ergue em meio aos monstros e grita de tal maneira que todos no salão estremecem.

As veias saltadas e pulsantes.

Os olhos arregalados.

Os dentes à mostra.

Alguns demônios rastejam para longe daquele homem. Os mais corajosos têm membros decepados. As prostitutas correm e atravessam a fileira de sal. Estarão seguras lá fora, exceto pelo guardião, que continua em pé, estático em seu posto.

Como uma máquina mortífera, Spadoni desfere golpes até o último demônio cair no salão. Mas sabe que ainda resta mais um escondido atrás do balcão: o barman.

O padre caminha lentamente. Seus passos são leves e silenciosos. Sangra bastante, e seus braços estão cobertos de ferimentos, mas a dor funciona como combustível para torná-lo ainda mais furioso.

— Saia do teu esconderijo, demônio maldito. Chegou o dia em que retornará para tua morada, ao lado de Samael, lugar do qual nunca deverias ter saído! — esbraveja Spadoni.

Mas ele, experiente caçador de demônios e servo de Deus, também erra. E seu excesso de confiança quase lhe custa a vida.

BUUUMMM!!!

Ele sente o calor de uma bala calibre 12 passar próxima ao olho esquerdo.

Para ele, demônios não usavam armas — pelo menos até segundos atrás. O barman preparava-se para dar o segundo tiro e provavelmente não erraria.

“Tempos modernos.”

Pensamento inoportuno para um momento que exigia ação rápida.

Spadoni atira sua pequena adaga de prata e perfura o olho direito do demônio. A arma não estava benzida, mas foi o suficiente para distraí-lo enquanto o padre avançava e retirava a espingarda de suas mãos.

A arma cai no chão.

Spadoni recoloca a espada no suporte preso às costas.

O barman, sangrando à sua maneira, continua em pé, desnortado.

1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9.

Essa foi a quantidade de vezes que Spadoni bateu a cabeça do demônio contra o balcão, até ela deixar de possuir uma forma definida.

Sim, por incrível que pareça, eles também possuem cérebro. Mas Spadoni já sabia disso.

Ele pega a espingarda de cano serrado caída no chão e caminha entre os corpos até a porta de entrada, que permanece aberta.

O padre observa rapidamente a situação e percebe que o guardião mantém as seis prostitutas presas — três em cada um de seus braços poderosos.

Parecia que o demônio tentaria negociar com ele a libertação das garotas.

— Padre desgraçado! Posso soltar cinco delas, mas levarei uma comigo. Porém, tenho algumas condições. Eu...

BUUUMMM!!!

Naquela noite, o padre fez algo inusitado: usou, pela primeira vez, uma arma de fogo. E saiu-se muito bem.

O guardião errou ao tentar negociar, pois Spadoni jamais negocia com demônios.

As garotas estão salvas e não têm tempo para agradecer ao padre. Correm desesperadas, exceto uma, que caminha lentamente olhando para o chão.

Spadoni já está acostumado com isso. Os heróis reais são bem diferentes dos heróis dos quadrinhos e das séries de televisão. Não existem mocinhas que se jogam em seus braços — não que ele desejasse isso, afinal fizera voto de castidade. Ainda assim, um “obrigado” de vez em quando seria bom.

As dezenas de cicatrizes espalhadas por seu corpo clamavam por isso.

Mais uma vez, ele mergulha na solidão e caminha entre as sombras até chegar à porta dos fundos da igreja.

No ofertório, retira um bilhete amassado. Sabe que ali está o endereço do próximo local que deverá visitar.

Ao longe, consegue visualizar o informante de costas, usando um capuz sobre a cabeça, afastando-se apressado.

Spadoni não sabe quem ele é. Pode ser um anjo ou até mesmo um demônio aliado. Só sabe que as informações chegam sempre da mesma forma: num bilhete amassado deixado todas as noites no ofertório da igreja.

De qualquer maneira, aquele informante sabe que ele é um caçador de demônios e que está neste planeta apenas para combatê-los.

Quantos mais existem neste mundo?

Quantos caçadores arriscariam a própria vida no anonimato para proteger outras vidas?

Indagações que sempre terminam no vazio.

Ele verifica o endereço e percebe que não fica longe dali: um prédio residencial aparentemente comum.

Está cansado e ferido, mas não lhe falta coragem para morrer. Enfrentar demônios sozinho é um trabalho arriscado e insano, mas isso já se tornou um vício.

É como um alcoólatra que promete beber seu último copo de aguardente, mas no dia seguinte repete a mesma promessa.

Spadoni só pensa nisso:

Caçar demônios.

Caçar demônios.

Caçar demônios.

Sua mão treme quando passa um dia sequer sem exercer seu ofício. Falta-lhe ar. Parece que algo está errado, fora do lugar.

Ele se sente completo quando sai às ruas e chega ao seu destino.

Cada cicatriz em seu corpo corresponde a um prêmio que carregará consigo até o último dia de sua tortuosa vida.

Constantemente esquece que é um servo de Deus. E, quando isso acontece, segura com firmeza o crucifixo que carrega no peito, símbolo daquele que morreu para salvar a humanidade: um dos maiores caçadores de demônios que já existiu — Jesus Cristo.

Isso injeta óleo em suas engrenagens desgastadas.

Ele acelera o passo, mas, mesmo estando próximo, parece que jamais chegará ao destino.

Está ansioso e acabou esquecendo de tomar seus comprimidos. E isso não é nada bom.

A fúria toma-lhe o corpo de maneira devastadora.

Número 222.

Spadoni percebe estranhas inscrições e símbolos acima da porta de entrada do prédio.

Embora a língua seja semelhante, não é aramaico.

Ele entra.

Não há ninguém na portaria, e o silêncio absoluto o preocupa, pois demônios costumam ser barulhentos e desordeiros.

Mesmo assim, avança pelo corredor principal em busca de alguma pista.

O luxo está por toda parte, e obras de arte estampam as paredes.

Spadoni percebe que todos aqueles quadros pertencem ao mesmo artista e observa um deles com assombro.

— William Blake é o autor dessas pinturas. Esta, que tanto chama sua atenção, é O Grande Dragão Vermelho e a Mulher Vestida de Sol. Blake foi o único ser humano capaz de enxergar nossa verdadeira aparência. O retratado na pintura é meu parceiro Paimon — diz Berith ao padre, que já segura a espada.

— Demônio maldito! Não sabia que vocês também apreciavam arte. Mas isso durará pouco tempo, porque logo o mandarei de volta ao inferno! — esbraveja Spadoni, tomado pela fúria.

— Em sua cabecinha humana, você realmente acredita que poderá nos enfrentar para sempre? Quantos anos ainda acha que viverá? Você não sabe... mas eu sei. E não vou contar. Só direi uma coisa: estou na Terra há milênios, e nenhum outro caçador conseguiu me mandar de volta ao inferno. Paimon!

Quando Spadoni percebe que não está sozinho com Berith, já é tarde demais.

Paimon golpeia seu braço esquerdo e lança a espada para longe. O segundo golpe é um soco brutal no queixo.

Caído e completamente atordoado, o padre cospe sangue e alguns dentes.

Outros demônios surgem e o cercam.

Desarmado, Spadoni começa a gargalhar.

Sabe que algo está errado.

Os comprimidos esquecidos são os culpados.

— Berith, esse padre é louco? — pergunta Paimon.

— Não. Aqui na Terra chamam isso de transtorno bipolar. Além disso, ele não teme a morte e lhe faltam alguns parafusos. Mas podemos fazê-lo sofrer... bastante.

Berith cruza os braços e ordena que Paimon faça o que sabe fazer de melhor.

Paimon se joga sobre Spadoni, caindo de joelhos sobre suas costelas.

Som de ossos quebrando.

O padre leva as mãos ao peito e solta um longo suspiro antes de voltar a gargalhar.
Vidros estilhaçam-se pelo chão.

Os demônios rasgam sua batina e arrancam-lhe a camisa. Paimon o arrasta pelos cabelos sobre os cacos, deixando um rastro de sangue.

Durante essas crises, Spadoni esquece quase tudo — até mesmo quem é.

E quanto mais Paimon o arrasta, mais ele sorri.

A pequena garrafa de água benta em seu bolso se quebra.
A adaga de prata presa ao cinto torna-se inútil, pois ele sequer se lembra dela.

— Pare, Paimon. Isso não vai adiantar. Vamos ver se ele continuará sorrindo depois do que faremos com ele. Sente-o na cadeira e tire seus sapatos. Depois me dê um martelo.

Geralmente Berith apenas comandava, mas dessa vez seria o torturador.

Ele aproxima-se do padre que, mesmo com os olhos lacrimejando, continua sorrindo.

Berith ergue o martelo acima da cabeça e o desce violentamente sobre um dos dedos do padre.

Esmagado.

Spadoni urra e cospe sangue, mas o que diz em seguida é difícil de compreender.

Berith aproxima o ouvido de sua boca.

— Ainda... ainda faltam nove dedos... hahahahaha...

Em milênios, nenhum daqueles demônios jamais vira Berith tão furioso.

Ele pega a espada do padre e prepara-se para decepar-lhe a cabeça.

Spadoni olha para cima e vê uma forte luz aproximando-se pelo teto.

Seria a luz da qual tantas pessoas falam ao se aproximarem da morte?

Um estrondo faz Berith deixar a espada cair.

Ele não previra aquilo, pois perdera a concentração por causa do padre.

Um Opala preto, com os faróis altos acesos, arrebenta a porta de entrada e invade o salão do prédio.

Todos ficam estáticos quando uma jovem de cabelos curtos, meia-calça preta rasgada e coturnos salta do veículo com duas armas nas mãos.

Ela possui ótima mira.

Os demônios tombam um a um.

Berith foge com Paimon ao prever que seu futuro não seria nada favorável caso permanecesse ali.

— Acabou, padreco. Não sobrou nenhum... exceto os dois covardes que fugiram. Apoie-se no meu ombro e vamos sair daqui.

Spadoni levanta-se com dificuldade e começa a se lembrar do que fora fazer ali.

Segura o crucifixo e encara a garota.

— Eu... eu conheço você... Você não é uma das prostitutas que estavam no bar?

— Sim, padreco. E você acabou com tudo. Minha intenção era explodir aquele lugar e mandar todos de volta para o inferno. Mas você apareceu e acabou com meu plano.

— Então... você também é uma caçadora de demônios?

— Não, sou teu anjo da guarda — responde ironicamente. — Claro que sou uma caçadora de demônios. E muito bem equipada, com balas benzidas em água benta. Agora vamos sair daqui antes que a polícia apareça. Vai ser difícil fazê-los acreditar que esse monte de trastes eram demônios.

Spadoni olha para a garota e percebe que nem tudo está perdido.

Pelo menos... por enquanto.

Ademir Pascale: Paulista, escritor e ativista cultural, é casado com a publicitária Elenir Alves e pai de dois meninos. Criador e editor da Revista Conexão Literatura (<https://www.revistaconexaoliteratura.com.br>) e colunista da Revista Projeto AutoEstima (<http://www.revistaprojetoautoestima.com.br>). É chanceler da Academia Brasileira de Escritores (ABRESC) e associado da CBL (Câmara Brasileira do Livro). Já atuou como educador social e também trabalhou durante 18 anos no setor de Inclusão Digital da cidade de São Paulo, em uma rede de solidariedade que desenvolve ações de promoção da vida em diversas partes do país e do mundo, realizando um trabalho voltado a pessoas em situação de vulnerabilidade e exclusão social.

Participou de mais de 100 livros, com contos publicados no Brasil, México, China, Portugal e França. Publicou ao lado de Pedro Bandeira no livro *Nouvelles du Brésil* (França), com xilogravuras de José Costa Leite.

É organizador dos livros *Possessão Alienígena* (Editora Devir) e *Time Out – Os Viajantes do Tempo* (Editora Estronho). Fã número 1 de Edgar Allan Poe, adora pizza, séries televisivas e HQs.

Autor dos romances *Jornal em São Camilo da Maré* e *O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe*. Entre as antologias que organizou, destacam-se os títulos *O Legado de Edgar Allan Poe*, *Histórias Para Ler e Morrer de Medo*, *Contos e Poemas Assombrosos*, entre outros.

PACOTE

divulgação

PARA AUTORES

PROMOVA O SEU LIVRO
COM A GENTE!

Quer divulgar seu livro para

MILHARES DE LEITORES?



AUMENTE SUA
VISIBILIDADE



PROMOVA
SEU LIVRO



CONQUISTE NOVOS
LEITORES

PACOTE DE DIVULGAÇÃO

POR APENAS

R\$180,00

ENTRE EM CONTATO!



E-MAIL:

ademir@divulgalivros.org



revistaconexaoliteratura.com.br



UM BOM LIVRO
MERECE SER LIDO.
E DIVULGADO!



Deságua

Por Jaff Silva

JUNHO

D	S	T	Q	Q	S	S
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30					



RESISTIR
ADAPTAR
SOBREVIVER

O clima tinha mudado. Não havia dúvidas. Joaquim olhava pela janela e enxergava apenas a solidez da água que caía. Olhava para o teto, e inúmeras goteiras pingavam uma água gélida. Ele estava dentro de casa e tinha que usar um guarda-chuva se quisesse ir para qualquer lugar que não fosse seu quarto. Olhou para o calendário de mesa, onde estavam riscados os dias de chuva com uma caneta vermelha. Junho estava chegando ao fim, e apenas cinco dias não estavam marcados. Desde o meio do ano anterior, os meses tinham sido semelhantes: muitos dias chuvosos, não torrenciais, mas com chuvas fortes e duradouras que, ao fim, traziam um grande volume de água, encharcando a terra.

Os dias sem chuva também não eram típicos. O sol tórrido vaporizava boa parte do excesso de água na superfície, tornando o céu mais nebuloso do que nunca. Então a chuva retornava em um ou dois dias, com a mesma intensidade, num ciclo vicioso.

A internet ainda funcionava de forma precária. Obviamente, Joaquim já tinha pesquisado sobre períodos na Terra com chuvas persistentes. O mais interessante havia ocorrido há cerca de 200 milhões de anos: o Episódio Pluvial Carniano. Erupções vulcânicas de grande porte na região que hoje corresponde ao Canadá tinham gerado um efeito estufa responsável por chuvas constantes durante dois milhões de anos. Joaquim não tinha uma percepção exata dessa escala temporal, mas, como a vida humana gira em torno de cem anos, duzentos milhões lhe pareciam quase infinitos. Talvez as chuvas fossem similares, mas as causas certamente não eram. Ele não se lembrava de nenhuma notícia sobre erupções vulcânicas anormais. O início das chuvas, porém, era bem real, embora inicialmente não tivesse chamado atenção. A percepção de que não se tratava de um fenômeno local, mas global, consolidou-se em poucas semanas. Na época, os comentários enfatizavam que era apenas um período chuvoso mais longo que o habitual e que logo terminaria pela própria dinâmica climática do planeta. Agora, porém, essa suposição parecia quimérica.

À medida que o período chuvoso se prolongava e o volume de chuva aumentava, Joaquim começou a adotar medidas de sobrevivência, acumulando mantimentos e água potável e, sobretudo, realizando consertos e modificações preventivas na casa nos dias sem chuva. Mas, com o passar do tempo e a continuidade das tempestades, a infraestrutura existente começou a se deteriorar. Mantimentos e materiais foram rareando. Os sistemas de distribuição de eletricidade, água e gás começaram a colapsar. Ruas, estradas e pontes tornaram-se paulatinamente intransitáveis. As redes de comunicação apresentavam interrupções cada vez mais longas. E não parava de chover. Associavam a chuva interminável ao efeito estufa, às mudanças climáticas e até ao dilúvio bíblico.

De repente, a luz acabou. Para confirmar, apertou o interruptor duas vezes. Nada. Sentou-se na beira da cama, sentindo-se cansado, mal barbeado e com fome. Tinha vontade de chorar. Sabia que o celular, embora estivesse carregado, não funcionaria. Não havia rede disponível. Mesmo assim, tentou uma conexão. Em vão.

Joaquim apreciava a solidão. Por isso morava num lugar ermo. Mas aquela solidão, não escolhida e imposta por razões externas, o incomodava. No início do período

chuvoso, essa sensação era tênue e quase imperceptível. Com o passar do tempo, porém, a solidão foi se concretizando em sua alma de forma avassaladora. Agora era quase desesperadora. Isso lhe causava uma tristeza profunda, uma depressão que o levava à inanição. Começava a se conformar e aceitar seu destino: definhar paulatinamente, sem choro.

Escutou um barulho telúrico. Pela janela, percebeu uma massa de água oceânica avançando em sua direção. A solidão continuaria a persistir. E a chuva não parava.

OUÇA A MÚSICA DESÁGUA: CLIQUE AQUI



Jaff Silva (pseudônimo de Jafferson Kamphorst Leal da Silva) nasceu em Ijuí-RS, é casado e tem duas filhas. Na UFMG, cursou o bacharelado e o mestrado em Física. Obteve o doutorado em Ciências na Universidade de Genebra (Suíça). É professor titular aposentado da UFMG. Tem publicado digitalmente nas Antologias e nas Edições da Revista Conexão Literatura. Em fevereiro de 2025, publicou de forma independente o seu primeiro livro de poesia, “Versos Sem Dó”, na Amazon-BR via a plataforma KDP (link: https://www.amazon.com.br/dp/B0DY31Y1V4_). Ele escreve seus poemas em português e os traduz para várias línguas. Gosta de criar vídeos e músicas com o auxílio de plataformas de Inteligência Artificial. Vários REELS e Poemas Musicais estão disponíveis no Facebook: (link: https://www.facebook.com/jaffersonkamphorstleal.dasilva_), no Instagram (@jaffkamphorst), no Youtube (@Jaffkamphorst) e em quase todas plataformas de músicas (Spotify, YouTube, Tidal etc.).

— CONHEÇA A FERRAMENTA CRIADA PELA —

Revista **Conexão** Literatura

A ferramenta que auxilia o **autor** e o **leitor**
a encontrar com **facilidade** editoras brasileiras.



BUSCA RÁPIDA
Encontre editoras
em poucos cliques.



MAIS VISIBILIDADE
Conecte sua obra
a mais oportunidades.



FEITO PARA VOCÊ
Autores e leitores
conectados à literatura.



**ENCONTRE FACILMENTE AS
PRINCIPAIS EDITORAS DO BRASIL!**

ACESSE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Revista
Conexão Literatura

CONECTANDO HISTÓRIAS. TRANSFORMANDO VIDAS.

Condomínio

Por Idicampos



CONDOMÍNIO
TERCEIRA VIA
DO PARAÍSO



COELHO DA ROCHA

PORTARIA

ASSOCIAÇÃO
DE MORADORES
LUZIANA
DESBOCADA
PRESIDENTA

RESPEITO
DIÁLOGO
EMPATIA
CONVIVÊNCIA

AQUI
SOMOS
MUITOS
DIFERENTES
E É ISSO
QUE NOS
CONECTA

A urbanização dos grandes centros contribuiu para a consolidação da moradia vertical: como uma cômoda de gavetas empilhadas. No mesmo prédio, acomodam-se várias células sociais com culturas adversas, distribuídas em diferentes metragens e dispostas umas sobre as outras.

A artimanha da engenharia brigou com a arquitetura, pois conciliar o concreto sólido com a estabilidade emocional das famílias resultou em um desastre habitacional. Ainda assim, o progresso impôs-se com sua alma de cimento.

Retirar da floresta esse animal imbecil trouxe uma enorme dor de cabeça para a construção civil. Tentaram plantar árvores; porém, a iniciativa esbarrou na dificuldade de conciliar a frieza do cinza com a sutileza do verde.

O modesto edifício, paralelo à linha férrea, em Coelho da Rocha, surgia como tentativa de mitigar o crescimento desordenado da metrópole carioca. Batizado pelos políticos locais, na entrega das chaves, de “Terceira Via do Paraíso”, o empreendimento seguia o rastro da política da casa própria. Uma residência apertadinha, com cômodos minúsculos, onde, ao entrar de frente, só se saía de ré.

O Condomínio Terceira Via do Paraíso contava com treze andares, cujo elevador funcionou apenas na ocasião da inauguração. Os locatários, revoltados, fecharam a rua, gritaram palavrões, recorreram à Justiça, procuraram o padre, acionaram o pastor e recorreram ao pai de santo, mas nem o guru do templo budista da capital solucionou a demanda.

A massa que almejava uma unidade em um dos treze andares organizou uma Associação de Moradores, responsável pela admissão dos interessados nos imóveis. Luziana Desbocada assumiu a presidência da entidade. Foi escolhida em sufrágio eleitoral por causa da personalidade forte.

Alex, recém-casado, morador do apartamento 207 e experiente em molhar a mão dos burocratas, incumbia-se de homologar as escrituras no Cartório de Registro de Imóveis. Possuía as aptidões necessárias ao cargo de despachante oficial do condomínio. Tinha currículo: frequentara o ensino fundamental de calças curtas, negociara favores na escola em troca de merenda e nunca jogara futebol descalço; era um modelo clássico de almofadinha.

Na portaria, os associados optaram por contratar o ancião Írio, versado em filosofia de botequim e morador do distrito de Coelho da Rocha desde o nascimento. Cria do Morro da Cadore, desceu a ladeira da comunidade para morar no asfalto, no Conjunto Terceira Via do Paraíso, apartamento 108. Assumiu o cargo de porteiro, incumbido de fazer a triagem do movimento do bloco.

Írio fora um garçom de mão cheia; passara a carreira servindo aos caprichos dos burgueses nos restaurantes chiques da Zona Sul. Ao aposentar-se, deparou-se com a petulância dos filhos, a menopausa da esposa e toda a frustração de uma existência

resumida à conversa fiada. Deu um basta, partiu para uma carreira solo, chutou o balde e mudou-se para o condomínio.

Começaram as mudanças; antes de entrar, era preciso passar pelo crivo de Írio. Filósofo de pouca instrução, mas muito sábio, investigava os pretendentes ao imóvel com olhos de gato de rua.

O primeiro casal a ser sabatinado foi Lulu e Lucinha, contemplados com o apartamento 306. Duas bichas lindas, bastante educadas, que logo enfrentaram a arguição de Írio:

— Seus documentos, por favor.

Mostraram as identidades sociais: Lulu e Lucinha. Írio estranhou, pois Lucinha usava bigode e Lulu exibia um gogó pronunciado. Solicitou a certidão de nascimento de ambos; entretanto, o pedido ficou para ser entregue depois.

Írio comentou, em tom reflexivo:

— Transforme o depois em agora, porque a gente tem um compromisso com o tempo: não deixe para amanhã aquilo que é exigido hoje. O abraço esquecido ontem nunca será lembrado amanhã; um beijo recusado durante a tarde perde o sabor da afetividade à noite. O depois é o maior inimigo do futuro.

Entraram no conjunto habitacional, na parte da tarde, uma velha e um velho. Írio os interrogou:

— Estão velhinhos demais. O elevador enguiçou, e há vaga apenas no quarto andar. Não é aconselhável para a saúde física de vocês.

Respondeu o homem:

— Senhor, eu estou bem; Marina precisa de verduras, segundo o médico. Mais tarde, deitados em conchinha, resolveremos isso. Passe as chaves do 405, por favor.

Chegou uma mulher selecionada pela Associação de Moradores do Conjunto Terceira Via do Paraíso, daquelas capazes de parar o comércio e transformar a calçada em passarela — linda de morrer —, reclamando da falta de amor dos homens pelas mulheres. Írio coçou a careca, respirou fundo e prosseguiu com a sabatina:

— Vai morar sozinha?

— Enquanto o desgosto acompanhar a rotina da minha vida.

— De onde vem tanta mágoa?

— Dos maus-tratos da última relação amorosa.

Dito isso, mostrou os hematomas da tentativa de feminicídio.

Írio suspirou:

— O lado primitivo do homem é capaz até de apagar a vida de quem lhe trouxe à luz desde a saída da caverna.

A distinta criatura, visivelmente abalada, deixou algumas lágrimas de revolta escaparem, escondendo, sob um vestido escuro, a formosura de um corpo desenhado a pincel. Agradeceu o acolhimento e subiu para o 504.

O sol já se despedia quando um jovem, aparentando trinta anos, estacionou um Escort XR3 vermelho, zerado, ano 1989. Carregava um violão embalado numa capa preta. Írio fitou o cidadão dos pés à cabeça e o interrogou:

— Deseja alguma coisa?

— Um teto para me abrigar da chuva.

Timidamente, retirou da pasta a documentação do apartamento 603.

— Tem mobília para encher o apartamento?

— Tenho as sobras de um sucesso temporário na música.

— Como assim?

— Perdi tudo; sou vítima da perseguição ao funk nas favelas da cidade.

— O fiel da balança frequenta os nossos próprios atos. Continue fazendo arte; afinal, o capital jamais esgotará a criatividade humana.

Cruzou a portaria um indivíduo engomadinho, tipo lata de conserva, sugerindo ao porteiro que consultasse a lista dos contemplados na habitação. Írio procedeu à consulta:

— Qual o seu nome?

— Urânio da Guerra.

— São doze lances de escada; o 1305 o aguarda. Fica no lado esquerdo do corredor.

A noite expandiu o céu estrelado. Luziana Desbocada apareceu para conferir a lotação do empreendimento; encerrou o expediente de Írio e assumiu a recepção. A madrugada estava coberta pela astúcia da alma feminina. Durante o dia, Luziana levava o corpo ao batente numa máquina de costura e tinha a obrigação de prover os filhos.

A semana transcorreu às mil maravilhas; rapidamente, os treze andares ficaram lotados. No primeiro andar, no umbral da Terceira Via do Paraíso, moravam Írio, a família matriarcal de Luziana e os condôminos com mobilidade reduzida.

Subindo no fôlego de leão, os mais jovens ocuparam os andares superiores. Já o terraço, sem autorização prévia do condomínio, transformou-se no escritório do crime, chefiado por Urânio da Guerra.

Urânio parecia um daqueles personagens frutos de roteiros decadentes das produções estadunidenses: trabuco na cintura, cara fechada, truculento e autocrata. Chefe de uma turma da pesada que ocupava os três últimos andares. Em casa, agia energeticamente com a esposa, mantinha os filhos na rédea curta e forjava o tipo moralista.

Os moradores da Terceira Via do Paraíso sofriam o pão que o diabo amassou com a proliferação da milícia no edifício. Urânio da Guerra reprimia à força qualquer tentativa de revolta contra as atitudes dos milicianos.

Os capangas de Urânio introduziram a extorsão por meio da imposição de um boleto mensal de manutenção. Também efetivaram a cobrança da taxa de segurança, a venda de gás de cozinha e do sinal da Gato Net. Além disso, desviaram água da rede pública e furtaram energia elétrica da concessionária estatal.

Luziana Desbocada partiu para o confronto; então sofreu ameaças, teve a propriedade arrombada e foi cruelmente expulsa do condomínio. Lulu separou-se de Lucinha ao presenciar o adultério da amada com Urânio da Guerra. O funkeiro manteve-se no local, aliciado a compor músicas de apologia ao crime. Os velhos fugiram dali, e quem dependia do teto submeteu-se ao achaque.

Írio, sustentado pela aposentadoria do INSS e angustiado com o autoritarismo do crime organizado, sacrificava o fígado no balcão dos aflitos. Continuou propagando ideias subversivas de amor ao próximo nos bares de Coelho da Rocha. Reconciliou-se com a família, aceitou com resiliência os afetos e retornou ao lar — no Morro da Cadore — para desenvolver sua filosofia de botequim junto à árvore genealógica.



Idicampos, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.

2026

Patrocine a REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Editoras, livrarias, autores, etc., saibam como patrocinar a revista Conexão Literatura e ter a sua marca (site, produto) divulgada no site da revista, edições mensais e redes sociais, que somam mais de 1 milhão de seguidores.

SUA MARCA EM DESTAQUE:



VISIBILIDADE

Sua marca para milhares de leitores apaixonados por literatura.



CREDIBILIDADE

Associe sua marca a conteúdo de qualidade e relevância no universo literário.



ALCANCE

Divulgação no site, edições mensais e redes sociais que não param de crescer.

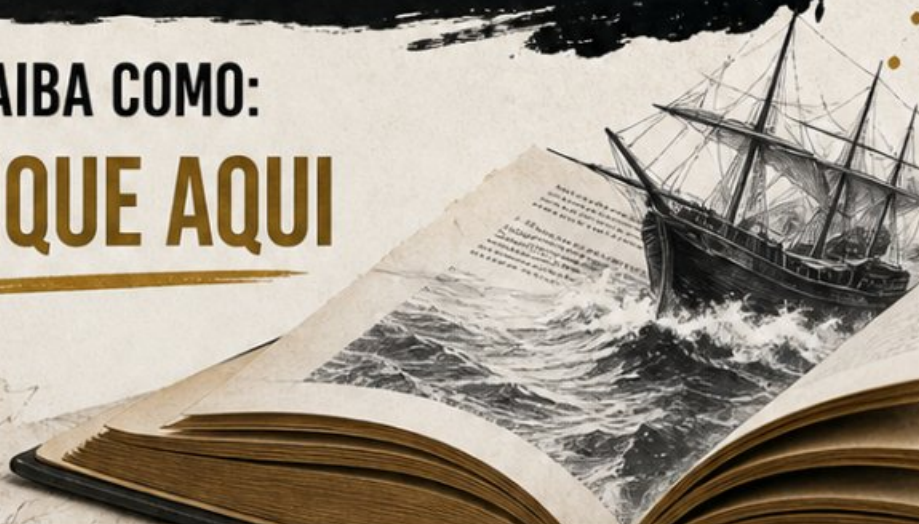


CONEXÃO

Conecte sua marca a uma comunidade fiel, engajada e inspiradora.

SAIBA COMO:

CLIQUE AQUI



WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

O Caso dos Gladiolos Brancos

Iraci J. Marin



Eu esperava o ônibus da linha 31. Sentado na outra ponta do banco, um sujeito aguardava o seu. Mantinha-se encolhido, com as pernas juntas. Tive a impressão de que estava concentrado em algo vago, perdido no horizonte. Segurava um ramo de gladiolos brancos nas mãos. Sob o braço esquerdo, carregava um livro. Percebi que as flores balançavam levemente e pensei que fosse por causa do vento morno da tarde. Mas não. Eram suas mãos que tremiam. Desviei o olhar, mas não o pensamento. Por que um homem de meia-idade estaria numa parada de ônibus, silencioso, com um ramo de flores, e tremendo?

Nisso, o meu ônibus chegou. Embarquei e fui para o fundo, onde havia muitos lugares vazios. Sentei-me e então vi que o outro também tinha entrado no coletivo, indo sentar-se um pouco à frente, na mesma fileira em que estavam outros dois sujeitos, do outro lado do corredor. Eles também levavam ramalhetes de gladiolos brancos.

Havia vários passageiros no coletivo, mas parecia que o fato de três homens portarem o mesmo tipo de flor, num dia qualquer da semana, não lhes dizia nada. Pensando bem, se cada um levasse um tipo diferente de flor, isso igualmente não chamaria a atenção dos outros passageiros. Estavam certamente absortos apenas naquilo que faziam naquele momento: seguiam no ônibus a caminho de seus destinos.

Eu observava os três, que, inertes ou concentrados, seguravam seus ramalhetes com cuidado, levantando-os sempre que o ônibus dava um solavanco, capaz de estragar o arranjo. Passou-se algum tempo, e então o primeiro olhou para o companheiro de banco. Cutucou-o com o cotovelo:

— Somos três a levar as mesmas flores.

— É, somos três a levar o mesmo tipo de flor — disse o segundo, olhando para o terceiro.

O terceiro mantinha-se estático.

— Vou levar estas flores para minha namorada. Ela faleceu há pouco tempo e gostava de gladiolos brancos — revelou o segundo.

— Faz sentido. Flores brancas são indicativo de paz, de harmonia. Isso também é verdade depois da morte.

— O senhor não precisa se expressar por indiretas.

— Não me leve a mal. Isso é um fato: todos reconhecemos a necessidade de esquecer alguma maldade do defunto, feita em vida. De minha parte, também vou levar flores brancas ao cemitério.

— Ora, ora, veja a coincidência.

Respirou saudosamente. Depois continuou:

— Eu levava estas flores para ela, e ela as colocava no quarto para enfeitar os nossos encontros.

O segundo olhou para o terceiro:

— O senhor está levando flores para a esposa falecida?

— Ela gostava dessas flores.

— É estranho os três levarmos o mesmo tipo de flor ao cemitério — disse o primeiro.

— Não é estranho. Nesta terra há muitas coincidências — respondeu o segundo. — Além disso, o símbolo da nossa cidade é justamente o gladiolo branco.

— Agora me dou conta de que minha querida mãe gosta de gladiolos brancos. Sempre tem um vaso com essas flores na sala — comentou o primeiro.

— Mas há exceções. A maioria das professoras da minha escola prefere rosas vermelhas. Isso tem uma explicação: rosas vermelhas simbolizam amor, paixão e sexualidade. De certa forma, representam a genitália feminina — explicou o segundo.

— Então o senhor é professor?

— Sim, de Filosofia.

— Ah, Filosofia...

— E o senhor, o que faz?

— Sou agiota — falou baixinho.

— Ah, agiota...

O segundo olhou para o terceiro.

— Ei, e o senhor? O que faz da vida?

— Sou escritor.

— Escritor? Bacana! Sempre quis encontrar um escritor, ouvir de onde ele tira suas histórias...

— O senhor lê?

— Não, ler não é a minha praia.

O escritor ficou sem palavras. Continuava com a mesma postura que tinha quando o encontrei no banco da parada de ônibus. Mas, de onde eu estava, não conseguia ver se suas mãos continuavam a tremer.

Fez-se silêncio. Os três olhavam para a paisagem, que desaparecia rapidamente. O interesse deles estava certamente naquilo que cada um fazia: levar flores para a amada falecida.

O ônibus estava num plano elevado, de onde se via o cemitério.

— O campo santo é o lugar onde não enterramos apenas o corpo de alguém, mas também os seus segredos — comentou o professor.

— Grande verdade — concordou o agiota.

O escritor apenas balançou a cabeça.

Fez-se silêncio outra vez.

Eu seguiria no ônibus, mas desci com eles para acompanhá-los. Estava curioso com aquela coincidência de três homens indo ao cemitério, num dia qualquer da semana, com o mesmo tipo de flor. Cada um entrou por um espaço entre os túmulos, distanciando-se dos outros a ponto de não se verem. Tomei um caminho intermediário, na mesma direção em que caminhavam.

Os três chegaram quase ao mesmo tempo a um túmulo baixo, revestido de granito cinza. Olharam-se rapidamente. Pareciam constrangidos. O professor depositou suas flores sobre o túmulo, murmurando:

— Não acredito!

Em seguida, os outros dois também depositaram suas flores sobre o túmulo. Não consegui ver se a mão do escritor tremia. Ficaram parados por um instante, de olhar baixo. Estariam fazendo uma oração silenciosa ou avaliando o momento?

De repente, como se tivessem combinado, os três pegaram seus ramalhetes de gladiólos brancos e, sem olhar uns para os outros, abandonaram o cemitério.



IRACI JOSÉ MARIN reside em Caxias do Sul – RS. É professor estadual aposentado e advogado. Publicou romances e obras de pesquisa sobre a etnia polonesa, como também artigos na mesma linha. Publica contos regularmente em diversas revistas e participou de várias Antologias e Coletâneas de contos.



O Que Veio do Gelo



Por Ney Alencar



1895. Contrafortes das Montanhas Rochosas.

O semblante do caçador percorreu as colinas que se descortinavam à sua frente, recobertas por densas florestas de pinheiros. Ouvia o barulho de uma cachoeira que parecia correr paralela à trilha que descia para um vale profundo e estreito entre as montanhas.

Perscrutou com cuidado as sombras espessas mais abaixo, procurando algum movimento e, quase imperceptivelmente, sua mão esquerda, calejada, desceu até a coronha da carabina Spencer. O contato com a madeira e o metal o fez sentir-se melhor.

Desmontou e observou as marcas espalhadas pelo chão pedregoso. Eram três vezes maiores que um pé humano, possuíam quatro dedos bulbosos e um calcanhar largo e pesado. Havia marcas profundas de garras curtas e rombudas na ponta de cada dedo — mas uma delas faltava. A impressão da pele era áspera, calejada e irregular, muito semelhante à própria pedra que cobria a trilha ao redor.

O caçador suspirou e tocou distraidamente o pequeno saco de pele que trazia pendurado no pescoço, uma lembrança da esposa morta que ainda lhe causava dor e sofrimento.

Já caçara coisas estranhas e bichos esquisitos por quase todo o Oeste havia mais de vinte e cinco anos. Nunca encontrara nada como aquilo. Lembrava-se do homem-lobo que matara perto de Dodge City, no Kansas, havia dez anos: seu primeiro. Uma criatura difícil de rastrear e derrubar, mas ele o fizera; vingara a esposa assassinada pela besta.

Lembrava-se também do troca-peles sanguinário que caçara nas imediações de Deadwood, em Dakota do Sul, um bicho esquivo e difícil de capturar, e daquele outro, mais velho, que matara em um beco de Tombstone, no Arizona; um dos mais complicados. Recordava-se, com um arrepio, do wendigo que exterminara no norte de Minnesota, criatura abominável e perigosa, cheia de artimanhas.

Caçara ursos e panteras por todo o Oeste; eram consideravelmente mais fáceis de abater. Não precisava de balas de prata para isso.

Tornara-se conhecido justamente por caçar coisas que nenhum outro caçador queria enfrentar. Fizera disso sua profissão e sua maldição.

Já estava com sessenta anos, e isso lhe pesava sobre os ombros.

A última criatura, abatida perto dos contrafortes da Montanha Sul, em Maryland, era realmente bizarra: possuía um bico metálico forrado de dentes afiados como navalhas, garras compridas como ganchos de aço, um único olho no centro da testa e tentáculos de polvo escapando da garganta profunda, usados para drenar o sangue das vítimas.

A coisa quase o pegara de jeito. Descuidara-se por um momento e ainda tinha as marcas das ventosas no braço direito para provar o quanto chegara perto da morte.

Agora tinha mais cuidado. Mas aquilo... voltou os olhos novamente para as pegadas... não havia encontrado nada igual. Nem mesmo as supostas pegadas do Pé Grande, o Tsul Kalu dos Cherokee, que avistara certa vez descendo uma encosta perto da Pedra Judaculla, na Carolina do Norte, podiam ser comparadas àquilo.

Fosse o que fosse, era bestial demais.

Arrasara um acampamento de mineiros mais ao norte apenas três meses antes. Nenhum dos vinte homens escapara. Porém, pior fora encontrar os corpos: todos desmembrados e semidevorados.

Não era o primeiro caso de desaparecimentos na região. Houvera mais de cem nos últimos vinte anos, segundo o xerife Poulson, todos sem solução.

Soubera de um caso semelhante quase trinta anos antes, perto do Monte Baker e do Pico Glacial, quando os quinze mineiros de uma mina de prata desapareceram subitamente durante o inverno, sem deixar rastros.

Aquilo o deixara intrigado, pois o bicho parecia ter vindo das terras do Alasca até ali e se instalado na região. Talvez fosse alguma criatura oriunda das terras geladas. Quem sabe? Os Nisqually, os Cowlitz, os Puyallup e até os Muckleshoot haviam abandonado estranhamente aquela área. Quando conversou com os trapeiros e os caçadores, todos foram quase unânimes em se calar sobre o que andava pelas montanhas. Tinham medo.

Foi um velho do povo Yakama quem esclareceu parte da questão.

Lembrava-se bem da noite de lua nova em que conversaram ao redor de uma fogueira, do lado de fora do tipi. O velho era um curandeiro e visionário. Sua pele profundamente sulcada pelo sol e pelo frio lembrava couro curtido ou talvez a casca seca de um pinheiro. Os olhos escuros e penetrantes, como os de uma águia, pareciam enxergar além do que o caçador conseguia ver. Os cabelos longos e brancos desciam em duas tranças grossas pelo peito, atadas com tiras de pele de lontra. Uma única pena adornava-lhe os cabelos.

Vestia uma camisa de pele de veado, puída pelo uso, decorada com padrões geométricos feitos de miçangas coloridas, espinhos de porco-espinho e franjas longas que representavam rios e montanhas.

O vento soprava frio vindo das geleiras de Tahoma, agitando as franjas da túnica. A fogueira estalou, e uma língua de fogo vermelho saltou para o céu quando o velho mexeu na bolsa de couro presa ao cinto e retirou algo semelhante a uma velha garra ou um fragmento de pedra.

Olhou para o caçador com olhos que pareciam de obsidiana e sussurrou numa voz seca:

— Você não vai encontrar o que procura no rastro de um urso ou de um puma — disse o velho, sem desviar os olhos das chamas, erguendo a garra. — O que vive lá em cima não respira o ar deste mundo. É mais velho.

— Vi marcas nas trilhas da montanha, velho. Grandes demais para lobos e panteras. Fundas demais para homens ou qualquer coisa semelhante a um homem. O que é aquilo?

— Aquilo... aquilo é um bicho estranho. Chegou há vinte e cinco verões, talvez mais. Veio com o vento que sopra do outro lado do grande mar e das geleiras. Um cheiro de musgo podre e ferro velho que não pertence às nossas florestas.

— Se não é um espírito e não é bicho desta terra, o que quer aqui?

— Quer a escuridão profunda, onde o gelo nunca derrete. Quer carne humana! — respondeu o curandeiro. — É feito de pedra e ódio. Meus sonhos mostraram uma criatura que teme o sol, com garras que rasgam árvores como se fossem palha. Não fala a língua dos homens nem das árvores; apenas sente fome. Veio de longe e se perdeu aqui.

— Dê-me uma direção, velho. Minha munição é de chumbo, não de reza.

O velho olhou para o caçador, e este sentiu um calafrio que não vinha da montanha.

— O chumbo pode feri-lo, sim, mas é o fogo que ele teme, pois lembra o sol que o transforma em pedra. Vá para onde as fendas exalam o hálito da terra. Ele está lá, esperando o sol cair para se tornar sombra e caçar outra vez. Mas cuidado, caçador: aquela coisa não morre como nós; ela apenas quebra.

O caçador não disse nada. Levantou-se e partiu. O velho curandeiro fechou os olhos e entoou um cântico baixo, abafado pelo uivo do vento que descia do topo nevado.

Lembrava-se muito bem daquela conversa. Pensara bastante nas palavras enigmáticas do velho curandeiro e tivera uma ideia para abater a besta. Sua primeira opção fora o ácido sulfúrico usado pelos mineiros para decompor a rocha e expor metais preciosos. Depois, porém, veio-lhe à mente algo ainda mais mortal: o cianeto.

Talvez balas de prata não pudessem ferir a criatura, mas balas ocas recheadas com cianeto talvez fossem capazes de pôr um fim naquilo.

Mandara fabricá-las com o armeiro que lhe fazia as balas de prata. Foram caras. Conseguira apenas meia dúzia e precisava economizá-las.

Montou no cavalo e começou a subir a trilha. Estava escurecendo, e logo a noite lhe traria a presa que procurava.

Chegou à boca da caverna para onde convergiam todas as trilhas de pegadas. O luar destacava-as na terra batida. Desmontou e soltou o cavalo; não havia razão para prendê-lo. Se sobrevivesse, o animal retornaria. Se não... ao menos poderia escapar.

O ar vindo do interior da caverna trazia o cheiro descrito pelo curandeiro: musgo podre e algo metálico, semelhante a sangue velho sobre pedra fria.

De repente, o chão vibrou.

O cavalo fugiu.

Das sombras da entrada da caverna, a besta surgiu.

Não era um bicho. Era um erro da natureza.

Tinha três metros e meio de altura, pele cinzenta e rugosa como cascalho compactado e olhos pequenos que brilhavam com inteligência malevolente e sarcástica.

A criatura soltou um ruído que não era exatamente um rugido; parecia o choque de placas tectônicas sob a terra.

Avançou com rapidez impossível para seu tamanho.

O caçador disparou.

O estrondo da espingarda ecoou pela montanha como se o próprio céu estivesse desabando. A bala atingiu o peito do monstro, mas alto demais. Em vez de sangue, voaram lascas de pedra e um líquido espesso, escuro e oleoso.

O bicho mal cambaleou.

Golpeou o ar com um braço semelhante a um tronco de carvalho, arremessando o caçador contra um pinheiro.

O caçador caiu, sem fôlego, a visão escurecendo.

Estava velho demais para aquilo.

A criatura aproximou-se, as garras de pedra raspando o chão, preparando-se para o golpe final.

Nesse instante de quase aniquilação, o caçador tateou com dedos trêmulos até encontrar a última garrafa de uísque. Arrancou um pedaço da manga da camisa, enfiou-o no gargalo como pavio, riscou um fósforo na bota e acendeu a chama.

Lançou a garrafa.

Ela se espatifou no peito largo da besta, e as chamas laranjas explodiram, devorando o musgo seco que crescia entre as fendas da pele pétrea.

O bicho soltou um guincho agudo e ensurdecedor, recuando freneticamente.

O fogo era seu algoz.

Aproveitando a distração, o caçador levantou-se, ignorando a dor nas costelas, e mirou abaixo do ponto onde a bala anterior rachara a pele de pedra do monstro, logo acima do esterno, onde imaginava ficar o coração.

O tiro final soou como um trovão ribombando pela encosta.

A bala penetrou o coração da criatura.

Por um segundo, a besta ficou imóvel, surpresa, observando o buraco aberto no peito enquanto as chamas refletiam em seus olhos de pedra.

Então, com um som estridente de cristal se estilhaçando, começou a rachar.

Fissuras profundas percorreram seu corpo até que, com um último suspiro de vapor sulfuroso, a criatura desmoronou num monte de cascalho inerte e fumaça negra.

O silêncio retornou à montanha, interrompido apenas pelo crepitar do fogo que se apagava nos restos da besta.

O caçador limpou o sangue do rosto, olhou para o topo nevado e pensou na esposa morta.



Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 500 contos publicados em 80 e-books e em 202 antologias. Possui 19 livros publicados.

PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



ESCRITOR(A)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.



FAÇA PARTE
DE UMA DAS MAIORES
REVISTAS LITERÁRIAS
INDEPENDENTES
DO BRASIL!



CONTOS

Aceitamos contos de diversos gêneros.

Até 4 páginas:

R\$ 70,00.

Envie o seu arquivo em Word.



CRÔNICAS, ARTIGOS, RESENHAS ETC

Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc.

Até 4 páginas em Word:

R\$ 70,00 (custo para o autor).

Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail:

ademir@divulgalivros.org



POEMAS

Poemas com até 4 páginas:

R\$ 70,00.

Envie o seu arquivo em Word.



MAIS DE
110 EDIÇÕES
PUBLICADAS



MAIS DE
1 MILHÃO
DE SEGUIDORES



CENTENAS DE
AUTORES DIVULGADOS
E NOVOS LEITORES
ALCANÇADOS

SOBRE A PUBLICAÇÃO

O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura.

Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem, mas temos todo o trabalho na diagramação dos textos, arte, divulgação, etc.



NÃO PERCA TEMPO:

encaminhe o seu texto para o editor

Ademir Pascale

E-mail: ademir@divulgalivros.org



www.revistaconexaoliteratura.com.br

LITERATURA | CULTURA | LEITURA | CONEXÃO

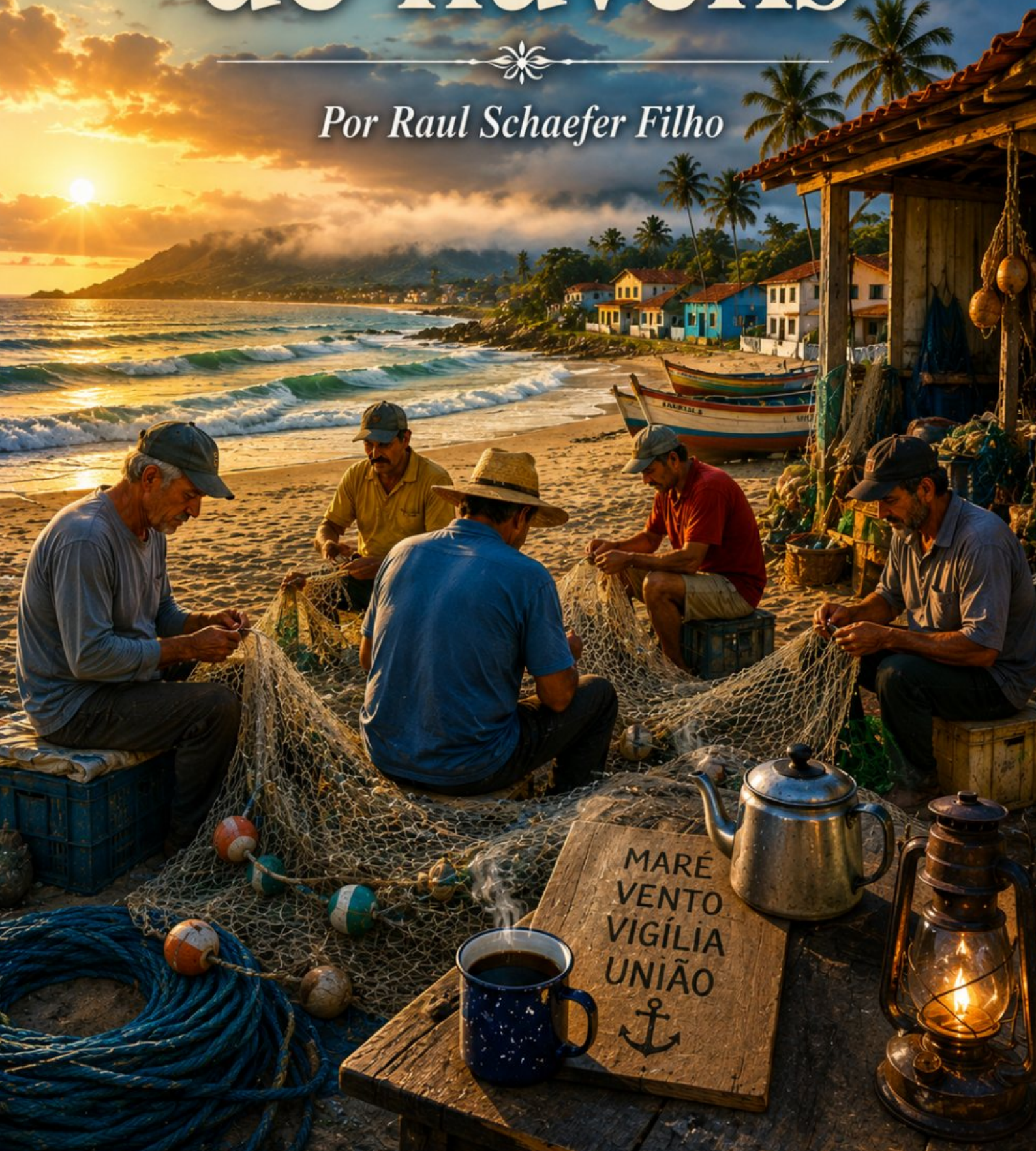


REVISTA
CONEXÃO
LITERATURA

A Rede de nuvens



Por Raul Schaefer Filho



MARÉ
VENTO
VIGÍLIA
UNIÃO



Aconchegou-se à varanda da casa com uma xícara de café fumegante entre as mãos e, enquanto sorvia aquele líquido reanimador, observava o mar que se estendia à sua frente, perdendo-se no horizonte. Fazia isso todas as manhãs antes de se encontrar com os demais pescadores no rancho que a equipe mantinha na ponta esquerda da praia.

Naquela manhã, não gostou da cor do mar, meio esverdeado, com um azul-escuro que, dependendo dos movimentos entoados pelas fracas ondas, formava redemoinhos, desviando o toque na areia, como se virasse de lado. Experiente na arte de detectar cardumes de peixes, Osni estranhou aquela diferente movimentação das águas e da espuma nas bordas das ondas. Diria sua opinião aos companheiros de rancho; tinha quase certeza de que naquele dia não haveria peixes. Aquele vento sem direção, levantando a areia, não trazia bom augúrio.

Pegou a cachacinha, um peixe já escamado e eviscerado que havia posto na geladeira, um pouco de farinha de mandioca e rumou em direção ao rancho de pesca. Ao aproximar-se, vislumbrou que Zeca e Dilamar já estavam na função de reparar os furos das redes.

— Bom dia, rapaziada — foi saudando com um sorriso nos lábios.

— Bom dia, Osni. Como passaste a noite? Foi difícil pegar no sono; estava um clima pesado — respondeu Zeca.

— Bom dia — disse também Dilamar.

— É, de fato, a noite estava para enjoio, abafada e carregada — falou Osni, pondo sua carga sobre uma mesa improvisada.

Osni pegou, de uma prateleira feita com tijolos empilhados, uma agulha talhada em bambu e a linha de sisal, e igualmente pôs-se a remendar as redes avariadas. Não demorou para se juntarem ao trio Timóteo e Januário. Este, mal se aboletou na conversa e na função, segurou a garrafa de pinga e talagou, fazendo uma careta.

— Devagar, rapaz! — gritaram todos. — Ou vai ficar logo siririca.

— Quem reparou no mar hoje pela manhã? — indagou Osni.

— É, está esquisito — disse Januário. — Sua coloração e a movimentação enviesada não são boa coisa — emendou.

— Vamos esperar isso passar. E vigilância sempre — concluiu Dilamar.

— O negócio é a gente deixar tudo pronto; vamos ter tempo — falou Timóteo, continuando, com gestos rápidos, a reconstituição da rede arrebitada.

Por volta do meio-dia deram um tempo na labuta e foram preparar o peixe com pirão de farinha de mandioca. Estavam no almoço quando chegaram as mulheres de Zeca e Dilamar, de nome Jussara e Patita. Vieram dar uma geral no barraco e, embora convidadas para o banquete, disseram já ter almoçado em suas casas.

Tão logo encerrada a função e guardada a rede no interior da embarcação, as mulheres deram um trato no rancho, pondo tudo em ordem. Como o vento aumentou a velocidade, saíram todos rumo às suas casas.

Mal a noite se anunciava, o vento resolveu aprontar das suas. Sacudiu as árvores, fez o mar bater com força descomunal nas areias da praia, e estas, impulsionadas pela ventania, surravam as pessoas e moradias, onde logo se abrigaram.

O passar das horas foi de verdadeiro terror, com o vento assoviando sem parar, o barulho de telhas sendo lançadas ao longe; objetos existentes nos pátios voavam sem destino. Osni, em casa, acocorou-se debaixo da mesa e pensou: “Seja o que Deus quiser.”

A ventania perdurou pela madrugada, porém Osni não aguentou o sono e acabou dormindo onde estava. Acordou estranhando o lugar onde dormira, sob a mesa, mas percebeu uma calma na manhã de sol que, ainda pálido, entrava pela janela.

Levantou-se e espreguiçou-se, sentindo-se alquebrado, com os ossos estalando. Foi à cozinha e preparou um café bem forte. Enquanto a chaleira chiava, tomou coragem e olhou para fora. O que viu o assustou; não via uma coisa assim havia anos.

As coisas que havia deixado espalhadas pelo terreno encontravam-se viradas, no vizinho ou em cima das árvores. Sua casa não sofreu danos, mas a de Zeca destelhou pela metade. A de Dilamar aparecia com os vidros de uma grande janela espatifados.

— Barbaridade! Precisavam reagir de alguma forma.

A pequena comunidade mexeu-se rápida e solidariamente; aos poucos voltava à normalidade. Os danos foram minimizados, recompondo-se os estragos na medida das possibilidades. Só o rancho de pesca ficou em sobressalto, pois, com o vendaval, partiu-se em dois. Uma parede para cada lado, permanecendo o interior intacto.

Puxa vida, aquilo era milagre! O mar... ah, o mar! Mostrava-se sereno, calmo e sem rebojo. Tudo como antes.

A semana correu e os pescadores retomaram seus afazeres normalmente. A vigília tornou-se acerba; os olhos não descansavam de reparar o mar.

Osni, do alto de uma enorme pedra que se destacava no canto da praia, estava atento; não despregava o olhar experiente do horizonte marinho. De repente, uma mancha deslocava-se no mar, enredilhada pelas ondas; ia mudando de forma à medida que avançava.

Não era uma sombra significativa, mas com certeza indicava um cardume que, pela aparência, revelava ser de anchovas. O sinal veio rápido e, na praia, o pessoal, com destreza, empurrou o barco para o mar, arrostando as médias ondas que vinham beijar a areia.

O cerco foi finalmente fechado; afinal, não se tratava de um cardume volumoso, todavia providencial: abasteceria a pequena colônia de pescadores com provisões suficientes para a semana.

Já na praia, o trabalho transferiu-se para puxar a rede, que volteava todo o cardume, com as anchovas saltando, surpreendidas pela malha. Começaram o esforço de arrastar a rede, afunilando, gradativamente, os pelotões de pescadores que se posicionavam em cada ponta do arrastão.

À medida que a rede se fechava e se aproximava da areia da praia, estranharam o peso que ela apresentava e a força que deles exigia, uma vez que o cardume descoberto não era grande e não podia justificar todo aquele peso.

Ainda por cima, uma densa neblina formava-se no horizonte e, ainda que lentamente, era trazida para a costa, em direção à praia. Uma acelerada e um esforço maior no controle da rede foi a reação do grupo que, demonstrando cansaço, não desistiu.

Enquanto a orla submetia-se à espessa neblina, a visão descortinada com a chegada da rede ao quebra-mar mostrou-se aterradora. Em meio às anchovas que se debatiam contidas pela malha da rede, muitos corpos humanos, em partes putrefatas, rolaram pela areia da praia, paralisando todos os que ali esperavam pelo lanço.

A lúgubre aparição provocou não só espanto no povo que se aglomerava junto à rede, mas também asco e vômitos espontâneos. A tétrica paisagem esparramada sobre as alvas areias, mesclando peixes vivos com corpos fétidos e podres, terrificou toda a colônia de pescadores, cujo trauma, amplexado doravante, afastou-os daquele lugar.

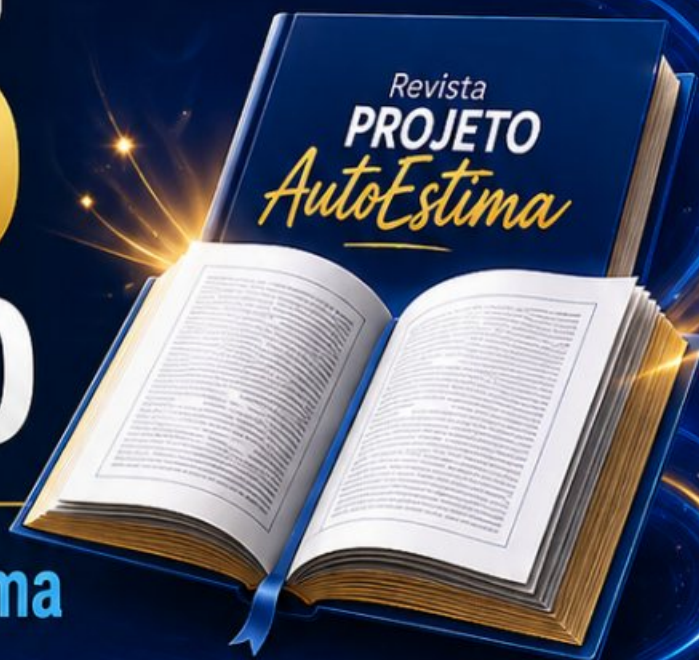
Já não mais se conseguia pescar. A noite desceu carrancuda.



Raul Schaefer formado em Direito pela UFSC e reside em Florianópolis, tendo participado de várias antologias literárias com poemas, contos, crônicas e artigos.

DIVULGUE O SEU **LIVRO** OU TEXTO

NA
Revista Projeto AutoEstima



Entrevista:

Entrevista Engloba publicação da entrevista e foto do livro e do autor, numa edição da revista.

R\$ 200,00



Texto:

R\$ 80,00



Poema até 2 páginas:

R\$ 80,00



Conto ou crônica até 4 páginas:

R\$ 80,00

ACESSE O NOSSO MÍDIA KIT:



<https://revistaprojetoautoestima.com.br/midia-kit>

Revista
PROJETO
AutoEstima



<https://revistaprojetoautoestima.com.br>

SEM ASAS PARA VOAR

Por Roberto Schima
PARTE I

NOVA BOCA
DO LIXO

ATRIZ DE
FILMES ADULTOS
É ENCONTRADA
MORTA APÓS
QUEDA!

Mistério!

NÃO ULTRAPASSE NÃO ULTRAPASSE NÃO ULTRAPASSE

NÃO ULTRAPASSE

CAM 02

23:47:19

A VERDADE
NEM SEMPRE
TEM ASAS

FUZARCA
O ESCÂNDALO
NÃO PODE PARAR!
SÓ A VERDADE VENDE!

NOTAS:

- ANJO?
- QUEDA?
- QUEM?
- POR QUÊ?

JOÃO SILVA
REPÓRTER
PRESS

1 - PAZ?

Paz...

Devia ser uma das regras fundamentais do mundo.

Paz é uma coisa boa.

Só que o mundo — A humanidade... Nós! — tá mais para imundo. Parece ser retardado de pai e mãe, com menos neurônios na cachola do que Tico e Teco, pois vive mergulhado na mesquinaria, inveja, patifaria, violência urbana, corrupção e guerras.

Paz, simbolizada pela pomba branca.

Sendo frio e calculista, eu não devia reclamar. Afinal, enquanto repórter de tabloide, vivi da desgraça albeia, chafurdei-me no lodo, nutri-me da discórdia. Foi o meu ganha-pão... O pão que o diabo amassou! Sim, fiz do conflito, da hipocrisia e da mentira o meu sustento. Fui parte da imundície. Foi o meu paradoxo, tal qual o médico que sonha com um amanhã onde todas as doenças serão banidas, mas sabendo que, no dia que isso acontecer, terá perdido o emprego. Então, é assim, trate a ferida... mas não cure! E cuide de eliminar o inventor da cura milagrosa antes dele tirar seu trabalho.

Paz, uma pomba de asas abertas a voar livre pelo céu.

Eu sei, eu sei, eu sei... Eu, João Silva, sou agora o repórter de um jornal respeitável, usuário de um terno engomadinho, desodorante importado, barba bem feita e cabelos aparados. Devia me dar por feliz por haver prosperado e viver em uma cidade turbulenta e em tempos difíceis. Quanto maiores os problemas dos outros, melhores as oportunidades de conseguir um furo jornalístico. No entanto, creio que até o mais frio dos médicos chega num momento durante a cirurgia no qual questiona o que faz e por que faz.

Estou meio assim, filosófico. Será a idade? Talvez. Não se trata de filosofia de pára-choque de caminhão, mas algo mais profundo, e — Por que não? — excepcional, ainda mais no meu caso. Afinal, sempre levei a vida meio no vai da valsa, principalmente quando labutava no tabloide, o *Fuzarca*. Lá, eu fabricava as matérias mais estapafúrdias possíveis: de OVNI's a possessão demoníaca. Tudo para entreter um povão ávido por besteiro e amnésia das agruras da vida.

Pois foi justamente esse passado que veio bater à porta de meu apartamento numa manhã, ou melhor, acordar-me com a campainha do telefone. Eu achava que seria outro dia rotineiro, atrás de notícias sérias — e enfadonhas — para publicar no atual emprego.

Não, não haveria paz alguma.

Paz era um luxo dos mortos. Por vezes, nem assim...

E a pombinha branca se pareceu mais com um urubu a rodear a carniça.

2 - QUICO

Ring!... Riing!... RIIING!

O aparelho tocava e tocava.

Ring!... Riing!... RIIING!

— Que merda! — resmunguei, sonado. — Alô?

A voz do outro lado chegou, aflita:

— *Kolchak*, é você?

— Kol... Hein?

Despertei de imediato ante a menção do velho apelido. Era o modo como alguns colegas do *Fuzarca* me chamavam na gozação. Esquisito eu ter me lembrado do apelido e não haver reconhecido a voz. Talvez porque a pessoa no caso nunca tivesse significado grande coisa para mim ou por meu subconsciente ter preferido esquecer. Há sujeitos cuja lembrança causa esse efeito na gente, um tipo de náusea. São como as porras dos políticos: perdemos o sono, adoecemos de raiva e nada é resolvido. Contudo, dessa vez, o instinto me pôs em estado de alerta.

— Quem...?

— É o Gonçalves, João.

— Gonçalves?

— GON-ÇAL-VES, seu antigo chefe! Já esqueceu?

Gonçalves! Logo a imagem do *Quico* se sobrepôs a dele em meu cérebro. Sim, aquela espelunca de jornal se parecia com a maloca do *Chaves* e sua turma. E, de todas as personagens, o *Quico* era a que melhor se encaixava no meu antigo patrão, tanto pelo "cérebro" quanto pelas bochechas de buldogue.

— Fala, *Qui*... Fala, chef... Ah, catso! Fala aí, Gonçalves! Que diacho, lá isso são horas de me ligar? Aliás, pra que tá me telefonando? Não trabalho mais procê faz tempo!

O cara até teve cisma de perder o cargo para mim. Não fora sem uma expressão de alívio que vira eu partir para um emprego melhor num jornal de verdade. Por que entrava em contato?

— Tem algum saci à solta? — provoqueei. — Ou será um corpo-seco? Zumbi? Disco voador? Ah, já sei... A Mulher de Branco!

Sim, pois eram assuntos desse tipo que eu me especializara no tabloide. Às vezes, pesava a mão no artigo, outras vezes, inventava de tudo. E, numa ocasião ou noutra, até me deparara com o extraordinário de fato. Ninguém acreditava, tão habituados estavam as minhas mentiras, mas divertiam-se.

Houve uma pausa do outro lado. Pensei que fosse bater o telefone na minha cara. Então, a voz anasalada, mais pausada, emergiu do aparelho:

— Não, João. É a Jackie...

— Quem?

— Jackie... Jacqueline... Pelo amor de Deus, o Anjo!

Anjo?... O Anjo!

Um arrepio percorreu meus braços e atçou a virilha. Foi minha vez de ficar mudo. Tais quais as pombas, os anjos também possuíam asas e seus lugares ficavam no céu.

3 - O ANJO

Anjo...

Era assim que a redação a apresentara anos atrás.

A linda morena de olhos azuis e lábios carnudos viera estampada na primeira página.

A seção, dedicada a fotografias de beldades com pouca ou nenhuma roupa, estava entre as mais badaladas. Quiçá não fosse a razão principal de muitos senhores respeitáveis

adquirirem o jornaleco, embora sem o admitir, é claro. Sua audiência sobrepujava os quadrinhos, o horóscopo, as palavras cruzadas, as baixarias de celebridades e, até mesmo, os meus relatos sensacionalistas. O título da seção era bem besta: "Gatinha Fogosa". Todavia, quem estava se lixando para o título diante do desfile de peitos, ancas e traseiros?

Em letras miúdas, Jacqueline era apresentada ao público como "Jackie". Era um nome de guerra, evidentemente, assim como Jacqueline devia ser um pseudônimo. Mas, em vez de ser inventado pelo jornal, fora dado por ela própria; uma exigência, já que, em breve, seria assim que figuraria nos cartazes de filmes adultos da Nova Boca do Lixo.

Ela não tardara a ficar entre as modelos favoritas dos leitores. E da redação também. Tampouco demorara a ganhar a alcunha de "Anjo", devido a fisionomia doce, ingênua e até acanhada. Tal contraste, aliás, somado a um corpão transbordante de lascívia, mexia com a imaginação dos marmanjos. O conjunto era realçado pelo zelo dela em não macular a brancura da pele com *piercings* ou tatuagens. Sequer uma estrelinha ou coraçãozinho. Era uma tez, digamos, virgem. Uau! Provocava a libido feito fogo em mato seco. Como seria acariciá-la de alto a baixo? Quantas pintinhas naturais ela teria? Fora uma das apostas vulgares na redação. Obviamente, eu não estava imune a tais efeitos, pelo contrário, vira-me a colecionar as fotos dela no jornal qual um adolescente abestalhado que acabara de descobrir os próprios hormônios. Até fora conversar com o sortudo do fotógrafo, o Zarolho, a fim de obter cópias dos originais. O cara fora curto e grosso:

— Entra na fila!

— Mas, Zanolho...

— Não! Ela tem um guarda-costas grande feito um armário. No estúdio, só ficamos eu, ele e a modelo. O tipo me obrigou a entregar os negativos após revelá-los senão...

Fizera o gesto de alguém puxando um gatilho.

— Mas você ficou com as fotos originais, não ficou?

— Tá surdo, Silva? A resposta é NÃO!!!

Pudera ver as bolinhas de suor brotar na testa dele, e o olho estrábico ficar mais torto ainda. Freara na cueca. Então, eu desistira. Medroso! Egoísta! Bem podia imaginá-lo no banheiro dando asas à fantasia para, depois, guardar o material a sete chaves.

É... Jackie fizera o maior sucesso no jornal. Estampara a primeira página em várias edições. Do volume de cartas recebido no Fuzarca, 99% era impúblicável, tamanho o entusiasmo dos pervertidos. Então, de repente, ela desaparecera. Dera início à carreira de atriz. O Anjo batera as asas. Transformara-se em mito, fantasia, objeto de desejo. Fonte de suspiro por parte dos homens, e de olhares desabonadores por parte das mulheres.

— *Que nada, é inveja!* — *garantira uma colega sapatona.* — *Aquela mina é gostosa demais!*

Após a minha saída do tabloide, não ouvira mais falar do Anjo.

Até receber o telefonema do *Quico*.

4 - COMO NOS VELHOS TEMPOS

Exalando bafo de onça, perguntei:

— O que tem o Anjo?

— Morta! Ela tá morta...

Foi assim, seco feito uma navalha no vão entre os dedos.

— Cumé qui é?

— Tá surdo, pô? Num tá me ouvindo?

— Tô, caramba!

Letárgico, eu processava a informação em marcha lenta.

Mas o *Quico* prosseguiu, implacável feito um rolo compressor:

— Foi jogada do alto do prédio onde filmava. Cubra a matéria pra mim!

— "Jogada"? Eu... Ei! Não trabalho mais procê faz...

— Serviço *freelancer*, *Kolchak*! Vamos lá, pelos bons tempos. Pago bem, o dobro do normal.

— Por que eu? — Pensei em que diabos de "bons tempos" ele estaria se referindo.

— Já não tem os manés do jornal?

Ao menos tive a satisfação de vê-lo admitir:

— Ninguém é tão bom quanto você pra contar uma história.

— Não esperava viver o bastante pra ouvir isso.

— Pô, João, dá uma folga! Hoje é sexta-feira. Arrume um tempo pra dar uma geral.

Depois terá sábado e domingo de folga do seu serviço pra trabalhar no artigo pra mim. Não sente saudade das ruas?

Uma luzinha acendeu.

— Como sabe que faço serviço interno? Como sabe que folgo de fim de semana?

Verdade, desde a semana passada escrevia reportagens para a seção de turismo. Turismo! Meu antecessor se aposentara, e realocaram o mais novo da redação — o trouxe aqui — para a vaga dele num estalar de dedos. Simples, assim. Turismo... Afff! E nem sequer me era permitido viajar! Pesquisava sobre belas paisagens nos livros, no computador e até em jornais concorrentes. Percorria o Brasil todo sem tirar a bunda da cadeira. Merda! Meu atual chefe era um pé no saco e mão de vaca. Pior até do que o *Quico* em certos aspectos. Acreditava mandar em alguma coisa, mas enfiava o rabo entre as pernas quando o diretor aparecia. Tinha chique se alguém trocava um "S" pelo "Z", entretanto, não diferenciava mortadela de mortaNdela...

— Como é que sabe? — insisti.

— Que importa? Nosso trabalho é estar informado.

— Mas o que tem de sobrenatural no caso? Não sou repórter policial...

— Não tem nada assombrado... A menos que você crie algo! É... Fique à vontade!

O terror e o sensual combinam. Lembra-se das capas dos gibis do Drácula? E dos filmes da *Hammer*? Ah, aqueles decotes... Olha, sei que gostava do Anjo. Pense nisso como uma homenagem a ela. Topa?

A essa altura, o sono se fora pras cucuias. Rosnei:

— O triplo do normal.

— Como?

— *O triplo, catso!*

— Olha, eu não...

— Pense nisso como homenagem a ela...

— Ah, raios, tá bem, *Kolchak!* Mas só se trazer a matéria pronta na segunda-feira. Dê aquela floreada básica, tape os buracos, entende?

— Claro. Como nos velhos tempos...

— É isso aí. Como nos velhos tempos.

Deu-me o endereço do prédio. A seguir, desliguei.

Tempos velhos, não necessariamente bons. Seja como for, uma grana extra viria a calhar, afinal, vivia num país em eterna crise econômica, jamais saía do buraco. E outra, com o avanço da informática e da tal Internet, várias editoras e jornais ficaram em apuros. Os otimistas anunciavam glórias sobre as facilidades na difusão da informação. Os pessimistas — ou pés no chão — previam fechamento de empresas do ramo e até o fim das livrarias e bancas de jornal. Eu precisava garantir um pé de meia. Mas, na hora, confesso, a minha principal motivação, além do Anjo, foi retornar às ruas e dar espaço para os olhos. Sim, numa coisa o bocó do Gonçalves tinha razão: não nasci para mofar entre quatro paredes. Precisava de asas... Asas para voar!

5 - NOVA BOCA DO LIXO

Sexta-feira bem cedo.

Manhã nublada de mau agouro.

Antes de qualquer coisa, dei um tempo no bar.

— Vê um café bem forte, Portuga! Nada de milho torrado dessa vez, hein? Café mesmo...

Sem maldade, o *Senhor Barriga* resmungou uma obscenidade atrás do balcão. Conhecíamos-nos bem, freguês de tantos anos que eu era. Ao trazer o pedido, ele indagou, curioso:

— Ué, de novo atrás de fantasma?

— Pois é. Mas, dessa vez, acho que é de verdade: uma pessoa foi morta.

— Ora, pois, não me lo diga! Homicídio é do que a cidade não carece. O que falta é segurança!

Assenti. A "segurança" do Portuga era um baita trabuco debaixo do balcão. Ele dizia:

— Nesse, eu posso confiar!

Engoli devagar a bebida fumegante, preparando-me para o que estaria por vir. Pouco antes, no caminho até a bodega do Portuga, parara na banca e comprara um jornal — da concorrência — e, agora, folheando-o, franzi a testa. Não vi nenhuma notícia sobre o assassinato de uma atriz pornô. Tampouco a TV do bar anunciou algo do tipo. O Portuga estava certo: com tantas mortes acontecendo diariamente, uma a mais, uma a menos não fazia diferença. Nem merecia uma nota de rodapé. Só as grandes chacinas importavam. O Gonçalves se interessara porque a Jackie se tornara uma celebridade no tabloide.

Quanto a mim, não estava nem um pouco inclinado a ver um cadáver espatifado no chão feito um tomate esmagado. Já tivera minha cota de experiência diante do corpo de meu vizinho, o Prof. Cândido. Ficara doido o infeliz e se atirara do balcão do apartamento. Eu sei, eu sei... Circunstâncias estranhas permearam o caso. Mas eu usara muito de minha liberdade poética a fim de compor a reportagem e, principalmente, tirar o

meu rabo da reta. Não queria meu nome envolvido, afinal, o apartamento dele ficava em frente ao meu, e sim... Sim! Eu testemunhara o suicídio. Ora, uma coisa era escrever sobre vampiros, lobisomens, nivuzia, possessões e caiporas. Outra, bem diferente, seria eu virar manchete. Nem morta! Isentara-me de qualquer envolvimento. Mencionara estar cochilando na ocasião. Banquei os três macaquinhos. Dureza foi descer até o térreo e dar de cara com aquela massaroca sanguinolenta. Putz! Passei uma semana sem encarar molho de almôndegas ou batatas fritas com *catchup*. E nem vou contar sobre os pesadelos...

Felizmente, ao chegar ao local, deparei-me com funcionários lavando a sujeira após a perícia. Munido de umas gorjetas, comecei a entrevistar as melhores fontes: porteiro, segurança, camareiras e faxineiras. Foi-me bastante útil saber que gostavam de meus artigos no *Fuzarca* e lamentaram a minha saída do tabloide. Amoleceu suas línguas mais do que o dinheiro. Até dei autógrafo!

O edifício não era de luxo. Tampouco chegava a ser um muquifo. Digamos que era um ponto de encontros furtivos da classe média. Ficava na Nova Boca do Lixo, para os lados da Praça da República, e não como a anterior, no bairro da Luz. Pelo preço certo, você podia passar uma hora, um pernoite, ou, então, alugar um imóvel o tempo necessário a fim de rodar umas cenas de sacanagem.

O proprietário alugara a locação para a filmagem. Seria à noite. Vieram, além da atriz — Jackie —, alguns homens do elenco, o diretor e membros da equipe responsáveis pela filmagem, iluminação, cenário, som e maquiagem. Como os "atores" de tais produções conseguiam se excitar de verdade, com um bando de gente ao redor, era um mistério para mim. Quando criança, eu sequer urinava na rua!

Uma faxineira comentou:

— O tal diretor... Vixe! Tinha jeito de mafioso. Dava medo!

— A senhora conhece a máfia?

— Eu? Credo, não! Sô direita. Vi na televisão: metido a chique, mandão, cara de ruim. Por fora, bela viola; por dentro, pão bolorento!

Um segurança emendou:

— Deu dó ver a moça no meio daqueles tipos. Ela parecia boa gente.

— Por quê? — perguntei.

— Me cumprimentou. Ninguém faz isso! E o rosto dela... Que bonita!

— Já viu ela antes? — arrisquei.

— Gozado falar isso. Ela não era estranha. Será de novela?

— Isso, acertou... de novela — menti.

— Coitada! Tão novinha... Tomara que prendam quem foi.

A faxineira retrucou:

— Tá brincando, Chico? Essa gente tem dinheiro. Compra tudo.

— Se o senhor quiser — disse-me uma das camareiras —, o Seu Jurandir pode dar mais detalhes. Ele sabe de tudo do prédio. *Tudo!*

— *Maria!* — censurou a faxineira, dando uma cotovelada na outra.

Minha curiosidade foi atiçada.

— *Quem é esse Jurandir?*

A tal Maria, toda tímida, olhou de soslaio para a faxineira. Essa deu de ombros:

— Cê começou. Agora, termina!

E a camareira terminou.

— Ah, o síndico. Só num conta que eu falei...

Foi assim que tomei conhecimento do *Jaiminho, o Carteiro*. No entanto, iria conhecê-lo apenas à noite, pois já estava na hora d'eu ir para a redação pesquisar por hotéis, *resorts*, praias e pousadas para turistas endinheirados.

6 - JAIMINHO E PROFESSOR GIRAFALES

Noite.

Jaiminho...

Sim, era com ele que o cara se parecia.

Incrível como o *Chaves* era a cara do Brasil. Genial o Roberto Bolaños...

O síndico se encaixava bem na descrição: baixo, truncudo, lá pelos cinquenta anos, bastante grisalho e barrigudinho. Óculos... Até o bigode espesso e arrepiado ele tinha! Só faltou o quepe e a bolsa. Também diferenciou-se da personagem pelo olhar malicioso. Não havia nada de ingênuo ou engraçado naquele homem. Era um mau caráter de primeira.

Certos edifícios antigos tinham sempre um denominador comum: um certo odor emanado dos pisos acarpetados, das paredes manchadas, da atmosfera enclausurada. Era um cheiro desagradável, rançoso, ainda que tolerável. A própria atmosfera parecia absorver algo de seus ocupantes: suas memórias, seus podres, seus suores, suas emoções, O elevador gasto rangeu até parar no andar devido. Caminhamos pelos corredores até chegar diante do apartamento. O número? Irrelevante. Duas tiras em "X" bloqueavam a entrada. Comentei sobre isso ao *Jaiminho*. Ele sorriu.

— Pelo preço certo, garanto sua entrada.

Não falei que era o fulano era um escroto? Ele me fez pensar num lanterninha de cine privê, daqueles que facilitavam a entrada de menores de idade e mantinham um rodinho a disposição.

Ao abrir a porta, tive uma grande surpresa. Melhor dizendo, tivemos.

— Ora, ora, ora... Se não é grande repórter do sobrenatural, João Silva! — veio o vozeirão. — Mundo pequeno, hein?

Lá estava ele, parado feito uma coluna de mármore no Coliseu.

— Detetive Elpídio — respondi, satisfeito pela voz não tremer.

Curioso eu não me haver esquecido do nome do brutamontes. Agradei aos céus por estarmos numa estação do ano mais amena e durante o frescor da noite. Recordei-me da outra vez que nos vimos. Ninguém merecia suportar novamente a catanga daqueles sovacos suarentos.

— O que o traz aqui? Não mudou de jornal? Trabalha interno agora, não é?

Pelo visto, o mundo inteiro sabia onde eu labutava e o que fazia. Ou seria outra coisa? Ficara meio desconfiado do homenzarrão desde o princípio, ao me abordar no boteco do Portuga. Ele narrara um caso inacreditável. A história de um manequim de loja que teria trucidado uns ladrões. Coisa bem sangrenta até para os padrões do *Fuzarva*. No final do relato, eu jogara uma isca. Mencionara uma certa reportagem minha. O detetive,

prontamente, dissera ter lido. Problema: eu jamais escrevera tal matéria! Então, para que todo aquele teatrinho? Nunca soube. Ainda assim, a isca dele fora mais poderosa que a minha, pois eu tentara averiguar a veracidade do caso. Minhas andanças, porém, só me conduziram a becos sem saída. Fora até a baixada santista, onde uns presuntos desmembrados surgiram. Mas eles eram o resultado de rixas entre traficantes. Quanto a tal loja, o imóvel estava abandonado, sequer placa tinha. Fosse como fosse, a experiência serviu de base para eu inventar um "causo" de lobisomem. A edição do jornal vendeu bem, e nem precisei pagar comissão ao detetive... Até agora!

— Apenas xeretando. Ouvi dizer que mataram uma mulher aqui.

Detetive Elpídio pestanejou.

— Notícia ruim voa mais depressa que o vento! — Lançou um olhar furioso ao síndico. — Mas o acesso ao apartamento está proibido!

O homem de meia idade gelou.

— E-e-ele só-só ia ver de fora!

— Sei, sei... — E retornando para mim: — Não respondeu a minha pergunta. Por que está aqui?

Pude ler em seus olhos. Ele sabia de meu novo serviço. Eu não era mais repórter do jornaleco. Não querendo complicar as coisas fui tão sincero quanto pude:

— Meu ex-patrão soube da morte e me pediu um artigo *freelancer*.

— Não tem nada assombrado aqui.

— A vítima... Não lhe pareceu familiar?

— Por que seria? Quer saber se vejo filmes de sacanagem?

Na verdade, foi outra isca. Se ele, de fato, acompanhasse o tabloide, saberia da Jackie. Não lhe dei a satisfação de explicar sobre ela ou de responder a sua pergunta. Sem dar tempo dele ruminar os pensamentos, emendei:

— O que pode adiantar sobre o caso, detetive?

Era o *Kolchak* a questionar o *Professor Girafales*. Tremendo *crossover*...

— As investigações mal começaram. Qualquer informação será precipitada. Vá a delegacia daqui a uma semana. Até lá, terei algo de concreto.

— Preciso entregar o artigo na segunda-feira!

— Já? Eles não perdem tempo, né? Mas não tem nada por ora. Tampouco você poderá cruzar as faixas de isolamento ou tirar fotografias. — E voltando-se para o síndico: — Entendeu?

Jaiminho se encolheu todo.

E, retornando para mim:

— Então, Sr. Silva, desperdiça seu tempo e o meu. Terá que preencher os buracos. Não foi essa a expressão que usou no bar?

Acenei um "sim" com a cabeça. Não adiantava confrontá-lo. Pus-me cabisbaixo e fiz cara de desapontado como um garotinho que nada ganhara de Natal. Talvez tocado pela minha atuação, o gigante acrescentou, apaziguador:

— Talvez sirva de consolo saber que você pode andar pelas ruas tranquilo.

— Como assim? Antes eu não podia?

O detetive sorriu, exibindo dentes amarelados pela nicotina.

— Eu tava na sua cola. Por causa da morte do seu vizinho, o tal professor, lembra? Não que fosse considerado um assassino, mas, em minha profissão, não descarto hipótese alguma. Achei difícil crer que justo você, um repórter, não sabia de nada. Ora, o sujeito se matou debaixo do seu nariz! Não comentou nada na época, mas farejou essa morte aqui...

— Respondi antes... Eu dormia na ocasião. Trabalhara feito doido numa reportagem que me fizera perder noites de sono. Tava um bagaço. Nem se uma bomba explodisse, eu acordaria.

— Eu li a declaração. Mesmo assim, há de convir ser estranho você sequer ter criado uma reportagem sobre o caso, né?

— Não tinha nada de paranormal — menti. — Nem quis chamar a atenção sobre o edifício Milland. Perderia meu sossego.

— Podia ter inventado outro nome para o prédio ou sequer citá-lo. Quanto ao sossego, um punhado de jornalistas não rondou o local dias seguidos? Afinal, foram três mortes, incluindo o porteiro. Três! Ademais, aqui também não tem fantasma envolvido, não é?

Touché!

7 - CLIMA TENSO

A atmosfera ficou sufocante.

— Está me interrogando, detetive Elpídio?

O truculento *Professor Girafales* deu um meio sorriso.

— Devia?

Dei o braço a torcer e achei por bem dar ao menos uma satisfação.

— A moça era figura manjada na redação. Uma das peladonas da primeira página...

— Entendo. É mesmo um mundinho pequeno, pequeno demais, eu diria... Não concorda, Sr. Síndico?

Jaiminho, o Carteiro permaneceu calado, visivelmente incomodado pela presença do investigador. Era evidente que não sabia da presença do outro. Contudo, enquanto síndico, devia ter sido informado.

Apesar da temperatura amena, senti o suor escorrer pelas minhas costas.

O clima ficou tão tenso quanto uma linha de pesca com uma baleia na ponta.

Finalmente, o brutamontes relaxou e deu um tapa em meu ombro. Por pouco, não foi deslocado.

— Ah! Ah! Ah! Tô brincando, Sr. Silva. Relaxe! Aquele caso foi encerrado. O professor era um psicopata pirado. Naquele dia, no bar, apenas o distraí para dar tempo a meus auxiliares de fazerem uma vistoria no *seu* apartamento.

— No meu?!

— Só por garantia...

— E quanto ao mandado?

— Ora, não fique zangadinho. Regras existem para serem quebradas. Sabe disso melhor do que eu. Afinal, onde estava a ética profissional nas suas reportagens bombásticas? E o que faria se não me encontrasse aqui?

Senti o rosto queimar e desejei voar no pescoço do detetive. Óbvio que não fiz. O cara tinha o pescoço de um touro e o triplo da minha envergadura, sem contar a sua arma no coldre. Fiquei só cagando na vontade. Mas que fervi de raiva, lá isso fervi. Eu bem sabia o quanto a imprensa podia ser canalha, principalmente ao se vender para políticos — a exemplo de certos artistas —, como se não bastasse o habitual festival de irrelevâncias a adubar o cérebro do povão — as minhas reportagens, por exemplo, reconheci. Mencionar que o jornalismo havia virado jornalixo em razão de militâncias e doutrinas seria pleonasma. Conheci colegas sórdidos, sem escrúpulos, sem um pingão de vergonha na cara. Não valiam o pão que comiam. Não obstante, e apesar de quebrar algumas regras, eu mantinha certas diretrizes e limites. Mas não tinha obrigação e nem vontade de explicar isso ao gorila.

— E achou o que procurava, detetive?

— Ah, Sr. Silva, gosto de nossos papos. Se um fio de cabelo suspeito tivesse sido encontrado, esta conversa seria na delegacia, de modo pouco amigável. Divertido, não acha? Agora, pare de tomar meu tempo e chispa daqui!

Eu e o *Jaiminho* saímos sem pestanejar. Na privacidade do elevador, sussurrou:

— Retorne amanhã cedo que deixo o senhor entrar no apartamento.

Assenti, e voltei para o bom e velho edifício Milland.

Já no refúgio do meu lar, agora não mais inviolado e cercado pela bagunça que somente eu entendia, incluindo uma estante abarrotada de gibis, revistas e livros — principalmente de terror —, caminhei até a escrivaninha. Era de madeira, pequena e velha. Havia adquirido em um brechó e, embora a essa altura já devesse ter adquirido outra maior e mais moderna, conservei-a por um motivo especial. Tateei por baixo do tampo, dedos tocando, procurando... Sim, continuava lá. Entre o tampo e as gavetas havia um nicho estreito. Lá estava, escondido junto às fotos de Jackie: o diário do Prof. Cândido Meirelles de Souza.

Assobiei, aliviado. Enfim, relaxei. Apanhei uma cerveja na geladeira e desabei no sofá.

— Ufa! Foi por pouco... Que dia!

Eu não fora nada sincero, bem sei. Por outro lado, tampouco teria algo a contar. O que diria? Que o cérebro examinado pelo professor adquirira vida, controlara sua mente e quase o fizera com a minha? Era uma história mais incrível do que qualquer bobagem que eu tivesse inventado! E pior, verdadeira. Eu terminaria no Juquiri...

Após tomar um banho, mastigar alguma coisa e assistir besteiro na TV, tentei dormir. O sono custou a chegar, pensamentos em ebulição. Refletia sobre todo o ocorrido. O semblante de Jacqueline foi a última visão que tive antes de, finalmente, adormecer.

— *Paty*... Ela me lembra a *Paty*!

Sim, a musa do *Chaves*. Ela possuía uma composição semelhante: um rosto angelical em contraste com um corpo que nos fazia pensar em tudo, menos no céu. Ah, Jackie, por que te mataram? Drogas? Vingança? Sadismo? Saber demais? Demais o que?

8 - NO APARTAMENTO

Sábado de manhã.

Poderia estar sossegado, pensando no artigo.

Escreveria qualquer besteira e ganharia meus merecidos trocados.

Mas não. A curiosidade era um tipo de vício ou doença e já matara bem mais que um gato!

Bem que desejava ser poupado de mirar a fuça do síndico mais uma vez. Alguma coisa nele não cheirava bem, e não digo apenas no sentido figurado. Depois de algum tempo no meu ofício, a gente desenvolvia um sexto sentido em relação às pessoas, um faro especial. Sim, o meu instinto dizia: esse aí não é boa coisa! Esse cara fede!

— Bom dia, Seu Jurandir.

— Bom dia, Sr. Silva. Vamos lá?

Era uma manhã agitada, bastante gente circulando pela cidade naquela paranóia de paulistano que não conseguia viver longe da multidão. Reclamava-se disso o tempo todo e, quando chegava um sábado, o que fazia? Saía da periferia para o centro da cidade a fim de se enfiar no *shopping*, xeretar vitrines e comprar bugigangas desnecessárias.

E quanto a mim? Como mencionei, eu podia estar sossegado, esticando o sono, cheio de preguiça. Em vez disso, mais uma vez tomava o elevador cheirando a ranço na companhia do *Jaiminho, o Carteiro* que, de tão impregnado, cheirava da mesma maneira. Ele garantiu:

— Desta vez, tenho certeza: não tem ninguém no apartamento.

— Assim espero. Sem apartamento, sem grana!

O síndico fez uma carranca e resmungou qualquer coisa que não entendi e nem fiz questão de saber.

Diante do apartamento, ele tirou um molho de chaves do bolso, procurou a chave correta e abriu a porta. Aguardamos um momento. Silêncio.

— Não disse, Sr. Silva?

Atravessei o umbral por entre o "X" da fita de isolamento, fazendo o possível para não desmanchá-lo. Não foi difícil, afinal, se até um troglodita vitaminado como o detetive Elpídio conseguira, por que não eu? Antes que eu desse um passo lá dentro, Seu Jurandir segurou-me pelo braço, deu um sorriso torto e estendeu a mão. Entreguei-lhe as notas.

— Dez minutos! — avisou. — Vai que o policial volte de supetão...

E postou-se feito um cão de guarda no corredor, olho vivo no relógio: um buldogue velho, pançudo e míope que, em vez de rosnar, gemia.

Pus-me a examinar o interior do aludido apartamento.

O cenário da fatalidade.

O Anjo.

Eu não tinha ilusão sobre descobrir algo que investigadores e peritos já não tivessem esmiuçado. Queria mais era sentir o ambiente a fim de ter um quadro geral para compor a minha matéria.

Seria um bom apartamento, não fosse a localização, o edifício em questão, o odor e a finalidade a que se destinava. Sem luxo, mas espaçoso. Logo após a entrada, havia uma sala grande onde a desordem era geral, a iluminação da filmagem continuava montada, e, num sofá de estofado vermelho, jazia o microfone e sua extensão. Nada de equipamento de filmagem. A mobília havia sido afastada para dar lugar a um tapete branco e felpudo, devia ter dois dedos de espessura. Imaginei que fosse a locação onde se desenrolara a

última cena, o rala e rola. Estava desarrumado, ondulado, dobrado numa das pontas, umas manchas de encardido, no entanto, nenhum sinal de sangue. Vi almofadas atiradas ao chão, retalhos de tecido branco, peças íntimas largadas num canto, um sutiã enroscado no abajur, até notei um ou outro preservativo usado. Que nojo! E o odor... Sim, aquele fedor de clausura, mofo e azedume que nenhum produto de limpeza eliminava. Ah, e algo mais, o inconfundível cheirinho de terra molhada: maconha. E outro mais sutil, amargo: cocaína. Até ali, nenhuma surpresa. Quadros ordinários de nus nada artísticos enfeitavam as paredes à semelhança dos "catecismos" de Carlos Zéfiro ou dos afrescos no Lupanar, em Pompéia. Oh, sim! Repórter de tabloide também é cultura! Vasos traziam plantas artificiais de péssimo gosto, como artificial era tudo aquilo, incluindo as pessoas, os sonhos e os sentimentos simulados.

Na copa, várias garrafas de bebida entre cheias e vazias: cerveja, cachaça e vinho. Restos de salgadinho e farelos de pão sobre a pia serviam de banquete para baratas e formigas. Como os bichos chegaram até ali? Pelo elevador? Achei inacreditável.

Por outro lado, o banheiro não estava bagunçado. Supus que não houvera tempo, depois do ocorrido, para se entregarem ao relaxamento e luxúria de um banho.

Por fim, após muito enrolar, dirigi-me à sacada, onde a tragédia se desenrolara. Ficava além de uma persiana que ia do piso ao teto e de um painel de vidro a fazer vez da parede.

Fora ali.

A queda.

A morte.

A última visão tida pelo Anjo do mundo.

Examinei ao redor minuciosamente, evitando tocar no peitoril.

As ruas.

Os prédios.

Olhei para baixo.

Fora uma queda e tanto.

— O que houve aqui, Jackie?

No que ela teria pensado nos derradeiros segundos até o chão?

Escutei o pigarro do *Jaiminho* do outro lado da sala.

Sai de lá, concluindo ter gasto dinheiro à toa.

Impaciência mitigada, o síndico falou:

— Tenho algo mais... Se pagar!

— Por que eu o faria?

Ele cochichou:

— Gravação!

— O que?!

9 - A GRAVAÇÃO

Eu dispunha dos poucos fatos disponíveis: a cena do crime, o que os funcionários do prédio viram e achavam ter acontecido, o pouco que eu sabia do Anjo. Poderia pesquisar o currículo do diretor do filme, algo da produtora e o filme propriamente. E, claro, o que mais pudesse criar a partir de tudo, tapando buracos, mentindo ou dando

asas à imaginação. Por que eu desembolsaria mais — muito mais — àquele escroto de quatro olhos? O que haveria de tão interessante que as autoridades não soubessem?

Foi quando Seu Jurandir — *Jaiminho, o Carteiro*, o síndico, o escroto —, disse em tom conspirador:

— Nem a polícia sabe!

— Por que não contou a eles?

Fitou-me como se falasse a um retardado:

— Ora, eles não pagam!

O cara era um FDP de primeira, doutorado em mercenarismo. Revelou, enfim, a grande surpresa:

— Tenho uma gravação do que aconteceu lá dentro...

— Como assim? A polícia deve ter confiscado o filme!

— Não esse... Mas o que *eu* fiz! O outro, o senhor não verá nem no dia de São Nunca!

— Cumé qui é? Outro filme?

Ele me explicou. O sacana, enquanto síndico, mantinha câmeras escondidas em vários apartamentos. Apesar de alegar uma questão de segurança, nada tinha a ver com isso. Assim denunciava o cintilar dos olhos do safado! Fosse por perversão, por extorsão ou qualquer outro motivo sórdido, ele fizera um vídeo clandestino das últimas horas de Jackie no apartamento. Fiquei pasmo. Senti um baita embrulho no estômago. Se os casais furtivos soubessem disso...

— Eu...

— Custará caro!

— Eu...

— Quer ver ou não?

Meu desejo foi o de fazê-lo engolir aquele bigodinho ridículo. Como pôde? Contudo, seria hipócrita se eu não confessasse: outro lado de mim ansiava saber do ocorrido. Porém, era mais do que a curiosidade mórbida de um repórter. Sim, sim, sim... Eu confesso! Desejava rever Jacqueline: linda, gloriosa, viva e nua. Mais reveladora do que qualquer clique do Zarolho. Arre! Eu, João Silva, degenerado duma figa! Devia me punir. Dez chibatadas... Cem... Mil! Em vez disso, somei devassidão à minha extensa lista de pecados. Como atenuante, justifiquei a mim mesmo o fato de necrófilos realizarem coisas muito piores em necrotérios... E o síndico Jurandir também.

Em seu apartamento no térreo, na parte do fundo do imóvel, assegurado o pagamento do equivalente a um terço do meu salário — pago em cheque por falta de dinheiro vivo —, levou-me a um computador no canto da sala. O monitor, o gabinete e o teclado traziam marcas de dedo. Farelos de pão e bolacha, bem como fios de cabelo branco se esparramavam entre as teclas. Conforme o meu caso, era a típica moradia de solteirão: uma desordem que apenas o morador compreendia. Novamente, minhas narinas foram ofendidas pelo odor a permear o prédio, só que ali foi mais nauseante.

Então, na tela, eu pude ver...

CONTINUA NO PRÓXIMO MÊS...



SOBRE ROBERTO SCHIMA:

Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação à "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti e os gibis da Disney, Marvel e DC Comics. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais, dos quadrinhos ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. Colaboro também com a revista digital *LiteraLivre*, de Ana Rosenrot. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). O conto *Na Ponta do Lápis* foi o 1º colocado no *Concurso Dia do Escritor* (Ed. Arame Farpado). O microconto *Planos de Substituição* foi o grande campeão do 5º *Torneio Mágico da Mhajulla* (Ed. Mhajulla), tema *Log de Mensagem*. Escrevi: *Pequenas Portas do Eu*, *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Tio Vampiro*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono*, *Vozes e Ecos*, *Caçada no Planeta Duplo*, *Através do Abismo*, *Imerso nas Sombras*, *A Voz do Oceano* etc. Participei de quatrocentas e trinta antologias. Contato: schimaroberto@gmail.com. Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<https://revistaconexaoliteratura.com.br/?s=schima>

<https://www.calameo.com/subscriptions/5443422>

<https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22>

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<https://loja.uiclap.com/pesquisa=Roberto%20Schima>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

O DESPERTAR DA LOBA

OU A MALDIÇÃO DE ANHANGÁ

Por Sellma Luanny
(Primeira Parte)



OS DEUSES
TUPÃ*
GUARACI**
ANHANGÁ***
JACI****



Uma antiga maldição.
Um segredo guardado nas montanhas.
Um destino que desperta sob a lua cheia.



O TALISMÃ DE TUPÃ
NAS MONTANHAS

(Primeira Parte)

OS PRIMEIROS SINAIS

Anunciado naquela noite? Ou dia?

Já não se lembra com exatidão. Nem se lembra se fora uma visão, uma alucinação ou até um sonho. Estivera doente e/ou febril?... Além do que, era então, uma criança muito nova.

Mas quando chegou à adolescência, começou a ligar os fatos.

No primeiro dia da lua cheia e visível, precisava se resguardar. Se se expunha... acontecia. Algum "ser" interior tentava emergir. Até a sua voz mudava.

E assim continuou por anos.

Depois do falecimento da sua mãe, no final da sua infância, não se sentia à vontade para confidenciar com outras pessoas.

Então, a partir dos seus 13 anos de idade, pediu ao pai para ir visitar mais frequentemente a propriedade rural da avó, no interior do estado de Minas Gerais, nas redondezas da vasta cadeia montanhosa.

Pedido concedido e Ana passou lá todas as suas férias escolares dos anos seguintes.

Quando na fazenda da avó, começou a perceber coisas estranhas que aconteciam especialmente, com a tia solteirona que lá vivia.

No primeiro dia da lua cheia, a tia sumia ao entardecer e só aparecia ao amanhecer do dia seguinte. Muitas vezes ela chegava à casa, apresentando sinais de arranhões e outros machucados inexplicáveis. E não dizia nada, mas procurava se isolar por dias, só saindo do seu quarto para atividades básicas.

A avó evitava comentar sobre qualquer coisa relacionada aos aparentes problemas da filha, mas parecia guardar segredos e mágoas.

E com o passar dos anos, Ana não podia mais se expor ao chegar da lua cheia. Já sentia alterações gritantes para quem ainda não compreendia e muito mesmo, conseguia imaginar o porquê: os pelos começavam a aumentar — no corpo inteiro —, as orelhas, pontas dos dedos e os dentes doíam muito e então tudo desaparecia na manhã do dia seguinte.

MUDANÇA PARA PROCURAR ENTENDER

Pelos seus 16 anos, uma semana antes de uma lua cheia, foi definitivamente, para a casa da avó. Já não aguentava todas aquelas alterações que lhe eram além de estressantes, muito preocupantes — para não dizer "aterrorizantes". E o segredo e/ou solução pareciam pairar na região da casa da avó. Sentia como se "um chamado" a direcionasse para lá.

Com permanência decidida, na primeira oportunidade que tivera de ficar a sós com a avó e com os olhos marejados, voz e mãos trêmulas, explicou-lhe o que vinha acontecendo com ela, desde o início da sua adolescência. Ana não compreendia, mas achava que a avó e a tia, sim. E que as duas provavelmente poderiam ajudá-la.

A avó, com as frequentes visitas da neta nos últimos anos, já esperava por aquele desenrolar, mas tinha a noção de que para tudo, havia um tempo certo, inclusive para inteirar a neta do que se passava no próprio corpo.

A MALDIÇÃO

E a avó começou a falar:

— Ana, minha querida netinha, sente-se perto de mim e ouça com atenção. Infelizmente, sinto que o seu tempo de maiores aflições está por vir — disse a avó serena mas seriamente.

E passou a narrar-lhe a "maldição do lobo", que acontecia naquela região.

Tudo começou — afirmou a avó — com a invasão do homem branco, há vários séculos atrás. Quando começaram a cortar madeira, fazer trilhos e adentrar a floresta que cobria a região, avançando no desmatamento e posterior escravização do povo da terra, um pajé de uma grande nação indígena, refugiou-se numa caverna, cuja entrada ficava escondida no meio das montanhas desta região. Lá, ele permaneceu por incontáveis dias dançando e cantando e chamando pelos deuses Tupã*, Guaraci** e Anhangá*** para ajudá-lo a combater a desgraça do invasor.

Aconteceu que Anhangá chegou primeiro e lhe deu o poder de, no primeiro dia da lua cheia Jaci****, transformar-se em um lobo grande e feroz e sair mordendo e eliminando qualquer homem branco que encontrasse. Assim defenderia os animais e os povos da floresta vingando-se e dizimando o invasor. Em troca, Anhangá exigia ser venerado acima de todos os outros deuses.

Após Anhangá consagrar-lhe este poder, chegaram Guaraci e Tupã. Tupã tomando ciência do ocorrido, ordenou a Anhangá que retornasse ao submundo e não saísse mais de lá sem o seu consentimento.

A MISERICÓRDIA DE TUPÃ

Tupã era um deus maior e mais poderoso, mas nem ele nem Guaraci conseguiria desfazer totalmente o que Anhangá fizera.

Para diminuir a maldição que Anhangá lançara, Tupã livraria o pajé de todas as mortes decorrentes das suas mordidas. Mas, ao se transformar em lobo e morder os homens brancos, ao invés de matá-los, passaria a eles uma maldição: eles seriam transformados em lobos no primeiro dia de cada lua cheia e no dia seguinte, voltariam à forma humana.

A maldição seria estendida ao primeiro filho(a) do amaldiçoado, perpetuando-a indefinidamente, a menos que fosse quebrada.

E só poderia ser quebrada por uma das três maneiras que passou a narrar:

— Primeira, o(a) amaldiçoado(a), tendo ou não filhos, ao atingir meio século de idade, seria liberto(a) daquela condição.

— Segunda, se dois amaldiçoados se acasalarem e a mulher ficasse prenha, qualquer fruto desta união duplamente amaldiçoada, morreria logo ao nascer.

— Terceira e a mais importante e definitiva — uma prenda de Tupã —, se um dos amaldiçoados, nos primeiros dias de lua cheia, descobrisse o talismã que Tupã ia guardar nas montanhas, com a sua bênção e a ajuda dos deuses Guaraci e Jaci, todos os acometidos ficariam livres da maldição. Mas, para serem atendidos pela misericórdia de Tupã, teriam que se ajoelhar, juntamente com a deusa Jaci, perante o olhar ameaçador de Guaraci.

O pajé também ficou mais aliviado e logo começou a espalhar a maldição do lobo aos vários homens e mulheres brancos que encontrasse.

Tempos depois, após sentir-se vingado, o pajé suplicou a Tupã que o libertasse do castigo de Anhangá, pois lhe era muito penoso continuar se transformando em lobo, sair mordendo os brancos e sofrer agressões dos mesmos, correndo mesmo o risco de morrer, pois os brancos já cientes da maldição, preparavam-se para se defender e atacar o lobo, quando da lua cheia. E novamente Tupã estendeu a sua benevolência. Chamou por Anhangá e para deixá-lo sair do submundo, disse-lhe para ajudá-lo a desfazer aquela maldição. E assim foi. E o pajé foi libertado.

E essa história passou de boca em boca desde então. Primeiro pelos indígenas e depois pelos brancos que tinham contato com eles.

E esclarecidos da sua condição, os amaldiçoados quando transformados em lobos, passaram a refugiar-se num local secreto bem no meio das montanhas e distante das cidades e vilas. Juntos protegiam-se nas noites de aflição.

A avó de Ana, já cansada de tanto falar, prometendo continuar nos dias seguintes, disse boa noite e foi se deitar.

*Deus do Trovão e criador do Universo, no universo Tupi-Guarani.

**Deus Sol, filho de Tupã e auxiliar deste, na criação dos seres vivos, no universo Tupi-Guarani.

***Deus protetor da Natureza, mas também ligado ao submundo e ao mal, no universo Tupi-Guarani.

****Deusa da Lua, no universo Tupi-Guarani.

Notas de rodapé:

Primeira parte do conto O DESPERTAR DA LOBA OU A MALDIÇÃO DE ANHANGÁ (partes a serem publicadas mensalmente nesta revista).

Todos os fatos narrados, personagens e lugares são obra de mera ficção.

Sobre Sellma Luanny: A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Olha, Isabella

Por Luciana Simon de Paula Leite



Revista Conexão Literatura: **Olha, Isabella**

Antonia abriu as portas de vidro que davam para o jardim, de modo simultâneo, sentindo em suas narinas um misto de poeira fina, pólen de flores, ar frio e umidade. O relógio da sala marcava 09h10 de uma manhã fria e ensolarada, com poucas nuvens em tons de branco esmaecido, como se fossem ocas, estampadas de modo flutuante sobre o firmamento azul e límpido.

Não se passaram nem dois minutos, e ela ouviu o som da campainha, acompanhado de uma voz infantil exigindo a “vó” — era Isabella, sua única neta de sete anos. Sorriu satisfeita; adorava a presença da espoleta e carinhosa menina.

— Já vou, Isa, calma... tô chegando!

Abriu o portão alto de madeira escura, ladeado por um muro repleto de trepadeiras.

Jamais iria se esquecer do dia em que viu Isabella no bercinho da maternidade, ao visitar sua filha, Marlene. Ao lhe ser apontada a menina por um pai um tanto estupefato e choroso, seu olhar encontrou o olhar da criancinha que, por obra de um espasmo involuntário ou reconhecimento espiritual, sorriu-lhe espontaneamente. O mesmo semblante de sua querida filha.

Antonia mal abriu o portão e já recebeu um abraço bem apertado da carinhosa neta, que, após o gesto, entrou correndo rumo à casa. Assim que atingiu a sala, jogou a mochila ao lado do sofá e sentou-se, olhando para a avó ofegante, com olhar atento e postura de quem aguardava atenção.

A avó estranhou a atitude. Parecia que a neta precisava ter uma conversa consigo antes de mais nada. Era um misto de ansiedade, expectativa e urgência em seus olhinhos.

Sentou-se ao lado da menina, recostando-se na almofada volumosa e acolhedora do sofá de linho em tom areia.

— O que foi, querida? Quer um copo d’água primeiro para a gente conversar com calma?

A menina mexeu-se toda, negando a oferta com a cabeça.

— Não, vó! Preciso primeiro conversar com você!

— Tudo bem! O que foi?

A neta respirou fundo e adotou um ar de extrema seriedade. Antonia teve vontade de rir, mas se conteve a duras penas.

— Vó... papai e mamãe estão brigando muito... eu não consigo falar com eles! Estão sempre bravos um com o outro! Eu preciso contar o que aconteceu na escola, mas não quero chatear nem um nem o outro. Parecem tão cansados e sempre nervosos...

Foi a vez da avó suspirar profundamente. Sabia que o casamento da filha não ia bem havia diversos anos. Os pais de Isabella sempre foram apaixonados, mas discordavam com frequência em quase todos os assuntos. Eram pessoas bem diferentes em variados aspectos. Já conversara com a filha em tantas oportunidades que não podia sequer contabilizar. Restava apenas rezar e esperar que resolvessem suas pendências da melhor forma para todos, especialmente para Isabella.

— Filha... você precisa conversar, sim, com seus pais, ainda que seja com um e depois com o outro, um de cada vez. Não é certo você guardar seus sentimentos, e tenho certeza de que irão prestar atenção... Quanto às brigas, são adultos e irão resolver os problemas deles. Coisa de gente grande...

Antonia estava sem graça; faltavam-lhe palavras para consolar a pequena. Mas era isso: não dependia de ninguém, somente do casal. Viver uma relação conjugal infeliz não era positivo para ambos, menos ainda para a filha, a qual não podia ser usada como pretexto para a inércia recíproca.

Mostrou o rosto mais animado, sorrindo:

— Mas fala, Isa, o que aconteceu? Pode me contar, não?

A garota transpareceu alívio.

— Tá, vó...

Pigarreou e começou a falar com muita rapidez.

— Sabe, tem na minha classe uma menina chamada Janaína. Ela fala com todo mundo como se não ouvisse as pessoas, mandando em todo mundo como se fosse mãe ou professora. Brinca mais com os meninos e não gosta de ficar com a gente. Esta semana, a professora falou para a gente desenhar uma casa no campo, com os bichinhos que quiséssemos colocar, pintando o céu, lago, florzinha, o que a gente quisesse, com lápis de cera...

Antonia adotou um ar de surpresa.

— Mas que legal essa ideia! Você desenhou o quê?

— Então, vó... eu desenhei uma casa amarela, com o teto marrom de telha, o céu azul, sol amarelo e laranja. Coloquei umas galinhas perto da casa, mas não sei se dava para ver que eram galinhas... que mais?... Ah, coloquei umas margaridas bem grandonas no jardim!

— Que desenho lindo! Quero ver. Você trouxe?

Isabella ficou calada, com o semblante entristecido, e olhou para baixo.

— Cadê o desenho, filha? Você esqueceu?

— Não, vó! Eu vi a Jana ganhando do Julinho um chocolate e falando no ouvido dele, com a mão na frente para eu não escutar. Depois disso, ela puxou o papel do meu desenho e rasgou ao meio!

— Nossa! O que você fez? Chamou a professora?

— Eu não esperava, vó! Falei que ela não podia rasgar meu desenho! Ela começou a gritar e a falar sem parar, para minha voz sumir!

— E o que aconteceu depois?

— O sinal tocou, todo mundo saiu, e eu fiquei chorando!

— Mas você contou para a professora no dia seguinte?

— Foi sábado o dia seguinte, não teve aula.

— Então foi semana passada. Eu viajei e não te vi. Na segunda-feira, você contou para a professora?

— Não contei, vó... a Jana sempre se faz de coitadinha, sabe?

Antonia meneou a cabeça negativamente e acrescentou, em tom austero:

— Isabella, você precisa aprender a se proteger e a não depender dos outros para valorizar o que é seu. Você tem o direito de ser respeitada. Não tenha medo se alguém gritar com você ou te olhar feio. Numa situação assim, você precisa conversar com a professora. Não no meio da aula ou na frente dos outros. Mas depois da aula, por exemplo, você pode chamar a professora e pedir para conversar com ela, a sós.

— Mas, vó, eu tenho vergonha... e a menina que rasgou o meu desenho grita com todo mundo. Dá até medo dela atacar a gente, puxar o cabelo, beliscar, morder, sei lá...

Antonia riu gostosamente.

— Entendo, Isa. Mas as pessoas que dão medo precisam entender que não podem fazer isso com a gente. Quando eu te falo para se defender, é do jeito certo: falando com quem está lá para te proteger, a professora. Conversar com sua mãe e seu pai também é muito importante! Você não pode deixar que te façam mal, muito menos ficar quietinha sofrendo. Promete para mim que vai fazer isso?

Isabella pareceu pensar com muita gravidade sobre o que ouvia.

— Tá, vó... entendo... mas e a Jana?

— O que tem essa menina?

— Ela vai tirar sarro de mim, colocar apelido feio e ficar rindo com os meninos...

— Se ela fizer isso, querida, você vai contar para a professora, para seus pais e para mim. Os pais dela serão chamados. Ela terá o resultado do que fizer. Entende? Colocar limite para o outro é fazer isso por você. Em primeiro lugar, você deve fazer isso.

Isabella olhou resoluta, mudando a expressão e voltando a sorrir para a avó.

— Sim. Entendo. Agora estou bem! Posso tomar um copo de suco e comer brigadeiro?

Antonia riu com satisfação.

— Filha, pode, mas não agora. À tarde a gente faz brigadeiro, depois de você almoçar e comer o que é bom para a saúde, combinado?

— Tá bom, vó!

De um jeito leve, como se aquela difícil e importante conversa, para Isabella, houvesse sido esquecida, a menina sorriu e abraçou sua preciosa avó.



Luciana Simon de Paula Leite: exerce acerca de trinta anos cargo público como juíza de direito em São Paulo, laborando na área do direito de família e sucessões. Lançou em 2021 romance intitulado “Para nossas meninas”, obra contendo informações sobre violência doméstica e familiar. Escreve como colunista sobre direito das mulheres no jornal digital Magis.

AS VIAGENS DE GULLIVER

Ajude Gulliver a sair da terra dos Liliputianos e voltar ao seu navio.



INÍCIO



SAÍDA



Revista
CONEXÃO
LITERATURA



AMOR PELOS LIVROS

MÍDIA KIT 2026

“

LIVROS
CONECTAM IDEIAS.
NÓS CONECTAMOS
LEITORES E HISTÓRIAS.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA



REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Um espaço dedicado à literatura em todas as suas formas.

Publicamos contos, crônicas, poemas, entrevistas, resenhas e artigos que inspiram, informam e transformam.

ESTATÍSTICAS QUE CONECTAM



+802 MIL
seguidores no
FACEBOOK



+295 MIL
seguidores no
INSTAGRAM



+5 MILHÕES
de acessos em nosso
SITE



ANUNCIE COM QUEM FALA COM LEITORES!

Divulgue nas edições da nossa revista e conecte sua marca a um público apaixonado por leitura.



E-mail:
ademir@revistaconexaoliteratura.com.br



Site:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

ACESSE O QR CODE
E CONHEÇA O NOSSO MÍDIA KIT



MÍDIA KIT 2026

BAIXE AS EDIÇÕES ANTERIORES

Explore conteúdos inspiradores com entrevistas exclusivas, contos, crônicas, poemas e dicas para leitura.



CONTEÚDOS EXCLUSIVOS

Artigos, entrevistas e criações literárias



VARIEDADE LITERÁRIA

Contos, crônicas e poemas



DICAS PARA LEITURA

Sugestões de livros e autores



DOWNLOAD



ACESSE E BAIXE GRATUITAMENTE:

www.revistaconexaoliteratura.com.br




OPÇÕES PARA DIVULGAÇÃO



Veja como é fácil divulgar o seu livro, livraria, editora, produto ou serviço nas edições e redes sociais da Revista Conexão Literatura.

TENHO INTERESSE EM UMA DAS OPÇÕES OU MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

 e-mail: ademir@divulgalivros.org
Aos cuidados de Ademir Pascale

OPÇÃO

1



DIVULGAÇÃO DE AUTOR/LIVRO

Entrevista publicada no site e em 1 edição da revista digital Conexão Literatura. 01 postagem do link e banner da entrevista em nossa fanpage e Instagram, somando mais de 1 milhão de seguidores.

 CUSTO: Brasil= R\$ 180,00 · Portugal= € 37



OPÇÃO

2



ANÚNCIO – 1/ PÁGINA (INTERNA)

Anúncio de 1 página interna (tamanho A4) em 1 edição da revista digital.

- Fazemos a arte sem custo adicional.

 CUSTO: Brasil= R\$ 200,00 · Portugal= € 60



OPÇÃO

3



ANÚNCIO – 1. PÁGINA (INTERNA) (EM 6 EDIÇÕES)

Anúncio de 1 página interna (tamanho A4) em 6 edições da revista digital.

- Fazemos a arte sem custo adicional.

 CUSTO: Brasil= R\$ 1.000,00 · Portugal= € 300



OPÇÃO


4



BANNER CLICÁVEL (SITE)

Banner clicável na lateral da página principal do site. Formato (dimensões): 306 x 194, em jpg.

- Duração: 03 meses

 CUSTO: Brasil= R\$ 300,00 · Portugal= € 80



OPÇÃO

5



CAPA DO LIVRO / PRODUTO / NOTÍCIA

Capa do livro, produto ou notícia no rodapé da capa de uma edição da revista + chamada para página interna.

- Na página interna da edição publicaremos o artigo ou release + imagem.

 CUSTO: Brasil= R\$ 500,00 · Portugal= € 100




OPÇÃO

6



CAPA DA REVISTA + ENTREVISTA (DESTAQUE)

Seja capa da nossa revista. Capa (Frente) de 01 edição da revista + entrevista em destaque na edição. A edição será divulgada durante o mês vigente em nossas redes sociais. A postagem com a capa ficará fixa no topo da nossa fanpage: www.facebook.com/conexaoliteratura e na lateral da página principal do nosso site.

 CUSTO: Brasil= de R\$ 2.500,00 por R\$ 1.900,00 · Portugal= € 370



PARA MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

e-mail: ademir@divulgalivros.org · c/ Ademir Pascale

 **PORQUE
AMAMOS
LIVROS**

REVISTA
**CONEXÃO
LITERATURA**



NO AR

DESDE 2015

CONECTANDO
AUTORES E LEITORES



DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO
todo dia 1º de cada mês


MENSAGEM DO EDITOR



Olá, meu nome é Ademir Pascale, sou o criador da revista Conexão Literatura e luto em prol do incentivo à leitura. Todas as nossas edições (mais de 120 edições), estão disponíveis gratuitamente para os leitores baixarem e se você leitor(a) quer ajudar-nos nesse projeto, poderá doar uma quantia de qualquer valor.



PARA DOAR UMA QUANTIA DE
QUALQUER VALOR:

CLIQUE AQUI 



PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO

CLIQUE AQUI 



ACESSE O NOSSO SITE E REDES SOCIAIS:

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR



Facebook
@conexaoliteratura



Instagram
@revistaconexaoliteratura



Youtube
@conexaonerd